

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

EBIFÂNIA DA SILVA ORTIZ

**VIDA E LÍNGUA KAIOWA:
UM ESTUDO NA COMUNIDADE PANAMBI LAGOA RICA (MS)
Teko há nhe'ẽ Kaiowa
Pete'i Jaha'ipy Tekoha Panambi Lagoa Rica py (MS)**

DOURADOS/MS, 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

O186v	<p data-bbox="341 344 647 376">Ortiz, Ebifânia da Silva</p> <p data-bbox="341 421 1342 524">Vida e língua Kaiowa: um estudo na comunidade Panambi Lagoa Rica (MS) = Teko há nhe'e Kaiowa: pete'i jeha'ipy tekoha Panambi Lagoa Rica PY (MS). / Ebifânia da Silva Ortiz. – Dourados, 2022.</p> <p data-bbox="379 568 1043 600">Orientadora: Professora Dra. Aline Castilho Crespe</p> <p data-bbox="341 645 1310 707">Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p data-bbox="367 779 1235 810">1. Kaiowa – língua. 2. Bilinguismo. 3. Panambi Lagoa Rica. Título.</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

EBIFÂNIA DA SILVA ORTIZ

**VIDA E LÍNGUA KAIOWA:
UM ESTUDO NA COMUNIDADE PANAMBI LAGOA RICA (MS)**

Teko há nhe'ẽ Kaiowa

Pete'i Jaha'ipy Tekoha Panambi Lagoa Rica py (MS)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Antropologia, na área de concentração em Antropologia Sociocultural.

Orientadora: Professora Dra. Aline Castilho Crespe

Dourados/MS, 2022

EBIFÂNIA DA SILVA ORTIZ

**VIDA E LÍNGUA KAIOWA:
UM ESTUDO NA COMUNIDADE PANAMBI LAGOA RICA (MS)**

Teko há nhe'ẽ Kaiowa

Pete'i Jaha'ipy Tekoha Panambi Lagoa Rica py (MS)

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE NO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA - PPGAnt/UFGD

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Presidente e orientadora:

Aline Castilho Crespe (Dra. UFGD) _____

2º Examinadora:

Rosa Sebastiana Colman (PPGAnt/UFGD) _____

3º Examinador:

Eliel Benites (Dr. UFGD) _____

Suplente

Levi Marques Pereira (Dr. UFGD) _____

AGRADECIMENTOS

Com muito carinho faço um agradecimento a todos que me motivaram e me apoiaram no final da minha caminhada como mestranda. Gostaria de agradecer a todas as pessoas que contribuíram comigo com seus conhecimentos e me lembrarei de cada uma delas, com carinho.

Primeiramente agradeço muito NhandeJary que esteve comigo em momentos difícil, nas noites mais duras, nos momentos que minha ansiedade era muito grande, pedia e agradecia pela minha saúde e pela preocupação que teve comigo. Em segundo agradeço a minha família que esteve e estava dialogando sempre comigo, aos meus pais que me apoiou bastante. Meu pai, como liderança, contribuiu muito com a pesquisa conversando comigo. Aos meus irmãos, que sempre respeitam meus momentos e conversam muito comigo. E especialmente, com muito carinho, agradeço muito minha avó materna que contribuiu muito com suas memórias e histórias.

Na UFGD e no PPGAnt agradeço aos professores que estiverem me apoiando e motivando em continuar na antropologia, especialmente aos professores do curso de Ciências Sociais, Marisa Lomba e Marcílio Rodrigues Lucas e aos professores do PPGAnt Grazielle Acçoline, Diógenes Cariaga, Rosa Colman e Levi Marques Pereira, que me auxiliaram na pesquisa sobre autores indígenas. Agradeço ao professor Coordenador Eliel que contribuiu muito com a pesquisa trocando bastante ideias comigo. Agradeço a minha orientadora pela paciência e pela amizade, ela estava lá me acordando e me apoiando muito.

Agradeço aos professores da escola Municipal Joãozinho Caarapé e da escola Estadual, extensão da escola na aldeia Panambi. Meus colegas e amigos foram os pilares da minha pesquisa. Quero agradecer aos jovens e adolescentes do acampamento Guyra Cambiy e da aldeia Panambi que contribuíram com suas histórias e me auxiliaram bastante na pesquisa.

Aos ñandesy e ñanderu da comunidade Lagoa Rica pelos alguns cantos que aprendi e entrevista coletada por mim dos mais velhos e professores Indígenas.

No final da caminhada, em memória da minha avó que perdi em fevereiro de 2022, agradeço a ela pelas falas de carinho que tem por mim.

Na pesquisa etnográfica agradeço aos autores indígenas que me ensinou e me encorajou para fazer antropologia e me ensinou sobre como fazer pesquisa na nossa própria comunidade. Aos pesquisadores não indígenas agradeço por contribuírem com ideias para fortalecer a pesquisa sobre o meu povo.

E imensamente quero agradeço ao professor de Guarani João Carlos Mota e a professora da Língua materna Janaina Cáceres, e a professora da Língua Inglesa Neiva Sifrone Ribeiro por me auxiliar com tradução do meu trabalho.

Nessa caminhada foi um momento de isolamento e por isso alguns meus amigos acadêmicos, mestrando, e doutorandos estavam longe, ainda sim estavam me acompanhando e encorajando na pesquisa.

No entanto agradeço especialmente, as pessoas que estávamos presentes na minha banca de defesa e aos meus amigos Gileandro Barbosa Pedro, Danrley, Janaina, Leniel Benites, Hildyane, Isadora e a minha irmã Helbia Ortiz e ao demais, que me fortaleceram com a sua presença, e aos professores Aline Crespe, Rosa Colman, e ao Eliel Benites,

Obrigada a todos e todas que estiveram e acreditaram em mim.

Aguyjevete.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAND – Colônia Agrícola Nacional de Dourados

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

MEC – Ministério da Educação

MS – Mato Grosso do Sul

PPP – Projeto Político Pedagógico

QIB – Questões Indígenas Brasileiras

RID – Reserva Indígena de Dourados

SPI – Serviço de Proteção aos Índios

SPIILTN - Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais

UCDB – Universidade Católica Dom Bosco

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Pg.
41	
Imagem 2	Pg.
42	
Imagem 3	Pg.
61	
Imagem 4	Pg.
62	
Imagem 5	Pg.
63	
Imagem 6	Pg.
64	
Imagem 7	Pg.
66	
Imagem 8	Pg.
67	
Imagem 9	Pg.
68	
Imagem 10	Pg.
69	
Imagem 11	Pg.
70	
Imagem 12	Pg.
71	
Imagem 13	Pg.
71	
Imagem 14	Pg.
72	

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Pg.59
Tabela 2	Pg.60
Tabela 3	Pg.60

RESUMO

Nesta pesquisa procurei conhecer e escrever a importância da língua guarani na transmissão dos conhecimentos kaiowa e sobre os efeitos da presença do português e o bilinguismo na comunidade Panambi Lagoa Rica. Realizei a pesquisa convivendo, observando e conversando com pessoas da minha comunidade, de diferentes idades e em diferentes contextos. A importância da língua guarani na transmissão dos saberes indígenas sempre foi uma questão importante para mim, enquanto estudante kaiowa. A chegada dos brancos com sua língua, seu sistema de conhecimento e sua escola afetou diretamente a vida nas comunidades guarani e o uso do português se tornou cada vez mais necessário para se relacionar com os brancos. Por outro lado, mesmo o uso mais frequente do português não excluiu o uso do guarani na vida cotidiana. O Guarani continua sendo a língua utilizada na transmissão dos conhecimentos necessários para a formar uma pessoa kaiowá e é a língua utilizada tanto em casa como na escola indígena. Assim, a partir da minha própria vivência e de outras pessoas da comunidade, procuro refletir sobre a força da língua guarani que tem resistido viva, ativa e forte frente a chegada dos brancos e da língua portuguesa. Para isso realizo uma etnografia do meu tekoha, observando a escola, a casa, fazendo isso no meu cotidiano. Na pesquisa observei que, por mais que os Kaiowa dominem o português, ele continua sendo uma língua estrangeira usada, principalmente, para se relacionar com os karai ou para lidar com as coisas vindas do mundo dos brancos. Tudo o mais, que se refere a vida kaiowa, é dito e ouvido em guarani.

Palavras-chave: kaiowa, Língua, bilinguismo, Panambi Lagoa Rica.

ABSTRACT

Kaiowa Life and Language: A Study in the Panambi Community Lagoa Rica (MS)

In this one, I tried to know and write about the importance of research on the Guarani Language in the transmission of Kaiowa knowledge and on the effects of the presence of Portuguese and bilingual in the Panambi Lagoa Rica community. I did it by living, analyzing and analyzing the different people in my community and in different contexts. Importance of the Guarani Language in the transmission of Indigenous Knowledge has always been an important issue for me as a Kaiowá student. The arrival of whites with their school directly affected life in the Guarani communities and the use of Portuguese became increasingly necessary to relate to whites. On the other hand, even the more frequent use of Portuguese did not exclude the use of Guarani in everyday life. Guarani continues to be the language used in the transmission of the house as being the school to form a language used both at home and indigenous. So, based on my own experience and that of other people in the Guarani Language that has a lively, active and strong resistance to the arrival of whites and the Portuguese language. For this, I carry out an ethnography of my *tekoha*, observing the school, the house, doing this in my daily life. In the research, I observed that, as much as the Kaiowa master Portuguese, it continues to be a foreign language used, mainly, to relate to the Karai or to deal with things coming from the White world. Everything else that refers to Kaiowa life is here and heard in Guarani.

Keywords: Kaiowa, Language, Bilingualism, Panambi Lagoa Rica.

Teko ha nhe'ẽ Kaiowa: Pete'i Jeha'ipy Tekoha Panambi Lagoa Rica py (MS)

Ko jeporekapy aheka aikua'a haguã há ave ahai iporahã nhamombareye guarani há kaiowa nhe'ẽ, mba'epo ombohasa umi arandu rehegua, ha hendive avei oguata nhe'ẽ karai mba'eva há'eva nhe'ẽ mokoïha rehegua tekoha Panambi lagoa Rica. Aporeka che jeporeka há'e akase'a rupive há ama'e rupi umi hentere che tekohapy gua, mby'ahu kuera há umi itujaveva ndive ave. nhe'ẽ guarani há kaiowa imbarete haguã há ombohasa haguã ore reka orevy há upeagui che amomba'e guasu ore guarani há kaiowa nhe'ẽ. Karai kuera oguhẽ jave ha inhe'ẽ heko kuera, inhãrandu mbo'eroy pegua rupi ombo'e guarani ha kaiowa pe onhemoarandu jave karai mbo'eroypy há uperupi karai nhe'ẽ mbegue katu kuepe ojuka ohovo guarani ha kaiowa nhe'ẽ. Há tekoha oïhape, nonhe'e veima inhe'ẽpe, omomba'eguasú etereima karai nhe'ẽ. Há karai nhe'ẽ ave ikatu voi guarani há kaiowa aikua'a onhe'ẽ haguã karai ndive. onhe'ẽ jepeverõ karai nhe'ẽpe guarani kaiowa ndohejapairy inhe'ẽ. Guarani ha kaiowa onhe'ẽ jepevero ambu'e nhe'ẽ há'e há'e voi oikoharupi ha há'e inhe'ẽ oiporu hogape há mbo'eroypy. Há peicha, che reko aikoharupi há oïva ave che tekohapegua. Che ajehesamondo guarani kaiowa nhe'ẽre há há'e imbaretaha tekohape, oimeramo jepe ambu'e nhe'ẽ tekohape ha'e imbaretavy teri. Upeagui ajapo peteĩ jeporeka te'ei nhe'ẽ rehegua che tekohape guare mbo'eroy ryepype. Ajeporeka jave ahecha ke te'yi onhe'ẽ jepeverõ karai nhe'ẽpe há pekarai nhe'ẽ há'e karai mba'e tatevoí. Ha iporã ave te'yi oikua'a mokõ'i nhe'ẽ nhaikotevero hese nhanhe'ẽ haguã ndaikatui guarani ha kaiowa oheja inhe'ẽ. Heta nhe'ẽ guarani ha kaiowa rehegua onhe'ẽ nhe'ẽhetaro, onhe'ẽ nhe'ẽ há onhehendu te'yi nhe'ẽpe.

PALAVRA-CHAVE: Kaiowa, nhe'ẽ, Panambi Lagoa Rica.

Sumário

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	5
LISTA DE IMAGENS.....	6
LISTA DE TABELAS.....	7
RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	9
RESUMO EM GUARANI.....	10
INTRODUÇÃO.....	12
Etnografia na quarentena: o desafio de fazer pesquisa etnográfica.....	21
CAPÍTULO 1: OS KAIOWÁ NO MS E A CHEGADA DOS KARAIÍ.....	24
1.1 As Reservas Indígenas e as transformações na vida kaiowa.....	27
1.2 Um pouco mais de história guarani e kaiowa.....	36
1.3 Nosso território tradicional, Kaiowá Rekohaty Ka'aguy rusu pe.....	43
CAPÍTULO 2: A ESCOLA INDÍGENA E O USO DO PORTUGUÊS.....	47
2.1 Desafios da escola indígena: como trabalhar os saberes indígenas na escola?.....	49
2.2 As escolas na terra indígena Panambi Lagoa Rica e a formação dos professores.....	55
2.3 O ensino médio, uma escola de extensão.....	58
2.4 Desafios no processo de ensino e aprendizagem na escola.....	73
CAPÍTULO 3 – A CASA, O COTIDIANO E A LÍNGUA INDÍGENA.....	85
3.1 A casa e o ensino Kaiowá.....	87
3.2 A importância da palavra.....	93
Considerações finais.....	97
Referências Bibliográficas.....	99

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é conhecer e registrar sobre o uso e a importância da língua guarani para os Kaiowa na transmissão dos conhecimentos indígenas. Dentro dessa perspectiva procurei refletir sobre os motivos da entrada do português na vida kaiowa e os efeitos do bilinguismo na vida indígena e como isso afetou as relações sociais dentro da comunidade. Realizei minha pesquisa na Terra Indígena Panambi Lagoa Rica, onde vivo com minha família. Fiz a pesquisa com meus parentes, amigos, participando de atividades que fazem parte do meu cotidiano e observando como a escola afeta o processo de transmissão de conhecimentos nos dias de hoje. Para realizar a observação durante a pesquisa selecionei dois ambientes diferentes, a escola e a casa. Eles foram escolhidos por serem locais que proporcionam experiências diferentes no processo de transmissão de conhecimentos e o fato de ser professora na escola da comunidade favoreceu a observação dentro dela.

Sou da etnia kaiowa e resido atualmente onde cresci e nasci, na terra indígena da aldeia Panambi Lagoa Rica, no município de Douradina, Estado do Mato Grosso do Sul (MS). Minha pesquisa foi realizada nesta terra indígena e consistiu em investigar a importância da língua guarani na transmissão de conhecimentos kaiowá. Para isso trabalhei a partir de alguns questionamentos que me mobilizaram desde a escrita do meu projeto para ingressar no mestrado: como o conhecimento é transmitido para as gerações mais jovens? Qual o impacto que a chegada dos brancos, com sua língua, sua escola e seu sistema de conhecimento, teve na transmissão de conhecimentos indígenas? Como as famílias da minha comunidade, na aldeia Panambi Lagoa Rica, tem feito para ensinar as crianças os conhecimentos importantes para o sistema de conhecimento Kaiowá? Qual o impacto que o uso cada vez mais frequente da língua portuguesa tem na transmissão do conhecimento kaiowa? Como diferentes gerações lidam com essas questões relacionadas a transmissão dos conhecimentos, isto é, o que os mais velhos acreditam ser importante conhecer e como os jovens têm lidado com isso?

Todas essas questões me mobilizaram durante o trabalho e procurei responder todas a partir da minha experiência no meu tekoha, a partir da Aldeia Panambi Lagoa Rica. É o lugar onde nasci e cresci junto com meus irmãos, onde recebi os conhecimentos que meus pais aprenderam nascendo e crescendo nesse mesmo lugar. Meus pais se casaram nessa mesma aldeia e nela tiveram seus filhos. Atualmente moramos neste lugar, que chamamos de Lagoa Rica e foi nele que pude aprender

conhecimentos importantes sobre os Kaiowá, conhecimentos que meus pais e avós aprenderam vivendo nesse mesmo tekoha.

Deste modo, quero começar meu trabalho dizendo que, durante a pesquisa, fui entendendo que tão importante quanto a língua indígena, o território também se mostrou um elemento fundamental para a transmissão dos saberes indígenas. Por este motivo começo minha dissertação falando sobre minha família e meu território, porque é na família e na terra que se ensina e se aprende a língua, os mitos, os rituais e tudo que é importante para produzir uma pessoa; é no território que se vive e nele se levanta e se realiza a pessoa Kaiowá.

O meu pai se chama Dorvalino Ortiz e a minha mãe Martalina Verga da Silva, os meus avós paternos se chamam Germina Jorge e Bernardo Quevedo Ortiz. Meu avô paterno não conheci, pois já tinha falecido antes de eu nascer. Com todo respeito em relação à história do meu avô paterno posso contar um pouco a respeito da morte dele. Bernardo era um dos “policiais”¹ na aldeia e veio a óbito devido a um AVC. Além do meu avô foram várias pessoas que marcaram a história na aldeia, pois cada um tinha a sua função em manter o lugar e comunidade segura.

Muitos conheciam meu avô, mas nem todos da comunidade gostavam dele pois ele era um paraguaio e faziam parte como policial da comunidade, o pessoal o chamava de Maki Paraguai. Meus pais me diziam que, antigamente, para ser um policial deveria ser nomeado pelo capitão. Hoje em dia não existe mais policiais indígenas dentro da minha comunidade e a organização política dentro da comunidade passou por várias transformações. Atualmente quem decide sobre a liderança é a comunidade local, a partir do voto democrático, pode se candidatar várias pessoas nascidas dentro da comunidade e eleger um. Atualmente dentro da comunidade temos capitão e vice-capitão presentes, pois é o povo que elege.

Nos identificamos como povo indígena Kaiowa. Se chegar a uma casa e perguntar da etnia vão falar que é Kaiowa. Todos os moradores e moradoras na comunidade falam e fortalecem o uso da língua materna, que é kaiowá. Cada família tem suas trajetórias de vidas diferentes, isso se deve ao impacto da chegada dos brancos em um território que era ocupado pelos Kaiowa. Alguns vão dizer que veio de família

1 O Serviço de Proteção aos Índios criou oito reservas indígenas no sul do MS para remover as famílias Guarani e Kaiowá de seus territórios e reduzi-las em pequenos espaços. Dentro das reservas foi criada a figura do “Capitão”, que auxiliava o SPI e depois a FUNAI, no ordenamento da reserva. O capitão arregimentava alguns homens nas reservas para formar a “polícia” indígena, que auxiliava o capitão na sua missão.

Guarani Nhandeva, mas que hoje se considera mais como Kaiowa. Os Guarani Nandeva foram se misturando nas aldeias kaiowa devido as atividades na erva mate, que foram deslocando as famílias indígenas de seus territórios tradicionais e colocando em reservas. Algumas comunidades, como Lagoa Rica, são formadas majoritariamente por Kaiowa e com o tempo alguns Guarani Nandeva que vivem nelas acabam se identificando como Kaiowa, pois a comunidade é fechada e diz que só pode morar nela quem é da etnia kaiowa. Se alguém chegar e perguntar para minha família materna, principalmente se forem pessoas não indígenas, se é guarani, meus avós maternos vão falar que não somos Guarani, que somos Kaiowa. Esse é um jeito kaiowa de deixar definido que, apesar das mudanças e chegada de pessoas vindas de fora, os kaiowa seguem sendo kaiowa e preferem viver entre eles.

A mistura (*jopara*) entre pessoas de diferentes etnias indígenas e também com pessoas não indígenas é resultado da chegada dos brancos nos territórios kaiowá e isso significou também uma mistura de sistemas de conhecimentos, de línguas e de organizações sociais. Essa mistura, muitas vezes, foi resultado de choques violentos entre indígenas e não indígenas. A partir da chegada dos brancos, começa a surgir a preocupação com o território. Até o final do século XIX os Kaiowa não tinham essa preocupação, havia espaço suficiente para as famílias e em caso de conflitos, doenças, tragédias, poderia a familiar procurar outro lugar adequado para assentar sua família. Tudo mudou com a chegada dos brancos, das reservas indígenas, das escolas, do trabalho fora da comunidade, do dinheiro, da língua do branco e do papel.

A partir da chegada dos brancos surgiram muitos conflitos e disputas pelas terras e meus avós vivenciaram. Por causa disso as famílias tiveram que mudar para lugares diferentes, até achar um espaço para poder plantar, caçar e criar uma família, e até que encontraram aqui na aldeia Panambi Lagoa Rica. A perda do território e a história de sua recomposição produziu muitas memórias que jamais serão esquecidas pelas pessoas mais velhas da comunidade e hoje essas memórias são parte importante dos conhecimentos que devem ser transmitidos as gerações mais jovens. As crianças e jovens precisam conhecer, a partir da história narrada pelos mais velhos, sobre o valor do território para continuarmos existindo como Kaiowa.

Meus avós maternos Nalzira Verga e Dorvalino da Silva vieram de outro lugar, chamado Paraguasu, no município de Paranhos (MS). Eles contam que a vinda para cá foi motivado por um conflito familiar. O irmão mais velho da minha avó foi morto pelo vizinho. O conflito foi gerado pelos próprios irmãos, pois existiam muitas brigas entre

eles pela disputa da terra dos seus pais e pela procura de sobrevivência de terra para plantar. Ao decorrer do tempo os meus avós mudaram para aldeias diferentes, ficavam alguns meses e mudavam para outro território, até que encontraram um lugar, segundo minha avó foi em 1964, e começaram a morar em Panambizinho, quando ainda era chamada Vila Cruz. E depois mudaram para Lagoa Rica e ficava por um tempo e depois voltava para Vila Cruz, e até que decidiram ficar na aldeia Lagoa Rica, onde vivem até agora. Quando eles decidiram permanecer na aldeia Lagoa Rica ficaram com pouca terra, pois foi um pequeno lote dado pelo capitão.

Meus avós paternos já vinham conseguindo uma parte de terra, pois já estavam morando em Lagoa Rica e a terra sustentou a família. Assim como minha mãe e minhas tias nasceram e cresceram na aldeia onde estão até hoje. Meus pais tiveram cinco filhos, três meninas e dois meninos. Todos nós frequentamos a escola. Minha irmã mais velha é formada em geografia pela UFGD e o meu irmão também está na universidade federal.

Em 2015 entrei para a UFGD para fazer a graduação em Ciências Sociais. Deste meu ensino médio sempre me esforcei com os estudos porque meus pais nos diziam para estudar, pois na época eles não tiveram essa oportunidade que hoje nós temos, de terminar o ensino médio e ir para a universidade. No momento presente, apesar das dificuldades financeiras, se tornou possível ter o acesso à universidade, mas é difícil concluir o ensino médio e chegar nela. Quando passei no vestibular meus pais não tinham condições de me manter na faculdade. Me mudei para Dourados, passei a morar na moradia estudantil da UFGD dividindo casa com cinco colegas e sobrevivi com a bolsa do MEC para estudantes indígenas. Com o valor da bolsa ainda conseguia ajudar meus pais com alguma conta de casa. Enquanto estudava meu pai trabalhava de bico e minha mãe só ganhava a bolsa família da previdência social do governo, que não era uma quantia alta.

A minha irmã mais velha ela já estava na faculdade, cursando o 1º ano no curso de geografia. Ela me ajudou a me inscrever no vestibular da UFGD e consegui passar na primeira chamada. Quando “cai” no mundo dos *karai* (não indígena) e passei a morar entre eles, comecei a perceber as diferenças entre o meu mundo e outro mundo, o espaço o tempo eram outros, os modos de pensar também, tudo me parecia diferente. A partir do momento que entrei na universidade, no mundo dos brancos, me dei conta que nesse mundo você é apenas você, sozinha, seus familiares não estão lá, seus amigos os seus conhecidos também não. Não foi fácil.

No começo, nos primeiros dias de aulas, ficava muito pensativa sobre o que estava fazendo lá. Enquanto os calouros que chegaram comigo já estavam fazendo amizades eu me sentia excluída, demorei mais tempo para conhecer as pessoas. Por outro lado, meus veteranos ajudaram muito com informações sobre como conseguir as bolsas, com informações sobre o curso, sobre os professores e deram dicas sobre quais disciplinas escolher. Ainda assim não conseguia me sentir segura. Me sentia perdida. E sozinha. Depois que acabavam as aulas não sabia aonde ir, só queria voltar para casa e ia para o ponto de ônibus para pegar o ônibus e voltar para casa. E assim levei meses para me acostumar, me soltei mais com o tempo, comecei a participar mais dos eventos, seminários, semana acadêmica, tudo que tinha na faculdade comecei a participar.

Criei novos amigos no curso e passei a conversar mais com alguns professores, que foram muitos atenciosos comigo e cada vez mais ficava mais tempo no mundo dos karai, participava dos eventos, viajava, participava dos grupos de estudos, etc. Era de manhã, a tarde e à noite no campo da universidade. Assimilei muita coisa, principalmente as discussões envolvendo as comunidades indígenas, a questão da disputa pela terra. Comecei a participar dos movimentos indígenas e estudantis, fiz viagens para participar de eventos regionais e nacionais. Viajamos em grupos de acadêmicos indígenas, o que fazia eu me sentir bem por estar junto com meus parentes indígenas. Com eles não me sentia sozinha, pelo contrário, me sentia mais tranquila e mais corajosa para lutar pelos mesmos direitos. A luta pela terra e por outros direitos indígenas nos unia dentro da universidade. Nossas lutas vinham de fora, das nossas vidas em nossas comunidades e nos ajudava a nos identificar e nos reunir enquanto indígenas na universidade. Juntos, a gente se fortalecia, discutia e levava adiante nossa luta e a resistência dos povos Guarani e kaiowá.

No curso me apaixonei pela disciplina de antropologia. A primeira professora que tive contato na antropologia foi com Aline Crespe, que depois escolhi para ser a minha orientadora no mestrado. Durante o curso conheci vários professores da antropologia e que tenho um carinho enorme, aprendi muito com eles que abriram um leque de possibilidades para mim para estudar meu povo. E ao falar do meu povo uma questão se repetia, a luta pela terra e a necessidade de demarcar os tekoha reivindicados pelas famílias indígenas no Mato Grosso do Sul. Fui percebendo que a história indígena que lia nos textos e que meus professores tratavam em aula é a história de muitas famílias que conheço, no meu caso era também a história da minha família. Se eu podia pensar sobre a história da minha comunidade lendo os textos, fui entendendo que se me

aprofundasse na história da minha comunidade poderia entender mais dos textos e da história dos povos indígenas no MS.

Quando éramos crianças, de 2000 em diante, meus pais já estavam na luta pela. Não só pela terra, eles também queriam ter acesso à escola, posto de saúde, instalação da energia elétrica, acesso a água. Havia Aty Guasu e lá estávamos por melhorias dentro da comunidade. Então cresci na luta acompanhando meus parentes. Em 2006 fomos para um acampamento, também chamado pelos kaiowá de *retomada*. Fomos despejados e mudamos para outro acampamento e mais uma vez fomos despejados. Mas não baixamos a guarda e voltamos no lugar onde é chamado Guyra Kambiy e lá estão alguns familiares ainda.

Minha família acabou precisando voltar para aldeia por causa da escola e também para conseguir ter acesso a energia, que só tinha na aldeia e que era importante para manter os filhos na escola, para não ficar no escuro e para ter acesso as novidades que íamos conhecendo, como a televisão. Além disso, os conflitos com os fazendeiros aumentavam na retomada, eram mais frequentes e significava uma situação de perigo permanente. Éramos adolescentes e meus irmãos eram pequenos, meus pais queriam nos manter na escola e seguros.

Nos mudamos, mas minha avó e o meu avô ficaram na retomada e permaneceram nela até 2019. A permanência dos meus avós possibilitou que mantivéssemos contato frequente com a retomada. Enquanto estiveram no acampamento os visitei todos os dias com água gelada para tomar tereré e manter a conversa em dia. Eles sempre tinham algo a me contar. Depois de algum tempo meu avô começou a ficar doente e como só estava minha avó para cuidar dele pedimos para eles virem para a aldeia morar com a gente, pois podem contar com o apoio do posto de saúde e poderíamos cuidar de perto, comprar e ajudar a dar os muitos remédios necessários. Ele tinha dores na perna e não conseguia andar e precisava de alguém para cuidar dele todos os dias. Mesmo meus avós não estando no acampamento, me mantive sempre indo para lá. Estou lá para ajudar os meus amigos e amigos dos meus pais, pois quando se cria o laço - seja familiar ou de amigos da luta - é sempre bom rever e manter contato com eles.

De 2019 em diante meu pai se tornou vice-capitão, aqui na aldeia Panambi Lagoa Rica e ele sempre mantém contato com três acampamentos que fica ao redor da aldeia Lagoa Rica, que são Guyra Kambiy, Itay ka'águy Rusu e Tajasu. Toda vez que tem o ritual do batismo de milho (jerosy), uma vez no ano, estou lá participando e me

divertindo com eles. É bom amanhecer cantando e dançando junto com seus avós, a gente sente aquela distração, se sente tão à vontade que se esquece de qualquer problema.

O *jerosy* é um momento de reflexão, de conhecimento junto com os mais velhos. Quando o ritual é realizado muitos jovens e adolescentes guarani e kaiowa vem de outras aldeias para comemorar. Quem realiza, canta e faz o ritual são os mais velhos, os ñanderu ñandesy. Os moradores dos acampamentos que fica ao redor da aldeia participam também. Muitos vem da aldeia Panambizinho e acontece muitos dança e guachire. O canto do *jerosy* é realizado na língua kaiowá, assim como todos os cantos rituais são cantados no idioma. É um momento importante para a transmissão dos conhecimentos kaiowá para os mais jovens. A permanência do ritual mesmo em condições difíceis de realizá-los mostra que, apesar de todo o assédio dos modos de vida dos karai sobre os povos indígenas, os Kaiowa seguem resistindo, praticando e ensinando conhecimentos importantes para a formação das gerações mais jovens, como a minha.

No cântico dos ñanderu e das ñandesy aprendemos sempre alguma lição, ele sempre produz alguma reflexão. A cada *jerosy* aprendemos uma coisa nova, refletimos sobre alguma coisa que precisamos refletir. O canto do *jerosy* é um canto bonito, uma música que reflete em nossas memórias e traz lembranças boas, mas vem também as lembranças ruins das coisas que já aconteceram. O ritual é um momento importante na transmissão dos conhecimentos e para continuidade e fortalecimento da língua materna. O canto expressa a linguagem dos ancestrais espirituais dos Kaiowa, dos jaras, dos seres celestiais. No ritual a língua materna e os conhecimentos tradicionais se relacionam. O canto do *jerosy* só pode ser realizado na língua kaiowa, a língua falada pelos ancestrais. Sem a língua materna não temos o canto sagrados ensinados pelos Nhanderu e nhandensy. Como na língua, os cantos dos rituais têm suas regras. Existem cantos que só podem ser realizados no ritual e outros que pode cantar em qualquer lugar, tem cantos quando há luto e cantos que podem ser cantados só para mulheres ou só para os homes.

Na pesquisa fui entendendo a importância da realização dos rituais na transmissão da língua e dos conhecimentos kaiowa. Mas outras atividades do dia a dia também são importantes para a transmissão dos conhecimentos. O cotidiano da vida e os rituais são os meios que temos de transmitir a nossa língua. E a língua kaiowa é o meio de transmitir nossos saberes. Nascer numa casa em que todos falam o kaiowá,

crescer aprendendo as atividades, as brincadeiras, participar dos rituais é a garantia que temos de continuar usando a língua materna, mesmo com o avanço da sociedade não indígena e com a intensificação da escolarização.

O interesse por esse tema, de pensar a relação entre a língua materna e a transmissão dos saberes indígenas é resultado das preocupações que tenho sobre o futuro. Preocupo-me tanto porque tenho medo de que, com a falta de terras, as crianças não possam mais aprender como era possível antigamente. Desde criança eu pescava com a minha mãe e meu pai levava para gente caçar porco do mato, a terra estava saudável, podíamos plantar bastante coisa. Os rituais, a pesca, a caça, a coleta, a roça, todas essas atividades foram importantes para aprender sobre os conhecimentos que são importantes quando você se torna uma pessoa adulta na comunidade. Mas a aldeia ficou pequena. Tenho vinte três anos e vi muitos casarem e criarem família e cada pedaço de terra foi dividido com os filhos fazendo o espaço ser cada vez menos. Sem terra para plantar, caçar, pescar, os Kaiowa ficam sem os meios necessários para transmitir os conhecimentos necessários para um adulto ter e cuidar de sua própria família. Daí a busca de muitas famílias para recuperar os territórios tradicionais, porque ele é imprescindível para a formação de uma pessoa kaiowa.

Hoje, quando tem guachire, algumas crianças acham divertido e alguns já acham chato. Quando a gente era criança achava muito divertido, como achamos ainda hoje, porque essa era uma das nossas principais diversões da infância. Dançar guachiré hoje acende uma memória boa, faz a gente se sentir feliz com isso. Mas agora algumas crianças parecem não se interessar. Os mais velhos associam isso com a influência do Karai reko (o sistema de vida do branco), além do uso da tecnologia está cada vez mais avançado dentro da aldeia e com um celular nas mãos muitos não tem interesse em saber o que os mais velhos têm a dizer, não querem mais saber dos cantos, das rezas e danças.

Essa proximidade com o Karai reko favorecem no sentido dos mais jovens usarem menos a língua materna no dia a dia, porque estão sempre ouvindo ou assistindo coisas de brancos, na língua portuguesa. Estamos usando de empréstimo o português por causa da escola, do trabalho, da cidade, da necessidade de conseguir os benefícios, da luta pela terra e cada vez ele é mais falado. Meu irmão com cinco anos de idade ele já fala português certinho, mas não deixamos de falar em guarani em casa. Desse modo, as duas línguas foram ensinadas para um dia ele não sofrer preconceito de não falar

português, ou ainda, por só falar português. Em casa somos falantes da língua kaiowá, o que faz dele uma pessoa bilingue, como muitas crianças na aldeia.

Deste modo, o objetivo da minha pesquisa foi registrar sobre o uso da língua materna na transmissão dos conhecimentos às gerações mais jovens. Por outro lado, procurei registrar também sobre o uso do português enquanto uma necessidade colocada para os Guarani e Kaiowa diante o contato com o mundo dos karai. Procurei refletir sobre os desafios das famílias na educação das crianças, que precisam aprender o guarani, mas também precisam aprender o português. Desse modo, esse trabalho é uma etnografia sobre os modos atuais de transmissão de conhecimento na minha comunidade. A transmissão dos saberes indígenas começa pela família, passa pelos rituais e outras atividades que compõem o cotidiano das famílias e, atualmente, passa também pela escola. Assim, procurei mostrar um pouco sobre como as duas línguas são usadas dentro da comunidade, em que circunstância cada uma é utilizada e quais tipos de conhecimento circulamos no uso de cada uma das línguas.

O tema da minha pesquisa tem relação com a minha experiência de vida desde a escola até universidade, onde precisei ter maior domínio do uso da língua portuguesa. Agora, outro desafio se colocou, escrever um texto em português não foi tarefa fácil e se tornou motivo de muita angústia. Muitas coisas aconteceram durante graduação, entre elas muitas coisas ruins. Senti na pele o preconceito e a exclusão, principalmente por ser indígena. Você é vista de outra forma pela sociedade ocidental, já que eles mesmo criaram o pensamento de que os e as indígenas têm que estar na sua aldeia, sem roupa, sem acesso à tecnologia. Até hoje nós somos vistos assim. Estamos diferentes em muitos aspectos, mas precisamos ser reconhecidos enquanto indígenas. Na universidade percebi que temos mestre e doutores indígenas, que me encorajou a fortalecer os meus ensinamentos, e me ensinou a enfrentar e me impulsionar cada vez mais, e ainda a explorar “quem sou eu” através desse trabalho. Também temos indígenas nos representando na política, na educação escolar, na área da saúde, e até mesmo nas redes sociais, na televisão, na arte e música e essas pessoas levam com elas suas línguas e seus saberes, independente dos locais para onde forem, essas pessoas levam junto delas as suas origens, os locais de onde vieram. Da minha origem, o mais sagrado conhecimento que tenho por ser uma indígena kaiowa é a minha língua materna, porque é a partir dela que posso aprender sobre os conhecimentos que fizeram meu povo chegar até aqui. Vivo com ela, mantenho ela e fortaleço e ensino ela na escola. Na

universidade, tive uma oportunidade de dar aula de guarani. Por onde passo ensino na língua ou a língua.

Por isso a língua se tornou meu tema de pesquisa e procurarei apresentar sobre a importância da língua guarani na reprodução dos conhecimentos kaiowá. Farei isso conversando com pessoas da minha comunidade, de diferentes idades, conversando sobre o uso da língua em diferentes contextos, como o contexto da casa, a partir da minha própria vivência e de outras pessoas da comunidade, da experiência na escola, onde atuo como professora, nas reuniões dos movimentos políticos e também nos momentos de lazer. Também quero registrar sobre o uso do português, em que contexto ele é utilizado e as dificuldades enfrentadas com o uso da língua estrangeira, seja na cidade, na escola ou na universidade.

Para isso, organizei esse trabalho em três capítulos. O primeiro apresenta os Kaiowa no Mato Grosso do Sul, um pouco de sua história e das condições atuais. O segundo capítulo apresenta como o contato com os brancos gerou mudanças na vida kaiowa, fazendo com que fosse cada vez mais preciso dominar o português, daí a escola. A escola aparece no segundo capítulo como o lugar onde se deve ensinar a língua do branco e, mais do que isso, deve ensinar os indígenas a se relacionarem com outro mundo, outro sistema. Por fim, no terceiro capítulo procuro demonstrar como os kaiowá vem resistindo ao assédio dos mundos dos brancos e, apesar da necessidade de frequentar e falar o português, os principais ensinamentos para se tornar uma pessoa adulta kaiowa se aprende com os parentes, em casa, nas atividades cotidianas e nos rituais. E, apesar de todas as transformações esses ensinamentos continuam sendo transmitidos na língua.

Etnografia na quarentena: o desafio de fazer pesquisa etnográfica

No ano de 2015 a 2018, desde a graduação do curso ciências sociais, percebi que antropologia era a área que mais me identificava. É uma das disciplinas obrigatória no curso e todos os semestres tínhamos uma disciplina de antropologia. Buscava me inteirar mais sobre a disciplina e com ajuda dos meus professores, como o Esmael, Marcilio, Marisa, Grazielle e principalmente Aline (minha orientadora) respondia as dúvidas que passava pela minha cabeça. Meus professores me encorajavam a seguir com a graduação, o que me fortaleceu e me manteve, fazia eu me sentir mais segura no curso, até que conclui com quatro anos.

No ano de 2019 entrei para pós-graduação, no mestrado em antropologia e tive experiência muito boa com os meus novos colegas no mestrado, conheci vários autores novos, que me fez refletir e me inspirar nos seus trabalhos acadêmicos. Também conheci trabalhos de pesquisadores indígenas, o que me ajudou a me fortalecer nesse lugar que nunca imaginei estar. Ao mesmo tempo achava que não era boa suficiente de estar ali pois tudo era novo, li muitos autores no primeiro ano e sinceramente só conseguia entender em partes o que eu lia. O que me encorajou no mestrado e me fez acordar foi conhecer as dissertações e teses de autores indígenas, então fui me percebendo como alguém capaz de ser uma dessas autoras.

Conheci vários amigos e professores não indígenas durante academia e confesso que são pessoas importantes que passaram na minha vida e me motivaram a seguir na universidade e isso me fez fortalecer ainda mais, principalmente fortalecer a minha identidade indígena, da etnia kaiowá, falante da língua guarani. A gente sempre ouve as pessoas perguntando por que os kaiowa eram quietos, porém sempre respondia com toda a clareza que a maior parte da população guarani e kaiowa gosta sim de se expressar, conversam bastante e dão muita risada. Mas isso quando estamos entre a gente, falando na nossa língua, não no mundo do branco, sendo obrigado a falar e entender no português, como a gente tem que fazer dentro da universidade.

O nosso silêncio também tem como causa o que houve com a gente no processo histórico de colonização. Enfrentamos há décadas e séculos muitas lutas e isso gera uma tristeza, produz um aborrecimento. As histórias da expulsão dos territórios e das violências praticadas pelos brancos são vividas e são contadas de gerações em gerações e muitos kaiowa crescem dentro desse conflito, crescem lutando com seus pais e avós pela terra e isso abala a gente psicologicamente, nos deixando mais aborrecidos e tristes que de costume.

Lembro até hoje que na minha infância até certa idade já participei e enfrentei vários conflitos, luta pela demarcação de terra, pela implantação da escola na aldeia, pela implantação da energia elétrica, entre outros que já não me recordo pois era muito nova. Estou com vinte e três anos e ainda me lembro dos conflitos, que ainda mechem comigo. Alguns deles parece sempre recente pois é sempre lembrado, chega o momento que a gente se cansa de lembrar, porque é uma lembrança que dói. É o que aconteceu com meus pais e meus avós, lutaram tanto, mas para não perder a vida lutando e perder as nossas vidas fizeram uma escolha que não consideramos boa. Estávamos na retomada e voltamos para aldeia Lagoa Rica pois tínhamos mais chance para estudar, terminar o

ensino médio e ir para faculdade. Meus pais me dizem que hoje a coisa está mais fácil, antigamente era muito difícil estudar, ou trabalhava para comer ou estudava e não comia, essas duas opções meu avô dava para meu pai principalmente. Meus pais fizeram de tudo para que a gente pudesse seguir estudando, para enfrentar o mundo dos brancos com melhores ferramentas.

No segundo ano (2020) na pós, estava com muita ansiedade para começar uma pesquisa de campo, tudo que li colocaria em prática e me imaginaria analisando e mapeando os lugares, que entrevistaria várias pessoas os jovens, adultos e as ñandesy e os ñanderu da minha comunidade. Nunca pensaria que tudo que imaginei tudo isso se tornaria os momentos mais difícil que enfrentaria. Muitos desafios e dificuldades surgiram e foi muito difícil dar continuidade a minha pesquisa. A pandemia do Covid-19 que se alastrou em todos os países atingiu também a minha comunidade, o meu espaço de pertencimentos, infectou meus parentes indígena levando a morte. Minha família passou por momentos difíceis. Eu peguei covid, fiquei doente e tive muitas dificuldades para fazer a pesquisa.

É nesse contexto que precisei fazer minha pesquisa, limitando muito a realização das entrevistas, porque a maior parte das minhas interlocutoras são pessoas mais velhas, que estavam mais em risco. Só no segundo semestre de 2021, mais para o final do ano, que consegui realizar algumas atividades da pesquisa, fazendo algumas entrevistas, participando de atividades na comunidade e na escola.

Comecei a pesquisa com meus avôs Alzira Orneria Verga, filha de Marciano Verga e Tereza Orneria e de meu avô Dorvalino da Silva, filho de Ruivito da Silva e da Dona Ramona Pedro. Iniciei a conversa calmamente perguntando como era antigamente, pois não perguntei diretamente do que pretendiam saber, pois isso para mim seria forçar chegar direto no assunto e seria ruim. É preciso conversar devagar, um pouco cada vez, principalmente meu avô, Dorvalino da Silva, que não fala muito, fica mais quieto. Sempre parece que ele é vergonhoso, mas conversando com eles em guarani, no dia a dia, ele se solta. Minha mãe dizia que sempre foi assim, quando tinha almoço ou janta entre a família se distanciava das pessoas, até com a própria família. Nunca quis perguntar para ele o motivo, seria muito constrangedor. Você acha que pesquisando junto com a sua parentela pode ser fácil, mas não é bem assim, porque o conhecimento deve ser ensinado aos poucos, levando em consideração o que a pessoa está apta a aprender naquele momento. O diálogo é a ferramenta principal na pesquisa, mas é preciso respeitar o tempo do outro, a vontade do outro de falar, então a cada dia

you can get few information. The little time to do the research, hampered by the pandemic, and the need for a lot of time to go deepening the indigenous knowledge was a difficult dilemma to solve.

CAPÍTULO 1: OS KAIOWÁ NO MS E A CHEGADA DOS KARAIÁ

Neste capítulo começo a mostrar um pouco da história indígena das etnias Guarani e Kaiowa no Mato Grosso do Sul, mais precisamente na região de Dourados, conhecida como ka'aguy Rusu. Procuo apresentar a história recente dos Kaiowa no Mato Grosso do Sul para refletir sobre como o contato com os brancos produziu mudanças na vida kaiowa e obrigou que os indígenas aprendessem o português. Atualmente, a intensificação de seu uso tem resultado em transformações no cotidiano das pessoas indígenas, que vou tratar adiante.

Farei isso por meio de levantamento bibliográfico usando autores como Antônio Brand (1997), Levi Pereira (2004), Kátia Vietta (2007), Izaque João (2011), entre outros e dados etnográficos obtidos através da pesquisa na minha comunidade. Também quero mostrar um pouco do processo histórico perda do território e de luta pela terra dos povos Guarani e Kaiowa. As pesquisas etnográficas feita sobre os Kaiowa que viviam e ainda vivem no ka'aguy Rusu é realizada em diferentes comunidades, que compõem diferentes tekoha, conectados uns aos outros através do parentesco e de relações de reciprocidade, formando o que chamamos de tekoha guasu.

Como mostrou Brand (1997) em sua tese de doutorado, entre os anos de 1915 e 1928 o Serviço Proteção ao Índio o (SPI) demarcou oitos reservas indígenas com o objetivo de que as famílias kaiowá se mudassem para ela. O SPI tinha a intenção de misturar e integrar os povos indígenas com a população regional não-indígena, que chegava no Ka'aguy Rusu através da colonização. As reservas criadas no SPI foram pequenos territórios, como mostrou o historiador Antônio Brand. As reservas era um lugar para reunir as famílias indígenas para ter mão de obra dos trabalhadores indígenas nas cidades e no trabalho no campo e serviu para liberar as terras indígenas para a colonização. Através das reservas e da retirada das famílias indígenas de seus tekoha o SPI liberava os territórios tradicionais para virar propriedades privadas. Aos poucos as famílias Guarani e Kaiowa são levadas para as reservas, ocorrendo um processo que Brand (1997) chamou de confinamento.

O antropólogo Levi Marques Pereira considera a reserva como uma *área de acomodação* (Pereira, 2014). Muitas famílias já viviam no território que a reserva foi criada, mas com o tempo famílias que viviam em outros tekoha guasu vão sendo trazidas para viver na Reserva Indígena de Dourados - que atualmente é a mais populosa - e para outras reservas. Com o tempo muitas famílias vão se adaptando na reserva e se

estabelece nela, mas quem chegou depois, principalmente a partir da década de 1980, já não tinha espaço para a acomodar novas famílias. As reservas hoje estão superpopulosas, o que dificulta muito as condições ambientais e socioeconômica das famílias.

A reserva passa a ser um jeito de controlar as famílias indígenas. Na reserva o SPI colocou o chefe de posto, o capitão, o posto de atendimento médico, a escola e as missões. Tudo isso foi trazendo o português falado pelos karai para dentro do cotidiano das famílias indígenas. A colonização, além de retirar as famílias indígenas de seus territórios traz uma nova língua, uma língua estranha, que vai se tornando cada vez mais necessária para sobreviver diante os novos desafios trazidos pelos brancos. Nas reservas as famílias passam a depender mais do dinheiro do trabalho, porque tem menos espaço e menos condições para manter as roças. Trabalhar fora, ir à cidade adquirir mercadorias, precisar frequentar instituições dos brancos como bancos, hospitais, agências públicas, entre outros, tudo isso são motivos que fazem os kaiowa precisarem dominar a língua dos karai.

Sobre a presença das instituições dos karai na Reserva Indígena de Dourados, Levi Marques Pereira chama atenção para a chegada da Missão evangélica, com hospital e escola.

A Missão Evangélica Caiuá foi a primeira instituição não-governamental a atuar de modo contínuo na RID. Instalada em uma chácara ao lado da RID em 1928, passou a atuar com internato, hospital, escola e templos, espaços destinados à prestação de diversos serviços de atendimento aos indígenas. A Missão também ficava próxima do antigo posto do Serviço de Proteção aos Índios – SPI, e entre os dois órgãos se estabeleceu estreita cooperação, dada a conjunção de seus projetos civilizadores. (PEREIRA, 2014, pg.04)

A chegada dos brancos teve várias consequências, como depender cada vez mais de coisas vindas de fora das comunidades e a entrada de diferentes instituições dentro das comunidades. E isso teve vários efeitos na vida dos indígenas. A presença dessas instituições, segundo Pereira, foi um motivo para o aumento populacional da Reserva Indígena de Dourados, que hoje tem cerca de 17.000 pessoas.

Desde o final da década de 1970, a RID se transformou em foco de atração para as agências indigenistas, e o acesso aos recursos por elas disponibilizados em atrativo para boa parte da população indígena da região. Tais fatores ajudam a entender a alta densidade demográfica da RID. (PEREIRA, 2014, pg.04)

A chegada de muitas famílias fez o espaço da reserva ficar menor a cada dia e dentro delas os conflitos entre as famílias aumentaram proporcionalmente ao aumento populacional. Isso me faz pensar que, como colocou o historiador Antônio Brand, a reserva foi e é um lugar de *confinamento*, ainda que os Kaiowá busquem saída para essa situação. A reserva criou novos limites para o território indígena e fez isso a partir das regras estabelecidas pelos brancos. A partir das reservas e das novas regras estabelecidas pelo SPI se estabelece um maior controle sobre as famílias indígenas. Esse controle, para se tornar efetivo, passa pelo ensino da língua portuguesa e não apenas da língua falada, esse controle deve ser feito a partir do ensino da língua escrita, daí a importância da escola dentro das reservas indígenas. Para Levi-Straus, em Lições da escrita, alfabetizar os povos indígenas no português era (e ainda é) um meio de exercer o domínio do sistema dos karaí sobre os modos de vida dos povos indígenas.

Se a escrita não bastou para consolidar os conhecimentos, era talvez indispensável para fortalecer as dominações. Olhemos mais perto de nós: a ação sistemática dos Estados europeus em favor da instrução obrigatória, que se desenvolve no correr do século XIX, vai de par com a extensão do serviço militar e a proletarização. A luta contra o analfabetismo confunde-se, assim, com o fortalecimento do controle dos cidadãos pelo Poder. Pois é preciso que todos saibam ler para que este possa afirmar: ninguém deve alegar que desconhece a lei” (LEVI-STRAUSS, 1996, pg. 318-319)

Assim, entre os efeitos da chegada dos karaí está a necessidade de dominar uma outra língua, a língua do branco, o que significa falar, ler e escrever em português. A escola foi e ainda é um importante meio de fazer com que as famílias indígenas aprendam a língua falada pelo karaí e aprenda junto com a língua dos brancos as regras que regem sua sociedade. Ao longo do trabalho quero demonstrar, a partir da experiência na minha comunidade, os efeitos que a chegada dos brancos, do português, da escola e do sistema de conhecimentos dos brancos tem sobre a vida kaiowa e, por outro lado, como os Kaiowa, nas condições atuais, procuram viver seu próprio sistema, o teko joja. Para tratar sobre isso, neste capítulo vou tratar sobre a chegada do SPI, a criação das reservas e os impactos para as famílias indígenas e em seguida vou apresentar um pouco dos movimentos guarani e kaiowa para a recuperação dos territórios tradicionais. É esse segundo movimento que nos mostra que os kaiowá não se conformaram completamente a reserva e, muitas famílias, recusam viver de acordo com o sistema dos karaí. E é na terra indígena, no tekoha, que se pode realizar o teko joja.

1.1 As Reservas Indígenas e as transformações na vida kaiowa

Observa-se que atualmente já foram produzidas muitas pesquisas acadêmicas sobre chegada do SPI e a implantação das reservas indígena. Seja pesquisa de campo de iniciação científica, mestrado ou doutorado, ou projetos que envolvem as populações indígenas, todas essas pesquisas tratam de alguma forma a chegada do SPI, a criação das reservas indígenas no MS e os efeitos para as comunidades guarani e kaiowá. Pesquisadores indígenas e não indígenas já contribuíram através dos textos e artigos, dissertações e teses publicadas sobre os processos históricos dos povos originários e no caso do MS temos registrados muitos fatos históricos registrados por etnógrafos e historiadores. De modo geral os trabalhos abordam sobre o Serviço de proteção aos Índios (SPI), as Reservas Indígenas e também a Fundação nacional dos Índios (FUNAI), que substitui o SPI a partir do ano de 1967.

O que posso acrescentar a essas pesquisas que se aprofundaram nestes temas é a perspectiva dos grupos familiares kaiowa e Guarani que fiz contato na pesquisa. A história que aparece nos trabalhos acadêmicos é, dentro da minha família, uma memória viva, que explicam nossas experiências atuais. As lembranças de ser retirados do território não será esquecida e é sempre repassada aos mais jovens, ainda que muitos não demonstrem vontade de aprender. Na minha família existe muitas memórias das histórias de sofrimento, fuga, ameaça, de situações enfrentadas com a chegada dos brancos. As histórias são passadas de geração em geração, sempre em guarani e hoje são importantes para contar que vivíamos de um outro modo, havia um teko porã, um *viver bem* e isso era quando as famílias viviam no tekoha guasu, nos grandes territórios formados por várias famílias.

As histórias da reserva que são histórias que fazem parte da vida das famílias indígenas que vivem nas reservas e retomadas. Depois de entrar no curso de ciências sociais e no mestrado em antropologia entrei em contato com essa história de um outro modo, através das leituras teóricas bibliográfica. Li autores como Renata Lourenço (2008) Antônio Brand (1993 e 1997), Katia Vietta (2007), Levi Marques (2007), Aline Crespe (2015) e Thiago Cavalgante (2013), que me inspiraram, pelos seus trabalhos, a pensar sobre a minha história, a história da minha família, do meu tekoha e do meu tekoha guasu. Estes autores me mostraram que existem diferentes abordagens para

contar a história indígena com variações sobre as concepções da política indigenista e das reações dos indígenas frente ao avanço dos karai. No meu caso, vou pensar essa história a partir dos autores e também a partir da experiência vivida pelos meus parentes e o objetivo é refletir como a história recente dos kaiowa produziu mudanças em seus modos de vida e tem relação direta com a introdução da língua e do sistema dos karai no mundo indígena.

Sobre o SPI, no momento da sua criação o órgão era chamado Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN) e foi fundado pelo Decreto n.8072, de 20 de julho de 1910, como apresenta a historiadora Renata Lourenço:

O Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN), foi criado pelo Decreto n.8072, de 20 de julho de 1910, o qual aprovava seu primeiro regulamento no âmbito do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (MAIC). Em 1911, o órgão sofreu algumas reformulações, voltadas para garantir um tratamento diferenciado para as populações indígenas, mas somente em 1918 o serviço de localização de trabalhadores nacionais foi transferido para outra competência. (LOURENÇO, 2008, pg.17)

A autora apresenta que foi aprovado pelo decreto, mas a partir de 1911, esse o órgão governamental teve que se modificar para servir as necessidades das populações indígenas e diversas dificuldades enfrentadas naquele momento e passou ser denominado, posteriormente, apenas como o SPI - Serviço de proteção ao Índio. Após sua criação o SPI foi dirigido pelo General Cândido Rondon, que aparentemente defendia os territórios indígenas, mas na prática, o SPI não garantiu que os povos indígenas permanecessem em seus territórios. Muito pelo contrário, criou as reservas e retirou muitas famílias de seus tekoha. Crespe (2015) também tratou sobre o SPI e o General Cândido Rondon em sua pesquisa:

Ao ser criado o SPI a sua direção foi confiada ao General Cândido Rondon. Rondon havia se tornado “herói nacional” a partir de sua atuação na instalação das linhas telegráficas do Mato Grosso e do Mato Grosso ao Amazonas (CUNHA, 1987:79). Herbert Baldus, em trabalho intitulado Métodos e Resultados da ação indigenista no Brasil (1962) apresenta Rondon como “amigo dos índios” por ter promovido os princípios das relações entre brancos e índios em território nacional. O que parece que não se realizou na prática, frente aos escândalos que o órgão esteve envolvido. Entre as ideias defendidas por Rondon estava a defesa dos territórios indígenas, bem como a proteção direta do Estado, temas detalhados no decreto fundador do SPI. (CRESPE,2015, pg.109)

Segundo a autora, apesar de Marechal Rondon ter um discurso de defesa dos territórios indígenas, o SPI defendeu a criação de pequenas terras e demarcou oito reservas indígenas no sul do MS com o objetivo de retirar os indígenas de seus territórios tradicionais para colocá-los nas reservas do SPI. Junto com as reservas o governo começou a incentivar a chegada de colonos para ocupar as terras que até então eram dos indígenas. Aos poucos os indígenas foram obrigados a se mudarem para as reservas criadas pelo governo.

As famílias que não saíam das terras acabaram sendo expulsas pelos funcionários dos fazendeiros e por colonos. Quando saíam da terra os brancos providenciavam a destruição do lugar onde viviam, queimava as casas para as famílias não ter mais para onde voltar. Nas reservas, principalmente com o passar do tempo, ficou difícil de viver como viviam no seu antigo *tekoha* e isso causou uma série de prejuízos, causou muita miséria, causou fome, chegando aos extremos de a gente ter que ver muitas mortes por suicídio e por desnutrição, principalmente de crianças.

E a reserva para os indígenas foi uma perda de autonomia em relação à grande parte dos aspectos de suas vidas, mas também a reserva era único espaço para muitas famílias construírem seu novo *tekoha* por causa da violência que chega junto com os *karai*. Percebemos que quando se muda para um lugar diferente, novo, levam alguns dias para se acostumar, mas quando forçados levam meses, anos ou décadas para se adaptar naquele ambiente, que será seu novo *teko pyahu*. Os recursos presentes na reserva, como atendimento de saúde, assistência social e assistência agrícola eram fatores usados para atrair as famílias indígenas que se sentiam cada vez mais ameaçadas com o avanço dos brancos, como aponta o trabalho do Thiago Cavalcante.

As reservas também se tornaram espécies assistenciais para onde se dirigiam e ainda se dirigiam a grande parte dos recursos públicos destinados aos atendimentos destas populações nas áreas de saúde, assistência social, incentivo à produção agrícola e segurança alimentar. Além disso, instituições não governamentais também privilegiam a implantação de projetos nestes locais. A promessa de atendimentos foi usada como argumento para atração de famílias indígenas que para lá seguiam na expectativa de serem atendidos pelo estado e por instituições não governamentais como a missão Evangélica Caiuá que atua na área assistencial, de saúde e de educação. (CAVALCANTE, 2013, pg.87)

Apesar de todos esses “atrativos” e dos esforços do SPI e dos fazendeiros para retirar os povos indígenas de suas terras tradicionais, sem dúvidas havia grupos que faziam maior esforço para conseguirem permanecer no local, algumas vezes fugindo para refúgios *ka’aguy rupi* pelas matas. Mas com o avanço do desmatamento, resultado da abertura de fazendas, se refugiar nas matas se torna cada vez menos possível.

Com o tempo mais e mais famílias foram transferidas para as reservas, fazendo dela um lugar conflituoso, porque foi ficando muito cheio para pouco espaço. No século passado, quando as reservas foram criadas, todos os familiares tinham suas áreas, seus próprios lotes, mas com as famílias crescendo aos poucos as famílias foram dividindo entre elas esses lotes, ficando cada vez menos espaço para a subsistência das famílias e alguns grupos de familiares voltaram para os territórios tradicionais. É isso que podemos observar na luta pela terra das comunidades e terras indígenas Panambi-Lagoa Rica e Panambizinho e das retomadas que ficam nas proximidades dessas terras indígenas. As duas áreas estão localizadas na região onde o governo federal resolveu instalar a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND). A década de 1950 foi um período significativo no aumento de karai no Ka’aguy Rusu.

Foi na década de 1950 que Dourados recebeu uma avalanche demográfica composta de migrantes de diversas regiões do país, mas, sobretudo do Nordeste, os quais saindo de uma terra seca e árida vinham tentar a vida nas terras férteis do sul de Mato Grosso do Sul. Estes migrantes se tornaram colonos da colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) [...]. Esta abrangia uma extensa área correspondente à atual região da Grande Dourados, formada pelos municípios de Dourados, Fátima do Sul, Vincetina, Jatei, Douradina, Glória de Dourados e Deodápolis. (cf.NAGLIS,2008). Este migrante aqui se fixaram se tornando pioneiros dos municípios que surgiram a partir da colônia, como é o caso dos municípios da 2ª zona da CAND, está localizada ao lado direito do rio Dourados, que na época foi desbravada pelos “punhos do colono”, como dizem os memorialistas. (MENEZES, 2011, pg.02)

Com a implantação da CAND as terras dos antigos tekoha guasu, onde os indígenas habitavam e permaneciam no local, passam a ser cobiçadas. A CAND avançava frente ao território indígena e as famílias indígenas de Panambizinho e Lagoa Rica se reuniram para confrontar os colonos. Naquele tempo o SPI começou a circular a

ideia de que o lugar dos indígenas era a reserva, mas os moradores do ka'aguy rusu não aceitaram ideia do estado de que o lugar dos indígenas era na reserva e lutou para que as terras onde a CAND foi implantada fossem reconhecidas como terras indígenas. Pois, apesar da ação do SPI e dos colonos, nesse território havia várias famílias que se tornaram grandes parentelas e que permaneceram no local até hoje. Os familiares permaneceram ali para não perder seu território, conhecido como Panambizinho e Panambi-Lagoa Rica.

Está parte do território tradicional kaiowa foi diretamente atingida pela criação da Colonia Nacional Agrícola de Dourados a partir de 1943, durante o governo de Getúlio Vargas. Nesta época, o Estado promoveu o esbulho da maior parte das terras que então eram ocupadas por indígenas. Como fruto da resistência destes, surgiram duas aglomerações que recentemente foram reconhecidas como terras indígenas, sendo Panambizinho, no município de Dourados e Panambi – Lagoa Rica, nos municípios de Douradina e Itaporã. (CAVALCANTE, 2013, pg.160)

A partir de Panambi e Lagoa Rica podemos pensar que muitas famílias se recusaram a viver nas reservas, algumas nunca foram, outras foram, mas não se ajeitaram nelas. Essas famílias permaneceram ou retornaram para os lugares que reconheciam os locais de habitação no Ka'aguy Rusu.

Essa recusa a reserva vai aumentando conforme aumenta a população nas reservas demarcadas pelo SPI. Com o aumento das pessoas na reserva os conflitos começaram a ficar cada vez mais frequentes dentro delas, assim como as dificuldades de sobreviver, porque nestas áreas quase não se tem mais recursos ambientais e as condições de ter roça ficam cada dia mais difíceis. Além disso, os SPI misturou, nas reservas, famílias de diferentes etnias e também famílias da mesma etnia, mas de diferentes tekoha guasu. Cada família tinha seu próprio líder espiritual e modos diferentes de se organizar, com diferenças na realização de rituais, na educação das crianças. Podem ser diferenças pequenas no olhar dos Karaí, mas são diferenças importantes entre cada famílias. Por essa mistura (jopara) que ocorreu nas reservas, Pereira afirma que *talvez fosse possível dizer que aí convivem várias comunidades, cujas relações entre si são marcadas por graus variáveis de alteridade* (2014, pg. 21).

Com o tempo espaço se tornou uma área pequena para tantas famílias, para comportar tantas diferenças. E isso tem gerado muitos problemas com as famílias, que

além de viverem em situações econômicas desfavoráveis, vivem em um contexto marcado pela presença de muitos conflitos. Se nas décadas passadas a reserva pode ter aparecido para algumas famílias como uma área de acomodação que se viveria em harmonia um *Teko Joja*, com o passar do tempo a reserva fica com cada vez mais problemas para serem enfrentados.

Por isso, muitos guarani e kaiowa saem da reserva e voltam para seu antigo tekoha, que hoje é conhecido também como retomada e acampamento. Isso já vem acontecendo deste a época que o SPI demarcou a reservas, sempre tiveram famílias tentando voltar para o tekoha, mas foi a partir da década de 1980, com a Constituição Federal de 1988, que as famílias puderam cobrar do Estado pela demarcação dos tekoha. Depois, com as reservas ficando cada vez mais cheia, muitas famílias voltaram para os territórios tradicionais.

E é isso que podemos observar na história das comunidades indígenas Panambi-Lagoa Rica e Panambizinho. As duas terras indígenas se inter-relacionam e compartilham a mesma história durante o período em que lutaram para permanecer em suas terras. Mais adiante, ainda neste capítulo, retomarei esse assunto apresentando a minha história de forma conectada com a história desses tekoha, que compõem o mesmo tekoha guasu, o lugar de onde faço parte, meu espaço pertencimento. Isso também diz sobre o modo que estou fazendo antropologia e etnografia, a minha experiência etnográfica se mistura com a minha vida e a vida de meus parentes no tekoha guasu.

O retorno para o tekoha é possível porque os caminhos que os antepassados andaram formaram os rekoaty e hoje vemos que são lugares que nunca se perderam, conforme apontou Gileandro Barbosa Pedro (2020) em sua dissertação de mestrado. Mesmo as reservas, aldeias e o antigo tekoha onde não se vive mais, como em alguns lugares do ka'aguy rusu que não é mais ocupado pelos indígenas porque que a terras foram dadas aos karai, esses lugares continuam sendo um espaço de pertencimento dos Guarani e Kaiowa. Os grandes territórios são dos antigos *Nhãnderu*, *Nhãndesy* e dos mestres dos saberes tradicionais. Por isso esses locais estão sendo ocupados pelos kaiowa, porque são lugares que fazem parte da nossa história, da nossa memória.

A forma do relacionamento com o lugar em que viviam continuou a existir. Apesar de os Kaiowá terem sido retirados de seus territórios e de não haver uma ocupação efetiva, o relacionamento com os seus lugares de vida continuou a existir e continuou em uso. O espaço que outrora pertencia aos Kaiowá

de Ka'aguyrusu, como tekohaguasu, não perdeu o seu significado. A ocupação de suas terras por não indígenas e a forma como se deu não modificou a estrutura de pensamento dos Kaiowá. Não me refiro à forma de viver deles, mas à forma como resignificaram o sarambi, em um movimento de retorno às suas ocupações tradicionais. (PEDRO, 2020, pg.46)

As duas áreas, Panambi que é conhecida como Panambizinho - município de Dourados -, e Panambi Lagoa Rica - município de Douradina -, tem condições fundiárias diferentes. Uma está homologada e demarcada e a Lagoa Rica não. O espaço e o tempo foram se transformando, como escrevo no capítulo dois. Os espaços foram encolhendo e ficando pequeno, os terrenos foram divididos para os novos familiares.

Antes da chegada dos karai viviam muitos kaiowa nessa área, que era conhecida como Ka'aguy rusu ou Tekoha guasu. Existem muitas histórias e relatos ainda dos mais velhos que viveram e transitaram pelo lugar, cada um com a sua trajetória de vida diferentes.

Joana Fernandes, antropóloga que trabalhou nesta região na década de 1980, escreve em sua dissertação de mestrado sobre as relações existentes entre os Kaiowa de Panambizinho e Lagoa Rica, que inclusive eram tratados pelo nome genérico “Panambi”, que incluía as duas áreas:

O posto indígena Panambi kaiowa compreende duas aldeias que embora afastada espacialmente mantém vínculos muito estreitos entre si: a aldeia de Panambizinho, também chamada de vila cruz, e a aldeia de Lagoa Rica, mais conhecida como Panambi. Panambi é também o nome genérico que designa ambas as aldeias, assim como região. (SILVA,1982, pg.12)

Meus avôs maternos fazem parte dessa história. Até hoje eles contam que quando tinha Jerosy (ritual de batismo do milho branco) ou Guachire (dança típica dos kaiowa) eles iam caminhando de um lugar para o outro. No passado eles não sabem exatamente quantas vezes se mudaram de um lugar para outro, pois até mais ou menos 1950 eles poderiam circular e mudar de aldeia para aldeia quando preciso. Alguns motivos podem gerar uma mudança, como a morte de uma pessoa, o aparecimento de doenças, conflitos entre pessoas da mesma família, entre outros. Naquele tempo tinham terras disponíveis para isso. As terras eram muito dentro do tekoha guasu e as famílias podiam transitar e circular. Andar pelo tekoha guasu para participar de festas e rituais, para visitar parente, para caçar, pescar, coletar alimentos, eram atividades importantes na educação das

crianças, que desde muito cedo iam aprendendo sobre o tekoha, sobre o que tinha em cada lugar, sobre onde morava cada famílias e esses memórias são lembradas pelos mais velhos.

Hoje não é mais assim, com a chegada do karai, do SPI, das reservas, cada família acaba precisando se identificar com um lugar específico, mesmo sabendo que o território é muito maior, porque compreende todo o tekoha guasu. Hoje cada um espera ter terra demarcada, se sair perde o lugar. Daí as famílias precisam se fixar naquele lugar, mesmo essa não sendo a prática tradicional dos kaiowa no território.

A luta pela recuperação do território de Panambi e Lagoa Rica durou anos e resultou em muitos conflitos. Os karai que haviam sido dono pela ação do Estado defendiam que a terra era deles e os Kaiowá também defendiam a mesma coisa, a terra é dos kaiowá. Quando a autora Joana escreve sua dissertação ela aponta que entre os 1900 a 1949 não existiam documentos sobre a ocupação indígena nesses locais. Mas a partir de depoimentos de moradores destas comunidades, ela afirma que a ocupação indígena é muito anterior a chegada dos karai.

A história dos kaiowa de Panambi será tratada a partir do ano de 1900, data mais remota sobre a qual encontrei a referência escrita a respeito deste grupo. O depoimento dado de 1949 por Albino Torraca, morador de dourado, indica que a margens do córrego de Panambi já eram habitadas pelos kaiowa há muitos mais tempos. (SILVA, 1982.p.12)

Tudo isso produziu muitas mudanças na vida dos Kaiowa. Atualmente muitos querem pescar e não podem, até mesmo buscar lenha se tornou muito difícil porque onde tem lenha se tornou propriedade privada. Muitos proprietários monitoram suas fazendas com seguranças privadas para impedir que indígenas circulem por esses lugares que compõem a história de vida das pessoas.

As pessoas que viveram no tekoha guasu viveram dois tipos realidades diferentes, dois espaços tempo distintos, o teko ymã e teko pyahu. O teko ymã é o costume antigo, como dizem os mais velhos. De acordo com eles era um tempo bom de viver, não tinha as coisas ruins trazidas pelos karai. Era um tempo de abundância, por isso eles falam que era um tempo de felicidade. Todas as famílias tinham seus kokue (roça), todos plantavam, viviam em um ambiente com muitos recursos ambientais, tinham onde caçar, onde pescar. Viviam entre parentes e se encontravam nos rituais, momento de

trocas sementes, alimentos ou presentes. Os alimentos, que tinham em bastante quantidade, era compartilhado.

Segundo os mais velhos, hoje está tudo diferente, porque derrubaram as florestas, os donos dos animais e das plantas foram embora junto com eles e muitas famílias estão fora de seus tekoha, vivendo em reservas, em acampamentos e nas periferias das cidades. O teko pyahu é novo tempo, os costumes de hoje estão diferentes. Chegou o karai, as reservas, o trabalho fora das comunidades, as escolas e com tudo isso veio a língua do branco, o português e junto com a língua o sistema dos brancos vai chegando cada vez mais perto do cotidiano das famílias. Hoje as crianças aprendem o português cada vez mais cedo. Apesar disso, como mostrarei no capítulo três, as famílias continuam educando as crianças na língua kaiowa, assim as crianças kaiowa crescem bilingues. O problema é que se aproximar muito do mundo dos karai é perigoso, porque é o mundo dos brancos é um mundo de conflitos, de violências e mortes. Os mais velhos falam para os mais jovens desses perigos, mas pela minha observação dentro da escola os jovens estão na nova era digital e desacreditam no que os mais velhos falam, muitos não querem saber, não querem escutar os mais velhos. Hoje a tecnologia está muito avançada dentro da aldeia e isso desfoca o pensamento tradicional para a ocidental. Para muitos jovens tudo que vem de fora é bom, tudo é mais fácil.

As pessoas mais jovens acreditam que o novo tempo veio para ter algo bom. Mas preciso reconhecer que mesmo tendo coisas ruins, algumas mudanças podem melhorar a vida das famílias indígenas, principalmente a educação escolar. Cada vez mais as famílias dependem do trabalho assalariado, o que significa que o sistema capitalista é uma realidade para muitas famílias. As famílias dependem, cada vez mais, de alimentos comprados na cidade e isso aumenta a necessidade de se inserir no mercado de trabalho. Para isso as pessoas enfrentam regimes de trabalho que exploram o trabalho indígena, com muitas horas de trabalho e salários baixos, como acontecia no corte da cana e hoje acontece na colheita de maçã. Por isso muitos defendem que para “viver bem” tem que ter a educação escolar, para conseguir trabalho e ter acesso a salários melhores. No geral, uma pessoa que tem um salário sustenta várias pessoas de uma mesma família.

Além disso, a escola também ajuda a se virar no mundo dos brancos, ir à cidade para comprar o que precisamos, ou ir em alguma instituição pública, ou banco, tudo isso exige a presença de alguém saiba ler, que possa fazer as contas. Por isso, hoje é esperado pelos pais que a criança frequente a escola, preferencialmente até terminar o ensino médio. Mas isso também é difícil, porque muitos adolescentes deixam a escola

pelo trabalho. Quando ficam jovens logo se casam e começam a criar família e para sustentar famílias os jovens precisam procurar trabalho para sustentar seus filhos. As mulheres também buscam por emprego, tendo maior dificuldade para encontrar trabalho. A necessidade de trabalhar faz muitos estudantes deixarem a escola. Alguns estudantes conseguem trabalhar de dia e estudar no período noturno e nesses casos sempre recebem apoio dos professores para permanecer e terminar o ensino médio.

Essa importância que a escola passa a ter na economia das famílias indígenas aparece no PPP da escola indígena Carapé, em Lagoa Rica, que aponta sobre a necessidade do trabalho assalariado e a exigência dos empregadores em admitir funcionários com maior escolaridade:

Percebe-se, a cada dia, as exigências dos empregadores em admitir pessoas com maior grau de escolaridade. [...] Dentro desse contexto, a Escola procura oferecer uma educação intercultural, diferenciada de modo a atender as especificidades da comunidade indígena local visando o desenvolvimento do município e melhoria da qualidade de vida dos indígenas. (PPP, 2017, pg.10)

Sem se inserir no mercado de trabalho, que compõem o modo de viver dos karáí, a vida das famílias indígena hoje é muito difícil. Sem empregos muitas famílias ficam sem nada, dependendo da ajuda de parentes e vizinhos. Dependemos do dinheiro para comer, para nos vestir, ter casas para dormir e comprar as coisas que queremos. Por isso muitos incentivam os filhos a seguir na escola. Hoje comemos arroz, feijão, e carnes compradas na cidade, não conseguimos viver mais na base de trocas, mas precisamos adquirir mercadores que custa o suor do nosso trabalho.

1.2 Um pouco mais de história guarani e kaiowa

Muitos trabalhos acadêmicos trazem dados históricos e antropológicos importantes para conhecer mais sobre a história dos Guarani e Kaiowá. Gostaria de iniciar esse ponto a partir das histórias contadas pelos mais velhos sobre o surgimento da terra e a origem da palavra kaiowa. Agradeço a disposição dos meus avós por conversarem comigo sobre esses assuntos e por me ajudarem na pesquisa, pelos conselhos dados, por me fazerem confiar e me dedicar mais na pesquisa, pois estive com medo de chegar aos mais velhos e perguntar sobre a vida dos kaiowa, porque me

sentia muito nova para isso. Meus avôs sempre me incentivaram a continuar estudando. Quando estava na faculdade, todas as vezes que viajava para apresentar meus trabalhos acadêmicos, levava os artesanatos que a minha avó fazia para vender, faziam questão em me dar a metade do preço que vendia para me ajudar, porém dizia a ela que não precisava do dinheiro, pois era bolsista.

Meus avós contam essas histórias e ficam muito emocionados. Muitas narrativas que aprendemos em casa, principalmente sobre a criação da terra, falam sobre os gêmeos, Pa'i Kuara e Jasy, da criação do mundo e da criação dos kaiowa. Eliel Benites, kunumi Rendyju da etnia kaiowa, fala sobre a criação do mundo a partir da fala da ñandesy Agustinha Peralta, que transcrevo abaixo:

No início as coisas que existem no céu já existiam [...] e o nosso pai engravidou a nossa grande mãe e dela gerou os gêmeos, um se chama pa'i kuara e o irmão mais novo de jasy, eles ficaram na terra com a missão de terminar a criação que o pai não tinha terminado e o pai foi ao céu. O pa'i kuara tirou da cintura um punhado de algodão e colocou no chão e este algodão começou a se multiplicar e se transformou em terra. E a lua, que estava brincando separou o algodão e já não conseguia mais juntar o que estava separado, por isso existem os grandes continentes, e os grandes rios como rio Paraná. Do pó do cocar e da sua vestimenta que foram feitas, colocaram no céu para ficar fixada ao céu. Daí surgiram às estrelas e todos os astros que estão no céu. Dizem que aquele cocar era muito grande e o pa'i kuara colocou no céu para ser a morada dele e dos seus auxiliares. A galáxia que a gente vê sempre à noite, aqueles são os caminhos dos mortos, os caminhos dos espíritos, e eles se juntam neste lugar e a galáxia que fica do lado que vem o frio, está à porta do céu, que os antigos chamam de ñandua. Eles dizem que quando a gente morre, apenas ficamos invisíveis, os que estão vivos não enxergam. O sol tinha duas irmãs, a mais nova teve um filho, que iria ser o não indígena, e mais velho teve filhos que iriam ser os pa'i Tavyterã, os Kaiowa e Guarani de hoje. Para isso foi colocada na encruzilhada da estrada uma peça de maquiagem e um mimby; a mais nova pegou a peça e mãe do pã'i pegou mimby e dali houve a separação. O sol fez a própria irmã da cinza, por isso a pele é branca, e a mais velha fez da cera de abelha, por isso a pele é vermelha; quando eles estavam brincando com a lua, eles passaram a tinta do mandypa (jenipapo) no rosto da lua, por isso, até hoje vemos a imagem do cavalo na lua cheia. (BENITES, 2014, pg.35-36)

Essas histórias apresentam algumas diferenças de um lugar para outro e maneira de contar pode ser pouco diferente, mas também são sempre muito parecidas. São diferentes porque cada pessoa que conta deixa sua marca na história. Elas são quase

sempre contadas em guarani pelos mais velhos e velhas para os mais jovens. É a nossa história e é a partir dela que os mais velhos procuram explicar os acontecimentos atuais e o que pode acontecer caso a gente não tome os devidos cuidados, abandone nossos conhecimentos e nossos territórios. Esses conhecimentos precisam ser transmitidos em guarani, não é uma história fácil de ser contada em outra língua. Não tem nomes em outras línguas que possam expressar o nome dos lugares, dos seres e também das coisas. A história é transmitida em guarani. Também é uma história falada, é para ser transmitida oralmente. São histórias difíceis de escrever no guarani e também no português. Contar a história é um modo de fortalecer a língua e os conhecimentos kaiowa. Esse é um conhecimento que é transmitido na família, contada pelos ñanderu e ñandesy. Atualmente essas histórias tem sido registrada por pesquisadores em seus trabalhos e isso é importante, um jeito de mostrar que temos nossa própria forma de contar a história. Mas não é isso que garante a atualização dessas histórias. Elas são vivas na medida que são contadas, que são transmitidas aos mais jovens, sempre contendo um ensinamento.

No mestrado fui percebendo que a etnologia tem muito interesse em conhecer a mitologia e a cosmologia das sociedades indígenas. A minha turma do mestrado era dividida com os não indígenas e indígenas. O ano que ingressei, 2019, teve o maior número de ingresso de acadêmicos/as indígenas, sendo duas terenas, uma guarani e dois kaiowá (contando comigo) e tinham alguns alunos especiais que são indígenas. Em uma aula de etnologia o professor nos motivou a falar sobre as histórias de nossos povos. O professor me perguntou se sabia contar alguma delas, respondi que sim e me pediu para prosseguir para contar sobre a criação da terra e também sobre os *Jakaira* e *Paikuara*. Pedi para o professor me dar um minuto para pensar e começar, não sabia por onde começar e pensei na hora, a história é longa levaria hora para terminar se for para contar tudo. A partir dessa situação percebi que não sabia muitas coisas das histórias kaiowá e que precisava ir atrás delas. Precisava ouvir mais as histórias para aprender a contar. Ainda assim aceitei o desafio e contei a história. Costumávamos sentar-se em círculos para todos pudessem participar das aulas e olhei para o círculo e comecei, não pelo começo, contei o que sabia e o que cabia no tempo e não terminei como deveria terminar, fiquei incomodada. Talvez isso fosse algo de inacreditável para os meus ouvintes, uma estudante kaiowá não conseguindo contar uma história kaiowá. Era uma situação muito diferente da que estou acostumada com meus parentes e entre eles não sou eu quem conta as histórias, são os mais velhos. Mas o professor me entendia,

continuou e afirmou que há diversas maneiras de contar sobre esses acontecimentos, principalmente o surgimento da terra. Outro desafio, que meus colegas não conseguiam ver, era a dificuldade de contar essas histórias na língua portuguesa, que é uma língua estrangeira, que falamos para se relacionar com o branco mais não usamos no cotidiano. Apesar de ser fluente em português, algumas histórias só ouvimos na língua indígena. Essas histórias são complexas, cheias de seres e acontecimentos, difíceis de contar em guarani, imagina fazer isso em português. A história que reproduzi acima, contada pela ñandesy Agustinha Peralta e registrada por Eliel foi contada em guarani e o autor traduziu para colocar na dissertação. Nesse caso, temos um tempo para fazer a tradução e pensar sobre ela, se é isso mesmo que estamos contando. Na situação da aula eu não tinha esse tempo e tive muita dificuldade de contar.

Percebi que a antropologia era o caminho para começar estudar mais sobre meu povo e desde a graduação me interessava entender melhor como o bilinguismo foi se tornando cada vez mais presente na vida dos Guarani e Kaiowá e como isso foi produzindo mudanças nas nossas vidas. Fui entendendo que estudar e ler mais sobre os Kaiowa e Guarani nos trabalhos acadêmicos não vão me fazer contar as histórias com os mais velhos contam. Esses são textos escritos em português e tem outro modo de contar a história. Os mais velhos sabem quando começar uma história, sabem por onde começar e a hora para terminar, quando os ouvintes já ouviram bastante naquele dia. Daí precisam esperar um tempo para aquela sabedoria ser assimilada por quem escuta. Se ficar perto deles para escutar é preciso prestar muita atenção e se imaginar fazendo parte daqueles acontecimentos. A gente se imagina vivendo aquela experiência que está sendo transmitida, assim você consegue sentir o verdadeiro sentido daquele mito, que é uma história transmitidas as ñandesy e ñanderu pelos *jara*.

Antigamente as crianças (*mitã kuera*) sentava em volta da fogueira antes de dormir para escutar o que seu avô estava contando, ao anoitecer todas as noites tinha uma história para ser contada, ou parte de uma história, se contava as coisas que aconteceram no passado ou aconteceram naqueles dias. Com a reserva e depois da chegada da energia elétrica veio à tecnologia dos brancos, o rádio, depois a televisão, depois o celular, o computador, e com isso parece que esse costume, esse hábito de contar e ouvir histórias, foi ficando menos frequente. Outro modo de transmitir essas histórias é através dos rituais, do canto e da dança, que era ensinado às crianças desde pequenas e que também tem se tornado cada vez menos frequente. Por outro lado, as histórias de brancos, contadas em português, fica cada vez mais frequente através dos

programas de televisão, novelas, filmes. O português chega junto com o trabalho e vai ganhando espaço com a reserva, com suas instituições e serviços prestados pelos brancos, com as igrejas e escolas. A escola foi um dos meios mais importantes de transmissão da língua portuguesa para as crianças indígenas. Os fatores citados acima também precisam ser considerados, como o trabalho nas cidades e nas fazendas e a tecnologia dos aparelhos eletrônicos, cada dia mais presente dentro das casas indígenas das famílias que vivem nas reservas.

Nesse sentido, as retomadas são um contexto de fortalecimento das histórias guarani e kaiowá. Na retomada não tem energia elétrica, então as famílias não conseguem usar a televisão, não tem internet e em cada casa há um fogo aceso, o fogo doméstico (Pereira, 2004), que não se apaga. Segundo Pereira, o fogo doméstico reúne idealmente um homem, seus filhos e filhas solteiras e sua esposa. Na retomada o fogo se fortalece, porque a família está ali reunida em torno daquele objetivo, vivendo junto àquelas dificuldades.

Atualmente os meus avôs moram na retomada Guyra kambiy e visito eles todos os finais de semana. Toda vez que vou minha avó sempre me conta algumas histórias. É desse modo que ela deseja me mostrar o verdadeiro significado daquele conhecimento. A importância que ela dá na transmissão desse conhecimento é para além da pesquisa, ela sabe que é um conhecimento importante para eu ser uma pessoa kaiowá com aqueles conhecimentos. São conhecimentos sagrados, deixados por Pa'i Kuara e outras divindades. Por meio desse conhecimento que a gente sabe de onde vem, por que é importante ter esses conhecimentos. É assim, ouvindo as histórias contadas em guarani que sabemos o que é isso e o que é aquilo.

Mas, com as chegadas dos brancos, das reservas, das missões religiosas, das escolas, com as cidades perto das aldeias, as tecnologias novas foram entrando nas comunidades e não temos como escapar o teko pyahu. É o novo costume que vai chegando e que também precisamos conhecer. Hoje dependemos do trabalho, dos produtos e das novas tecnologias que vem do mundo dos karai. Também dependemos das escolas, presente em quase todas as comunidades. Nas retomadas é mais difícil implantar a escola, mas as famílias lutam por isso. Apesar de trazer junto com o ensino do português o sistema de conhecimento dos brancos, a maior parte das famílias não vê a escola como algo ruim, pelo contrário, as famílias querem ter seus filhos nas escolas.

Deste modo não vejo a escola como algo que atrapalhou a cultura indígena. O contato com os brancos produziu mudanças nas vidas indígenas e se a gente não tivesse

a escola hoje talvez fosse ainda mais difícil. Os povos indígenas têm tentado usar a escola a seu favor e a favor das lutas coletivas. Para muitas pessoas indígena a escola proporciona algo bom. Hoje temos vários artistas indígenas mexendo com as mídias, produzindo filmes, livros, se tornando músicos, atores e usando isso para falar de suas culturas, da vida em suas comunidades. Também temos indígenas na política representando nossas comunidades nos estados e no país e que estão repercutindo no mundo lá fora, como é o caso da deputada federal Joênia Wapichana, inspiração para as mulheres indígenas.



Imagem 1

Joênia Wapichana

Deputada Federal Roraima²

Na universidade comecei observar que muitos acadêmicos foram apresentar suas pesquisas fora do estado, até fora do país. Isso se tornou possível porque nos apropriamos do português e da escrita para contar e escrever sobre o nosso povo. Para isso precisamos usar a tecnologia para se comunicar. Durante o período da pandemia isso foi ainda mais frequente, porque passamos a estudar através do computador, do celular, usando a internet. Então houve transformação sim e apesar das coisas ruins que temos vivido, temos usado o português e a escrita para falar do nosso modo de vida. No Mato Grosso do Sul tem se destaca a banda de rap indígena Brô Mc's, que vão se

² FOTO: <http://cir.org.br/site/2020/05/22/manifesto-de-apoio-e-reconhecimento-pelo-trabalho-da-deputada-federal-joenia-wapichana-no-parlamento-brasileiro/>

apresentar em 2022 no Rock in Rio, um dos maiores festivais de música do mundo. Os Bro Mc's vão mostrar os Guarani e Kaiowa para o mundo. Muitas das músicas da banda são gravadas em português, o que acaba possibilitando que os não indígenas, ao acompanhar a banda, conheça sobre a realidade vivida nas reservas.



Imagem 2

Rap Indígena Brô Mc's³

Bartolomeu Mélia, no trabalho “Bilinguismo e escrita (1995), afirma que a escrita não é algo novo para os povos falantes do Guarani. Nesse texto a autor aborda as relações dos antigos Guarani com os jesuítas e a introdução da escrita entre eles nas Reduções Jesuíticas. Segundo Mélia a escrita foi encara pelos Guarani no período colonial como algo “temível” e “terrível”, como podemos ver nesse trecho:

“Quase tão temível e tão terrível como as armas de fogo que feriam e matavam à distância, foi visto, não sem razão, o papel escrito, que levava e lançava palavras de vida-morte a distâncias ainda maiores. O papel escrito era instrumento de grandes poderes que vinham de muito longe, através de vozes nunca escutadas, que que eram vistas no desenho do papel” (MELIÀ, 1995, pg.90)

Apesar disso, como aponta o autor em seguida, os Guarani deram novos usos para a escrita, um uso que era inesperado para os colonizadores:

³ <https://www.unijui.edu.br/unijui-fm/noticias/26210-conheca-o-grupo-de-rap-indigena-bro-mc-s-que-compoe-em-guarani>

O inesperado da escrita guarani foi que ela acabou servindo também para a transmissão de mensagens e notícias entre os próprios índios. Isso exasperava as autoridades militares espanholas que viam no fato uma prova de rebeldia e clandestinidade. (MELIÀ, 1995, pg.96)

Mélia também diz que existe uma “série de escritos de caráter político-administrativo que ainda dormem nos arquivos, folheados por historiadores, mas quase nada aproveitado por desconhecimento do idioma” (MELIÀ, 1995, pg.95). Esses documentos mostram notável senso crítico da realidade por parte dos guarani. “É a história colonial que se encontra julgada desde uma perspectiva indígena; os Guarani assim escreveram outra história”. (Idem, pg.96)

Deste modo, apesar de não ser esse o fim esperado, a escrita era também instrumento de liberação em novas situações de opressão. E acredito que os povos guarani continuam dando respostas indígenas ao uso do português e da escrita, desafiando a ideia de que o ensino da escrita seja apenas instrumento para formar trabalhadores indígenas. E fazemos essa resistência através da participação nas universidades, na política, nas artes, mas também dentro de nossas casas, junto de nossos parentes, contando as histórias deixadas por nossos ancestrais. Além disso, Melià destaca em bilinguismo e escrita, que apesar da alfabetização, a oralidade tem muita força entre os Guarani e isso continua assim entre os mais velhos.

Não será estranho, portanto, que perante tal magia terrível do papel, os “donos da palavra” insistam na sabedoria analfabeta e proclamem o primado da palavra dita com sua verdade presente no que está vivo e no fugaz, tão mais presente quando permaneça no tesouro da memória. (MELIÀ, 1995, pg.91)

No texto Melia conta a história que um velho guarani, Pablo Vera, disse para o antropólogo Leon Cadogan, enquanto ele fazia pesquisa de campo entre os Guarani, que para aprender as coisas que realmente importam precisa deixar de lado o papel e viver junto dos indígenas, ouvindo as histórias recebidas das divindades que vivem nos patamares celestes:

Para aprender essas coisas, deverás permanecer um ano comigo na selva... deixarás de ler, pois a sabedoria dos papéis te impedirá compreender a sabedoria que recebemos, que vem Dos de Acima. (MELIÀ, 1995, pg.92)

1.3 Nosso território tradicional, Kaiowá Rekohaty Ka'aguy rusu pe

Os Kaiowa viviam nos seus territórios tradicionais na região que compõem o atual sul do estado do Mato Grosso do Sul bem antes da chegada da colonização, bem antes da guerra do Brasil contra o Paraguai, como demonstra o historiador Antônio Brand em sua tese de doutorado. A partir do SPI os Kaiowa foram pouco a pouco retirados das suas terras para serem colocados nas reservas. Algumas famílias conseguiram permanecer no local, há vários grupos e subgrupos de parentelas permaneceram no lugar até hoje. Muitos se identificam-se como kaiowa ou guarani no cone sul e também os guarani nhãdeva se identificam só como nhãdeva e isso vemos nas aldeias ou reservas que fazem fronteira com Paraguai.

Em Douradina, no tekohaa Panambi Lagoa Rica e Panambizinho, onde foco a minha pesquisa, muitos se identificam como kaiowá e dizem que não é guarani, mesmo sabendo o tronco linguístico tupi. Segundo eles, antes o lugar era chamado de *ka'aguy rusu* e muitos moradores do local, os mais velhos se identificavam como *ka'aguy rusu ygua*, a palavra *ka'aguy rusu* tem como tradução *o grande território ou território grande*, e *ygua* é uma afirmação que é *do* local ou *de* um lugar.

A partir de dados etnográficos levantados por Bitencourt (2008), o povo guarani está espalhado por diferentes estados do país e fora do Brasil. A língua é conhecida a partir da fala de cada região, muitos falam a mesma, mas existe muitas variações. A gente pode não reconhecer uma palavra, mas sabemos o que querem dizer. Muitos guarani se reconhecem a partir da língua.

Através de dados levantados na última década, o povo guarani no Brasil (fora dele) divide-se em quatro subgrupos: os Kaiowá ou Kaiuá no Mato Grosso do Sul; os Nhandeva ou Avá Guarani no Mato Grosso do Sul e no oeste do Paraná; os Mbyá no Paraguai, norte da Argentina, Uruguai, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Espírito Santo e Pará; e os Tupi-Guarani no oeste e no litoral paulista. Existe uma dificuldade relativa em qualificar os guaranis porque para eles não existem fronteira e, portanto, estão sempre em uma intensa mobilidade visitando parentes, fazendo intercâmbios entre si, casamentos e rituais. A rede de parentesco é imensa e se estende por todas essas regiões, independentemente de estarem no Brasil ou fora dele, pois, na concepção deles as fronteiras foram inventadas pelo branco (juruá). Para preservar suas tradições e se relacionarem com a sociedade dominante, os guaranis foram tolerantes e diplomáticos, mesmo que perseguidos cultural e fisicamente, garantindo a continuação dos costumes e tradições, além da reprodução da etnia. Em relação ao idioma, o guarani pertence à família Tupi-Guarani do tronco linguístico Tupi. No Brasil, não houve continuidade da língua

geral, mas no Paraguai o guarani ainda hoje é uma língua oficial, paralela ao espanhol. (BITTENCOURT, 2008, pg.68)

Em relação a população Guarani e Kaiowa no Mato grosso do sul, segundo a pesquisadora como Vietta (2007), a população indígena de ambas as etnias era em torno de 25.000 indígenas em 2001. Mas com tempo a quantidade da população aumentou, a presença dos Guarani e Kaiowa no cone-sul do estado e da luta pela terra também aumentou, assim como a luta pela educação indígenas, por melhorias na saúde indígena e em entre outros situações que enfrentamos. Temos colocados nossas pautas para debate, para o conhecimento dos nossos próprios direitos.

O aumento da população também tem a ver com o fortalecimento das identidades indígenas, resultado do contato mais frequente com os brancos e com a mistura de pessoas de etnias diferentes dentro das reservas. Antigamente muitos não se identificavam como indígenas, essa é uma identificação resultado do contato com os Karai. Quando o SPI demarcou as reservas a intenção era transformar indígenas em não indígenas (*Karai*). Mas o que vemos é o contrário, apesar da pressão exercida pelas cidades e pelos brancos, vemos muitos movimentos indígenas de valorização das identidades étnicas.

A População kaiowá e Guarani no Mato Grosso de Sul é de aproximadamente 25.000 pessoas dispersas em 26 áreas, sendo 8 reservas demarcada entre 1915 e 1928 e as demais, com exceção de Panambi e Panambizinho, são aldeias reocupadas a partir das décadas de 1980. A população nas reservas alcança índice que variam de mais de 1.000 a cerca de 6.500 habitantes, enquanto as aldeias abrigam de 100 a 500 pessoas. Entre as décadas de 1940 a 1970, quase uma centena de aldeias Kaiowá e Guarani foi invadida por fazendeiros, que promoveram a expulsão de seus ocupantes originarias. A partir desse período muitas famílias foram transferidas para reservas, enquanto outras passaram a perambular pelas fazendas vizinhas. (VIETTA, 2007, pg. 82)

Em relação ao “território”, na nossa língua tem um sentido muito diferente do sentido do branco, que vê o território como área privada, uma posse, ou uma área que pode ser área delimitada, pode ser usada para reduzir animais ou pessoas, como tentaram fazer com a reserva. Para os Kaiowa o território está conectado as memórias, as histórias sobre a criação do mundo, das pessoas e dos animais, o território é morada dos humanos e demais seres que formam esse mundo. Nesse sentido, a terra tradicional ou território tradicional para os Guarani e kaiowa, o nosso *Tekoha*, é composta pelos os

jaras, espíritos da floresta, a terra é sagrada, *yvy maragatu* e os conhecimentos a cosmologia kaiowa deve ser repassada de geração para geração.

Quando menciono o termo *tekoha*, para os Kaiowá, eles falam da sua terra, de um jeito de viver, de um lugar que foi criado pelos seus antepassados, pelos locais por onde eles passaram. Há lembranças de que naquele lugar já foram realizados batismos, que acontecia o ritual de *tempé tá*, que tinha casa que tinha *guachire* e *xixá*, que havia *ogusu* ali, ou lá, e hoje tentamos mostrar que o *tekoha*, esse lugar nunca se perde, porque ele é um lugar no espaço, um território, mas ele é um lugar na mente, na memória e nas histórias contadas pelos mais velhos.

Tekoha é imprescindível para nossa sobrevivência física e, de modo especial, também cultural, dado que *tekoha* significa espaço ou lugar (ha) possível para o modo de ser e de viver (*teko*). A mesma palavra aglutina dois conceitos fundamentais: vida (*teko*) e lugar (ha). (BENITEZ, 2014, pg.36).

Mesmo muitas crianças e jovens nunca tenham ido aos *tekoha* que viveram seus antepassados, eles conhecem as histórias desses lugares através das histórias de vida de seus pais e avós. As histórias contadas às crianças e jovens pelo mais velhos são, muitas delas, história vividas no *tekoha*. Pretendo trabalhar um pouco dessas histórias no capítulo três, quando pretendo abordar sobre os conhecimentos que são transmitidos para as crianças no espaço da casa, na convivência com sua parentela.

No próximo capítulo vamos abordar sobre a experiência da escola na formação das crianças e como, por meio dela, circula não apenas a língua dos *karai*, mas também seu sistema de conhecimento e visão de mundo. O objetivo é refletir como a escola indígena e os professores indígenas fazem para equilibrar o ensino com conteúdos que venham de fora, do mundo dos *karai*, com saberes indígenas.

CAPÍTULO 2: A ESCOLA INDÍGENA E O USO DO PORTUGUÊS

Vou aprofundar minhas reflexões sobre a escola a partir da etnografia feita na Escola Municipal Joãozinho Caarapé, localizada em Panambi Lagoa Rica e onde atuo como professora. A partir desse capítulo quero refletir sobre os impactos que a escola tem na transmissão dos conhecimentos indígenas, mas também quero falar dos benefícios que podemos ter permanecendo na escola. Escolhi tratar a escola porque ela é o local onde passamos muito de nosso tempo atualmente e onde aprendemos a nos relacionar com o mundo dos karai.

Escolhi a escola também porque a partir dela é possível refletir sobre a importância da língua guarani na transmissão dos conhecimentos kaiowa. Como a escola é um local onde crianças e jovens passam muitas horas por dia ela se tornou parte importante no processo de transmissão de conhecimentos dentro da terra indígena, como aponta a antropóloga Clarice Cohn, que tem pesquisas importantes sobre crianças indígenas e processos de transmissão de conhecimentos indígenas. Para a autora o debate sobre os processos de transmissão dos saberes indígenas não pode deixar de pensar a escola.

O debate sobre as políticas culturais e, inclusive, sobre os regimes de conhecimentos indígenas não pode ser feito, hoje, sem passar pela escola. Atualmente, as crianças indígenas passam grande parte de seu dia na escola; jovens indígenas saem de suas comunidades para dar continuidade à sua formação em geral ou se formar professores em magistérios e licenciaturas interculturais; comunidade constroem e mantêm suas escolas; famílias investem na escola uma boa parte da criação de seus filhos, enquanto as próprias crianças investem seu tempo na escola. [...] Com isso, grande parte dos conhecimentos que circula pelas aldeias e comunidades provém da escola, dialoga com ela, ou é (embora não devesse ser) dela proscrito; e a formação de novas pessoas, atualmente, passa pela escola, em formação e fabricação de corpos e no que diz respeito a conhecimentos e formações. (COHN, 2014, pg. 314)

Clarice Cohn afirma que parte das etnografias tem excluído a escola de suas análises, enquanto outras etnografias focam apenas na escola, retirando-as de seu contexto. Deste modo, a autora defende que é preciso pensar a escola dentro da realidade social que ela está inserida e a partir disso refletir sobre qual escola cada comunidade deseja construir e quais os impactos que a escola tem na transmissão dos saberes indígenas:

Por isso, enfatizo que é a etnografia o melhor instrumento que temos para enfrentar, analiticamente, este desafio: entender a(s) demanda(s) indígena(s) por escola, de um lado, as possibilidades de escolarização que se lhes apresenta, de outro, e os impactos que isto tem nos regimes de conhecimento ameríndios. (COHN, 2014, pg. 315)

Ainda sobre as pesquisas sobre a escola a autoria destaca que *é preciso etnografias que pensem a escola sem as isolar do mundo vivido indígena.*” (COHN, 2014, pg. 317). Para isso Cohn sugere observação in loco mais análise de documentos. Além disso, Cohn destaca que a etnografia deve ser atenta aos processos históricos e contexto políticos, pois são eles que nos permitirão *entender que valores eles dão à escola, e porque e como lhe reconhecem importância.* (COHN, 2014, pg.318)

A partir da minha experiência vejo a escola indígena enquanto uma porta de entrada para o sistema de conhecimento do mundo dos brancos e uma porta de entrada para a língua portuguesa. Na escola muitos conteúdos trabalhados são os conteúdos definidos para todas as escolas, sem diferenciar as especificidades de cada escola. O currículo da escola indígena se divide entre os conhecimentos que procura valorizar os saberes indígenas e os conhecimentos vindos dos karai, que compõem a maior parte dos currículos. Até poucos anos atrás as escolas indígenas tinham apenas professores não indígenas, o que vem mudando nas últimas duas décadas. O aumento de professores indígenas na escola indígena melhorou muito a escola, porque os conteúdos são transmitidos em guarani e os professores precisam adaptar aqueles assuntos à realidade de seus alunos, a partir da idade deles e dos temas abordados. O que não é uma tarefa fácil.

A dificuldade dos professores consiste, muitas vezes, em equilibrar os conteúdos vindos do sistema de conhecimento dos karai com os saberes indígenas, que segundo os professores kaiowa, precisam ser valorizados na escola. Para falar sobre essas dificuldades que os professores indígenas enfrentam na escola vou apresentar um pouco da minha experiência com a formação de professores indígenas enquanto cursava a graduação em ciências sociais. Através da participação no projeto Rede Saberes pude acompanhar oficinas de formação de professores das escolas indígenas e conversar com eles sobre os desafios que encontram em seus trabalhos. Os desafios apontados apontado pelos/as professores são desafios importantes que as escolas indígenas têm enfrentado.

2.1 Desafios da escola indígena: como trabalhar os saberes indígenas na escola?

Enquanto fazia o curso de ciências sociais na UFGD participei do Projeto Rede Saberes. Vou contar sobre minha experiência no projeto porque ela foi importante para esta pesquisa. Foi a partir daí que meu interesse por entender o processo de formação bilíngue de estudantes indígenas começa a ganhar forma de projeto, que apresentei depois para ingressar no mestrado em antropologia⁴. Apesar das entrevistas realizadas terem sido feitas com professores de outras terras indígenas, os problemas levantados por eles são recorrentes nas escolas kaiowa e guarani e ajudam para pensar os desafios atuais na escola. Um desses desafios é referente a transmissão de conhecimentos indígenas e não indígenas dentro da escola indígena, como esses dois sistemas de conhecimento aparecem na escola.

O projeto Saberes Indígenas na Escola consiste em um processo de formação continuada, composta por diferentes instituições de ensino superior do MS: a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), a Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). A formação é destinada para os professores indígenas das etnias de dois territórios etno-educacionais, Povos do Pantanal e Cone Sul, com o objetivo de inserir os saberes tradicionais no ensino universal da escola.

A Ação Saberes Indígenas na Escola (instituída pela Portaria nº 1.061, de 30 de outubro de 2013 do MEC) é uma experiência importante na discussão de práticas e conteúdos que podem ser adotados nas escolas indígenas. A ação busca acompanhar e avaliar a implementação da educação escolar entre os povos indígenas e atua no apoio da produção de materiais adequados às realidades das comunidades, que procura qualificar a prática educativa das escolas nas aldeias. Assim, por meio desta ação são produzidos materiais voltados para a valorização dos conhecimentos tradicionais na escola, sempre na língua indígena e no português, segundo o projeto de cada etnia. A partir delas os docentes indígenas elaboram materiais e subsídios específicos em co-

4 Essa experiência virou um texto com a minha orientadora, Aline Crespe e minha amiga de turma de graduação e mestrado, Hildyanne Teixeira. O texto foi apresentado e publicado nos anais da XIII RAM e depois do evento o texto foi revisto e reformulado, se tornando um capítulo de um livro publicado pelo curso de ciências sociais da UFGD. (ORTIZ&CRUZ&CRESPE, 2019)

autoria com pesquisadores ou com outros professores indígenas, sempre respeitando os processos de ensino e aprendizagem dos povos Guarani, Kaiowa e Terena.

Através do Rede Saberes pude observar os trabalhos de formação de professores indígenas que atuam dentro da Reserva Indígena de Dourados (RID). No Rede Saberes investiguei sobre como os saberes tradicionais aparecem nas escolas indígenas da aldeia Jaguapiru, no município de Dourados-MS. O estudo teve por objetivo conhecer melhor a visão dos professores indígenas em relação ao tratamento dos saberes indígena dentro das escolas na aldeia, como se concilia ou se contrapõem os conhecimentos dos karai dos conhecimentos indígenas na escola.

Segundo a antropóloga Clarice Cohn, a escola indígena entra na vida das comunidades indígenas para atuar ao mesmo tempo que se reproduzem os regimes de conhecimento das sociedades indígenas, seja em diálogo ou em confronto, como vemos abaixo:

A escola entra na vida de comunidades e povos indígenas para atuar simultaneamente com seus próprios regimes de conhecimento. Em diálogo ou em confronto com eles, ela faz circular mais conhecimentos, ou os homogeneiza, assim como suas práticas de aprendizado. Assim, devemos levar em conta esta relação das práticas educativas escolares com as concepções de conhecimento, de conhecer, e a gestão, produção e circulação de conhecimentos. (COHN, 2014, pg.320)

Nesse sentido, me interessava conhecer como os professores indígenas faziam para articular, relacionar os conteúdos curriculares com conhecimento de português, matemática e outras áreas com a valorização dos conhecimentos tradicionais. O interesse por esse tema era também uma forma de me preparar para ser professora na escola indígena, porque, mesmo estando em um curso de licenciatura, as diferenças das escolas indígenas tinham pouco destaque nas disciplinas de formação de professores no meu curso.

Realizei a pesquisa entrevistando docentes indígenas representando as etnias guarani, kaiowa e terena. Em análise das informações obtidas, pude observar que a maioria dos docentes são favoráveis à inserção dos saberes tradicionais indígenas na escola, pois, de acordo com eles, é necessário conhecer a história para manter viva a cultura. Mas eles também colocaram que para isso ocorrer é preciso levar em consideração a diversidade étnica dentro da reserva. Deste modo, é preciso ter em vista

a realidade da RID, que conta com a presença de três grupos étnicos, Kaiowa, Guarani e Terena.

Os educadores indígenas, apesar das dificuldades, buscam valorizar suas diferenças e os direitos indígenas adquiridos por meio de suas lutas, através da qual conquistaram a possibilidade de trabalhar uma educação diferenciada dentro de suas escolas. Uma das formas de terem suas vozes ouvidas na sociedade é a valorização dos saberes tradicionais nos contextos educacionais. Os saberes tradicionais indígenas que são adquiridos com avós, pais, líderes tradicionais indígenas, são riquíssimos e devem aparecer na escola, ser repassados às crianças mesmo na escola, pois atualmente, é na escola onde passam a maior parte do tempo. Assim, os professores indígenas têm a responsabilidade de passar esses conhecimentos para serem valorizados e não esquecidos em detrimento dos conhecimentos vindos do mundo dos brancos. Neste sentido, a escola pode ser um importante espaço de resistência.

A escola é inserida dentro das reservas indígenas a partir da atuação das missões religiosas e do órgão indigenista oficial (SPI) que tinha, no passado, um caráter integracionista. Desde a década de 1980, com a articulação feita por diferentes comunidades indígenas, os povos indígenas passam a reivindicar o direito à educação diferenciada, respeitando a língua e os saberes tradicionais. Este tema virou um debate importante nas reuniões realizadas por professores indígenas no MS e observo, no contexto escolar indígena, a busca pela inserção dos saberes tradicionais indígenas e a sua prática dentro da comunidade escolar. Com o passar do tempo, espaços e leis foram conquistados, dando assim a oportunidade de se trabalhar esses saberes dentro das escolas. Até pouco tempo atrás, essa função era dos professores de história ou de estudos sociais. Mas a realidade vem mudando e tem mudado a cada ano, se estendendo a comunidade escolar como um todo. Essa questão de como trabalhar os saberes indígenas na escola tem sido pesquisada em diferentes etnias e como coloca Cohn, é um desafio a ser enfrentado por diferentes povos indígenas. Mas apesar das dificuldades, as comunidades tem conseguido, muitas vezes, subverter o que se espera da escola.

Como a escola indígena, específica e diferenciada poderá garantir os meios de produção das culturas indígenas, sabendo respeitar suas infâncias, seus modos de aprender e ensinar, seus regimes de conhecimento, suas culturas, é de fato um desafio imenso – porque a escola tende a ser, sempre escola, e escolarizar os modos de produção e transmissão cultural. Mas, apesar disso, os índios têm conseguido subverter as escolas e seus modos, mesmo quando parecem, à primeira vista, se submeter a elas.” (COHN, 2014, pg.326)

Nesse sentido, a pesquisa realizada durante a graduação permitiu me aproximar desses desafios e conversar com os professores indígenas como eles/as vem tentando lidar com essa realidade na escola e como se dá a transmissão dos saberes indígenas na escola. A respeito das ações, os professores das etnias guarani, kaiowa e terena relataram que são favoráveis as formações que desenvolvam maneiras de repassar seus conhecimentos, porém, também afirmam que é preciso bem mais do que formações continuadas, mas sim projetos que envolvam as comunidades como um todo, que não fique restrito a escola. Segundo eles, é fundamental que escola e comunidade sigam os mesmos princípios em relação ao que esperam da escola. O problema é como fazer isso em áreas marcadas por tantas diferenças, com diferentes leituras sobre os conhecimentos tradicionais, sobre educação e sobre escola.

Abaixo apresento alguns relatos dos docentes presentes na formação de professores a partir da Ação Saberes Indígenas na Escola e que atuam nas escolas da aldeia Jaguapiru, em Dourados. O primeiro relato é da professora Josabel Valério Ávila Formação, da etnia terena, moradora da Aldeia Jaguapiru-Dourados e formada em Pedagogia, pela UFGD:

Bom, quando comecei os saberes eu comecei a ver como eu precisava inserir os conhecimentos tradicionais do meu povo terena e dos povos guarani e kaiowa, os conhecimentos que se fazem esquecidos, porque muitos se guiavam pelos livros didáticos. Nós sabemos que os livros didáticos não se adequam a nossa realidade e o curso se guia pela pedagogia de Paulo Freire, que o conhecimento parte da realidade do aluno. Isso foi o que me marcou muito no nosso curso, aproveitar esse conhecimento dos nossos anciãos. Nós aprendemos a valorizar nossa língua, nossas tradições e resgatar as que estavam sendo deixadas de lado. E isso eu levo para dentro da sala de aula, tudo que aprendo durante a etapa da ação juntos com outros professores indígenas da RID. A ação veio para manter os nossos conhecimentos tradicionais dentro da escola, sem ela, nós professores da RID não teríamos apoio para manter a cultura tradicional da etnia Guarani, Kaiowa e Terena. Cada professor atua numa área diferente, mas a ação é uma formação contínua e traz vários conceitos e objetivos para ensinar nossos alunos a fortalecer línguas, as escritas, os cantos e os saberes tradicionais.

O próximo relato é da professora Adrieli Caroline Marques Lopes, da etnia Guarani, moradora e professora na Aldeia Jaguapiru, em Dourados, também formada pelo curso de Pedagogia da UFGD:

O saber indígena nas escolas é um projeto que visa a valorização das culturas indígenas, não só da etnia guarani e kaiowa, mas sim dos Terenas. Também é vinculado com as universidades, principalmente as federais. O que acontece nos saberes indígenas é que alguns anos a gente vem trabalhando com a produção de materiais, como os livros didáticos, mostra cultural. Nessas mostras culturais é quando a escola vai levar o que, ao longo dos seis meses, trabalhou, por que geralmente a mostra cultural é depois das férias. O que acontece na maioria das vezes não é efetivado nas escolas e apenas com reuniões, e as escolas que se efetivaram, posso dizer que a escola Agostinho que ajudou bastante no projeto dos livros, os professores produziram bastantes livros, ele é efetivo sim, mas são algumas escolas e outras escolas aderem os saberes indígenas na escola, porém não trabalha. O que acontece quando chega à mostra cultural, que no meu ponto de vista é errado, manda os professores produzir materiais e trabalha dois ou três dias com alunos e pronto, e leva para a mostra cultural e ao longo do ano não trabalha. [...] Acredito que os professores precisam ser mais concentrados nas questões dos professores participarem, os professores precisam ser mais críticos e produzir mais materiais.

A fala das professoras apontam para as dificuldades de efetivação de uma prática pedagógica que insira os conhecimentos tradicionais no cotidiano da escola, mesmo com a formação continuada. Essas dificuldades estão relacionadas aos próprios processos de formação dos professores, que muitas vezes é uma formação distante da realidade das comunidades indígenas. Outro problema é como trabalhar os saberes indígenas frente a quantidade de conteúdos que são previstos no currículo da escola indígena, que tomam muito tempo das atividades escolares. A formação proporcionada pelo Saberes Indígenas não consegue resolver todos os problemas colocados na formação dos professores indígenas. Assim, muitos professores acabam trabalhando com os conhecimentos tradicionais apenas nos momentos de formação, ou para as mostras culturais que são organizadas nas escolas, quando os professores apresentam os resultados do projeto. Mas como podemos perceber, na visão da professora, esses conteúdos deveriam ser trabalhados por todos os professores, durante todo o ano letivo, mas é difícil isso acontecer na prática.

Em partes essa dificuldade se deve a estrutura da escola, a necessidade de trabalhar um currículo externo e ao processo de formação dos professores, em licenciaturas em que pouco se fala (ou não se fala) sobre os sistemas de conhecimentos indígenas. Quanto ao currículo, a quantidade de conteúdos previstos nas diretrizes

curriculares e que o professor precisa trabalhar ao longo do ano, diminui o tempo que pode se dedicar aos saberes indígenas, escolhendo um período determinado no ano para trabalhar.

O próximo relato é do professor Jordson Sanche Rodrigues, da etnia Kaiowá, morador e professor na aldeia Jaguapiru em Dourados, MS, licenciado em matemática pela UFGD.

Junto com os professores em ação os saberes compreendem várias ideias e conhecimentos, além de conhecer mais sobre a cultura, podemos aprender como ensinar os alunos da educação básica em sala de aula, usando a cultura do cotidiano do aluno, na aula de matemática faço o grafismo indígena, ensino a construir as formas geométricas, os grafismos dos povos indígenas da etnia Guarani, Kaiowa e Terena, a maior parte dos desenhos é em formas geométricas, triângulo, quadrado e círculo. Mostro para os meus alunos os grafismos, as pinturas e ainda o ensino em formas geométricas. [...] O indígena é um sujeito histórico que tem o dever de preservar, valorizar sua identidade e lutar por seus direitos porque é capaz de tomar essas decisões por conta própria. Contudo é necessário que as capacitações e formações continuadas mostrem efeitos positivos. [...] Em algumas escolas, para alguns professores, a ação não tem muitas qualidades, há uma contrariedade com os três povos presente e os não indígenas, questão das línguas.

Jordson aponta para dificuldades que atravessa as escolas nas reservas indígenas de Dourados, que são as diferenças entre os diferentes povos indígenas que vivem nela e como essas diferenças vão aparecer na escola. Além disso, conversando com Jordson ele me disse que nem todos os professores têm a mesma convicção em relação à importância dos conhecimentos tradicionais dentro da escola, o que se agrava quando se trata de professores não indígenas que trabalham na reserva.

Jordson chama atenção para um aspecto importante das reservas indígenas no MS, que é a mistura (jopara) entre pessoas de diferentes etnias e com o mundo dos brancos. Essa mistura se dá em várias esferas da vida da pessoa, no casamento, na escola, no trabalho. No geral a mistura não é vista como algo positivo, pois, segundo os mais velhos, pode trazer consequências ruins para a pessoa. O antropólogo Diógenes Cariaga, na sua dissertação de mestrado abordou sobre a educação de crianças kaiowá na aldeia Te'y Kue. Cariaga fala sobre como a mistura, resultado do casamento com pessoas de outras etnias, ou com karai, pode ser perigosa: *“O maior risco provocado pela mistura é tornar-se jopara. Segundo a agente de saúde, um ava jopara – pessoa*

kaiowá muito misturada, refere-se à categoria que pessoas que se afastaram muito do “sistema do Kaiowá” – ava reko (Cariaga, 2011, 168). Essa preocupação que o autor se refere em relação ao casamento também pode ser utilizada para a escola, porque a escola é um meio de produzir a mistura, principalmente com o sistema do branco. Assim, a escola, apesar de desejada, possui um risco, fazer da pessoa um *ava jopara*. Por isso a valorização dos saberes indígenas na escola se torna um tema importante dentro das comunidades.

A minha participação na Ação Saberes Indígenas foi importante para minha prática escola enquanto professora indígena. Foram surgindo ideias de como atuar na área da educação escolar dentro da minha aldeia. Foi a partir dos saberes indígenas que pude refletir sobre como abordar os saberes indígenas a partir da minha formação, já que iria atuar na área de sociologia e filosofia no ensino médio.

A partir do projeto pude visualizar melhor como conduziria as práticas pedagógicas. Em 2019, depois de várias reuniões com os novos professores para exercer o cargo de professora, graças a graduação em Ciências Sociais e ao mestrado em Antropologia, assumi a disciplina “Questões Indígenas Brasileiras (QIB)”. Essa matéria é oferecida obrigatoriamente nas escolas estaduais nas aldeias, com a formação na área de ciências humanas. Depois de começar a ministrar aulas percebi que poderia colocar em prática o que aprendi nos saberes indígenas.

Os saberes indígenas não resolvem todos os problemas colocados pelo projeto de educação indígena, mas é uma formação muito importante para professores e estudantes indígenas. Através dela podemos colocar em diálogo conhecimentos vindos de dois mundos diferentes, da sociedade ocidental e a valorização dos conhecimentos dos povos indígenas. Os cursos de licenciatura ainda estão fortemente ligados a ideia de que o conhecimento do mundo dos brancos é um conhecimento universal. Apesar das dificuldades de inserir efetivamente os saberes tradicionais dentro da escola indígena, percebemos que os professores têm se preocupado em ampliar os espaços para trabalhar os conhecimentos indígenas. Isso é importante para a valorização do estudante, de sua origem, dos conhecimentos que trazem de casa, de suas famílias.

2.2 As escolas na terra indígena Panambi Lagoa Rica e a formação dos professores

Desde 2019 sou professora na Escola Indígena Joãozinho Caarapé, na terra indígena Panambi Lagoa Rica, onde sou professora de sociologia, Filosofia e Questão

Indígena Brasileira (QIB) no ensino médio. Na escola, junto com os alunos, trabalhamos muito em projetos para valorizar os conhecimentos indígena e fortalecer o nosso *teko kaiowa*. Quando comecei o mestrado de antropologia e entrei na escola para ministrar aula tinha várias ideias para apresentar na escola da Lagoa Rica. Por ser extensão da escola do município de Douradina, nos reunimos entre professores Indígenas e alguns não indígenas por falta de professores indígenas formado na área, sentamo-nos e conversamos. Em diálogo decidimos fazer vários projetos sobre o nosso *teko* para mostrar para a comunidade que a escola está preparada para receber os alunos e a comunidade está preparada para fortalecer a escola.

Atualmente existem duas escolas em Lagoa Rica, uma municipal e uma estadual. O espaço da escola do município é emprestado para a extensão para ensino médio no período noturno. A maior parte dos professores são professores do município e do estado. Mas com a direção e coordenadoras diferentes. Nesse tópico vou falar um pouco sobre as escolas, já que funcionam juntas, no mesmo lugar, mas meu foco maior será o ensino médio, onde atuo como professora.

A escola Joãozinho Carapé Fernando é uma escola municipal que fica localizada no município de Douradina, é uma escola indígena, o espaço fica na entrada da aldeia Panambi, onde era antigo posto da FUNAI, e hoje é uma escola pertencente à comunidade. A escola é mais conhecida como educação escolar indígena Bilingue, intercultural e diferenciada e específica. No projeto político pedagógico (PPP), já nos dados de identificação da escola, ela aponta para a educação diferenciada.

A escola Municipal de Educação Indígena Joãozinho Carapé Fernando, localizada na reserva Indígena Panambi, no município de Douradina, Estado de Mato Grosso do Sul, é mantida pela prefeitura municipal, através da secretaria de Educação e cultura, com o CNPJ nº. 07.570.693/0001-05. Reconhecida pelo poder público através de ato oficial de criação decreto nº16/2004. A escola é baseada numa educação escolar indígena bilíngue, intercultural, diferenciada e específica, cuja especificidade já está garantida pelo Artigo 210 da constituição Federal/88; pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) Nº.9.394/96, Artigos 78 e 79; pela Lei Estadual Nº.10.172/01; e pela Deliberação do CEE/MS (conselho Estadual de Educação) Nº 6363/01. (PPP, 2017, pg.06)

No projeto político pedagógico os professores tratam da necessidade da escola frente aos desafios atuais das famílias indígenas, que dependem do trabalho fora de suas comunidades, isso significa que a escola deve preparar as crianças para enfrentar a atual

realidade das reservas e terras indígenas. Isso significa ensinar a se relacionar com o mundo do branco, aprendendo sua língua, seus conhecimentos e seu modo de ser. Enquanto isso, a educação da criança, no seu sentido mais amplo, continua sendo uma atribuição da família, como é destacado pelos docentes no PPP:

Dentro da reserva as famílias extensas, mesmo vivendo uma situação muito diferente da qual viviam antes ou fora dela – pois tinham que se organizarem umas próximas das outras (*ypypepa*) para viverem todos juntos –, a educação continuou a ser realizada nos moldes tradicionais, através da tradição (*ñemoñe'ê*) da palavra oral, aconselhamento e das práticas cotidianas (*japo*) (Benites 2003). Até hoje a família guarani não depende da escola e do papel escrito para transmitir seus conhecimentos. As crianças educam-se convivendo diretamente com os membros adultos experientes - educadores da comunidade -, ouvindo conselhos, histórias com moral educativa e observando as práticas e as atividades realizadas nos vários contextos da vida cotidiana. Ao mesmo tempo que observam e ouvem as crianças começam a praticar e colaborar (idem). (PPP, 2017, pg.13)

Deste modo, é destacado que o modo de educar (*mbo'e*) as crianças continua sendo através da oralidade (*ñemoñe'ê*), das histórias que são passadas de geração para geração, transmitidas ao mais jovens através das histórias, dos rituais, dos conselhos e ensinamentos cotidianos. O PPP reforça essa ideia no trecho transcrito a seguir:

Muito embora os Guarani e Kaiowá se deparassem com as instituições dos brancos - como as missões religiosas, as escolas, o SPI e, atualmente, com a FUNAI -, passando a estabelecer relações estreitas com a sociedade envolvente, prevaleceram a educação tradicional dentro da família extensa. Esses indígenas puderam nas reservas experimentar outros valores e outros bens materiais e novas situações decorrentes da aglomeração dentro da reserva. Pode-se afirmar que a forma de educar (*mbo'e*) adaptou boa parte desses novos elementos os incorporando e os ensinando através da tradição oral, segundo a lógica educativa dos Guarani e Kaiowá. Por outro lado, ficou claro que o domínio da escrita, da leitura, da contabilidade e de outros instrumentos de transmissão de conhecimentos não indígenas, exigiam técnicas especializadas de ensino, cuja especificidade não podia ser assumida pela família extensa. Deste modo, a Escola passou a desempenhar esse papel, porém sempre sob o controle das regras éticas e educativas das comunidades Guarani e kaiowá (idem). (PPP, 217, pg.13)

Deste modo, o objetivo da escola não é ensinar os conhecimentos indígenas, porque esses saberes as crianças trazem de casa. Por outro lado, vistos os perigos colocado pela mistura (*jopara*) como o mundo dos karai, a escola pode (e deve)

valorizar os saberes tradicionais dentro dela e valorizar a importância dos conhecimentos dos mais velhos. Isso porque os mais jovens, muitas vezes, são seduzidos pelo mundo do branco, rejeitando os saberes de seus parentes e se aventurando nas relações com os não indígenas. Fazer isso pode ser perigoso, por isso toda pessoa deve receber, desde os primeiros dias de vida, uma formação indígena que garanta segurança a ela, não se afastando muito do teko kaiowa, inspirado nos modos de viver dos nosso ancestrais, o teko imaguare.

A escola estadual começou suas atividades em 2019, com muita luta. Quando começou a implantação da extensão foram realizadas reuniões com as lideranças e a comunidade sobre o ensino médio dentro da aldeia. Muitos alunos que ficaram anos sem estudar começaram a pedir informação para começar a estudar de novo, percebemos e dialogando e acolhendo eles, que muitos alunos desistiram de estudar, não porque queria, mas sim porque precisaram. Alguns foram fazer o ensino médio na cidade e pararam depois sofreram abusos psicológicos, preconceitos ou por precisarem trabalhar. Quando a extensão abriu não tinha sala para os alunos do ensino médio, então optamos por abrir a noite, com horários mais cedo. Emprestamos o espaço da escola do município, pois era única opção para ter ensino médio, que por isso tinha que ser noturno. Nos surpreendemos com a quantidade de alunos matriculados, eram muitos e ficamos muito feliz de ter alunos que pararam de estudar a recomenciar de novo os estudos, e acolhemos. A seguir apresento um pouco mais da experiência do ensino médio em Lagoa Rica e os desafios que enfrentamos nessa fase da escola.

2.3 O ensino médio, uma escola de extensão

Para falar dos desafios que encontramos aos nos tornarmos professores, vou compartilhar um pouco mais minha trajetória e a trajetória dos meus amigos de trabalho e como trabalhamos nessa escola. Como apontamos antes, um desses desafios é como conciliar o conhecimento dos brancos com a valorização do sistema de saberes indígenas. Antes da pesquisa do mestrado já tinha em mente como queria trabalhar junto com meus colegas, então vou apresentá-los e contar um pouco como temos trabalho na escola.

Em 2015 entrei para a faculdade e fiquei três anos fora na minha aldeia. Optei por morar em dourados, onde consegui a moradia estudantil que é da universidade e é muito próxima ao campo. Depois de quatro anos voltei para trabalhar na minha

comunidade, pois percebi que se eu voltasse teria mais chance de trabalhar e motivar os jovens e adolescentes de hoje em dia.

Mesmo que fosse da área da saúde optaria em voltar para ajudar o meu povo, pois assim ficarei muito grata e contente. Tive muita preocupação, me martelava a ideia na minha cabeça porque os não indígenas vêm dar aula na escola e trabalha na área da saúde, sendo que nós também conseguimos nos formar. Me dediquei muito na faculdade e precisei passar por várias dificuldades e mesmo assim consegui estar onde queria estar. Quando os indígenas daqui se formam não vão ser professores na cidade e não é por não querer, os pais dos alunos da escola da cidade não aceitariam professores indígenas para seus filhos. Nós sabemos que mesmo formados não vamos conseguir trabalhar dentro da escola da cidade, e por isso valorizamos a nossa escola, é o local onde temos para trabalhar.

Apresento abaixo os professores que fizeram parte da extensão e temos muitos professores indígenas da comunidade atuando nela. Houve mudanças de professores e coordenador nesses últimos três anos, mas as maiorias continuaram a ocupar o seu papel de professor. Em relação ao horário das aulas, em reuniões com a liderança e comunidade decidamos junto os horários das aulas para iniciarmos que 17h20min às 21h50min, o horário foi decidido para os alunos saírem cedo que alguns trabalham no outro dia. Quase todos os professores que aparece na tabela é indígena, apenas o professor de inglês, o coordenador e a diretora que não são indígenas, pois a escola é extensão estava em observação do estado.

Quando as aulas iniciaram, em todas as escolas estaduais das aldeias tem disciplina diferenciada, na nossa acrescentamos Questão indígena Brasileira, a Língua Materna e Espanhol e tem seus horários definido com professor, totalizando um total de quinze matérias.

Tabela 1 – Ano 2019⁵

Coord^o Esmael Pinto Narciso (não indígenas)

Professor/a	Disciplina
Ebifânia Ortiz (kaiowa)	Filosofia, Sociologia e Q.I.B
Janaina C. Ribeiro (kaiowa)	Ed. Física, Língua Materna, Arte
Gileandro B. Pedro (kaiowa)	Matemática, Química 3º ano

⁵ Todos/as os/as professores/as da escola aceitaram que seus nomes aparecessem no trabalho.

Junior B. Pedro (kaiowa)	História e Geografia
Leniel B. Pedro (kaiowa)	Física, Química 1º e 2º ano e Biologia.
Reseno Jovito (kaiowa)	Português e Espanhol
Paulo (não indígena)	Inglês

Tabela 2 – Ano 2020

Coordº Esmael Pinto Narciso (não indígenas)

Professor/a	Disciplina
Ebifânia Ortiz (kaiowa)	Filosofia, Sociologia e Q.I.B
Janaina C. Ribeiro (kaiowa)	Ed. Física, Língua Materna, Arte
Dione kelli (Não Indígena)	Matemática, Química 3º ano
Helbia da Silva Ortiz (kaiowa)	Historia e Geografia
Leniel B. Pedro (kaiowa)	Física, Química 1º e 2º ano e Biologia.
Reseno Jovito (kaiowa)	Português e Espanhol
Paulo (não indígena)	Inglês

Tabela 3 – Ano 2021

Coordº Kassila Carvalho (não indígenas)

Professor/a	Disciplina
Ebifânia Ortiz (kaiowa)	Filosofia, Sociologia e Q.I.B
Janaina C. Ribeiro (kaiowa)	Ed. Física, Língua Materna, Arte
Dione Kelli (Não Indígena)	Matemática, Química 3º ano
Helbia da Silva Ortiz (kaiowa)	Historia, Geografia e Projeto de Vida
Leniel B. Pedro (kaiowa)	Física, Química 1º e 2º ano e Biologia.
Reseno Jovito (kaiowa)	Português e Espanhol
Neiva Sifrone Ribeiro (não indígena)	Inglês

O primeiro projeto que fizemos juntos com os estudantes foi “I MOSTRA CULTURAL ORE REKO”. O tema escolhido foi com o objetivo de valorizar o nosso jeito de ser, nossa vivência, quem somos. Com o projeto fomos instigados a olhar para como a gente vive nosso modo de ser, nossos rituais, nossa dança, como mantemos a nossa língua materna viva e como podemos valorizamos a nossa identidade. Com muito

trabalho e dedicação como os alunos e junto com a participação dos pais dos alunos da extensão foi desenvolvidos os projetos dos estudantes.

Dividimos em sala em diferentes temas que envolvem a cultura no nosso povo kaiowa e os temas selecionados foram: *Etnia presente no Mato Grosso do Sul; Comida típicas dos kaiowa; medicinas tradicionais; Armadilhas Monde; Desenhos Indígenas, Grafismo, Artesanatos, Maquete e teve apresentação cultural como músicas, danças e teatro.*



Imagem 3

Mostra Cultural Ore Reko

Assim, o tema do nosso primeiro projeto, decidido em conversa e diálogos entre os docentes indígenas, foi para valorizar o nosso *teko*, nosso jeito de ser, nosso costume, nosso modo de viver *ore reko*. Isso aponta para o fato de que a escola, apesar de ter como objetivo oferecer uma educação que permita se relacionar com o mundo dos brancos, os professores, de modo geral, reforçam sempre a importância da escola valorizar e disseminar os saberes indígenas.

O nosso *ava reko* é a *forma de viver dos kaiowa* ligado aos saberes tradicionais. Em sua dissertação Gileandro Barbosa Pedro, historiador kaiowa, cita sobre o *ava reko*.

A forma de vida-Ava Reko- está imersa em uma lógica pautada nos saberes ênicos dos Kaiowá e que direcionam os rumos a serem seguidos pelo grupo étnico. Embora a forma de pensar envolve conceitos que não possuem referências fora do contexto Kaiowá, o Ava Reko é uma forma de vida na qual esses indivíduos se mantêm ligados e que possibilitou resistirem às inúmeras tentativas de dominação do colonizador. (PEDRO, 2020, pg.25)

As memórias contadas pelos mais velhos sobre o *ava reko* serão sempre lembradas pelos seus filhos e netos. Muitos não conseguiram sobreviver e deixaram as suas histórias de vida para que seus parentes continuem contando sobre ela. A escola pode ser um lugar para falar sobre isso e a nossa atividade com os alunos sobre o *ava reko* teve esse objetivo, valorizar nosso modo de ser diante outros modos de viver, que estamos sempre em contato.

ETNIA PRESENTE NO MATO GROSSO DO SUL



Imagem 4

Etnias indígenas no Mato Grosso do Sul

A primeira reflexão que fizemos com os estudantes é sobre a presença de diferentes povos indígenas no Mato Grosso do Sul, com diferentes modos de ser e viver

e que, muitas vezes, mantém relações de muita proximidade, mas mantém suas diferenças. Da população indígena no Estado é maioria é Kaiowa, seguido dos Guarani e em terceiro vem os Terena.

É a partir de atividades como esta que nós, professores indígenas que estamos na escola indígena, conseguimos usar o tempo na escola para falar da nossa trajetória, nossas lutas e nosso direitos. Atividades assim são importantes para a valorização e fortalecimento do nosso *teko*, nossos costumes e sua ferramenta principal, a língua materna. Muito dos conteúdos na sala de aula não tem tradução para o guarani e precisa ser tratado no português, fazendo o português ser muito usado na escola. Mas atividades como essa dizem de assuntos que são ditos em guarani, valorizando e fortalecendo nossa língua na escola.

COMIDA TÍPICAS DOS KAIOWA



Imagem 5

Comidas típicas

Durante as atividades, as comidas típicas foram consideradas um dos aspectos do *ore reko* que mais nos distanciamos, por causa da vida nas reservas, da diminuição dos territórios indígenas e da necessidade de trabalhar fora. Tudo isso afetou a produção dos alimentos tradicionais e cada vez mais passamos a depender de produtos comprados na cidade. Muitas famílias em Lagoa Rica mantêm suas roças (*kokue*), mas hoje tem uma variedade menor de produtos que as famílias conseguem cultivar e as roças não são suficientes para alimentar toda a família, dependendo complementar com alimentos

comprados. Por conta disso muitas crianças não são acostumada com outra alimentação e as comidas tradicionais estão menos conhecida. No *teko ymã* (jeito de viver dos nossos ancestrais) os alimentos que aparecem na foto eram abundantes e tinham muitas outras variedades que não encontramos mais.

Falar das mudanças nos hábitos alimentares das nossas famílias é um jeito de conversar com os jovens sobre o nosso território. Nossa alimentação mudou, pois, o espaço e o tempo mudaram. A vida nas reservas reduziu muito os tekoha guasu, que tinham extensas florestas, animais, remédios, frutos e muito espaço para as famílias fazerem suas roças. Na aldeia a área destinada a cada família foi ficando encolhida, com uma população cada vez mais e com menos recursos ambientais. O espaço foi ficado pequeno, não há mais terra para plantar e para as crianças viverem com suas famílias quando se tornarem adultas. Por conta dessa situação poucas famílias conseguem ter suas roças, as famílias que tem costumam cultivar mandiocas, batata, abobora e em algumas casa encontramos milho. No *Teko ymã* havia muitas outras espécies cultivadas, como feijão, maxixe, batata doce de vários tipos, cana de açúcar, melão, milho branco e junto com a rola eram plantadas alguns plantas medicinais. Falar sobre alimentação é um modo de falar com os jovens sobre a importância dos nossos territórios e sobre a importância da luta de muitas famílias para poderem viver em seus tekoha.

Por meio da pesquisa e discussão sobre comidas típicas também pudemos conversar sobre o que ainda comemos e conhecemos e que apesar da chegada da comida do branco nós gostamos da nossa comida. Gostamos de xixa, um suco de milho fermentado, da chipa que feita de fubá bem soltinho, parecido com cuscuz, peixe assado e mandioca. Mas também observei que muitos jovens não gostam desses alimentos, e preferem a comida de branco, como pizza, batata frita refrigerante, preocupando os mais velhos.

MEDICINAS TRADICIONAIS



Imagem 6

Plantas medicinais Kaiowa e Guarani

Os remédios tradicionais, as plantas e sementes, ficaram difíceis de achar aqui na comunidade, alguns só são encontrados na pequena mata ainda existe no *tekoha guasu*, ou no brejo. Os remédios caseiros são bastante valorizados entre os mais velhos e tem diferentes aplicações, serve para amenizar dores, feridas, queimaduras, entre outros problemas.

Na nossa a mostra cultural trouxemos esse tema importante que é a medicina tradicional, foi importante para os jovens pesquisarem esse tema com suas famílias. O tema também ajudou a refletir sobre o que entendemos como doença e o que pode provocá-las. Os remédios feitos pelos *ñanderu* e *ñandesy* são possíveis devido seus aprofundados conhecimentos cosmológicos. Para se tornar rezador é preciso conhecer as plantas e saber como usá-las para praticar a cura dos males do corpo. Os remédios devem ser feitos junto com cantos e rezas, isso faz com que os remédios indígenas tenham efeito tanto sobre o corpo quanto sobre a alma da pessoa indígena. O *ñanderu* e a *ñandesy* quem tem mais condições de saber qual doença atinge uma pessoa a partir dos sintomas observados e são eles que podem indicar e preparar os remédios para esses males.

O que para os não indígenas se configura como uma doença em si, para os Guarani não passa de um sintoma; por exemplo: um branco tenderia a ver a inflamação na garganta ou catarata que atinge os olhos como doença; nossos informantes veem isso como sendo um sintoma, uma expressão dessa doença. A doença é muito mais que o sintoma. Ela se expressa através do susto, da tristeza, da raiva, (...); as pessoas normalmente não sabem a doença do outro; quem sabe é o pajé, ocasionalmente

um ou outro parente bem próximo e, por vezes, o sujeito portador do mal; os demais costumam apenas saber os sintomas. (SCHALLENBERGER&SANTOS, 2017, pg.45)

Uma senhora que conversei durante a pesquisa me disse que hoje em dia, na comunidade, poucos acreditam nos remédios tradicionais. As igrejas evangélicas presente na maior parte das áreas indígena no MS tendem a condenar os rezadores e o uso dos medicamentos tradicionais. Por outro lado, as famílias dos rezadores e rezadoras costumam manter seus rituais, sabe onde encontrar as plantas para fazer remédios e costumam atender muitas pessoas em busca de cuidado, inclusive, alguns rezadores recebem não indígenas dos municípios vizinho para receber suas rezas e remédios.

Os remédios tradicionais é outro tema, como a comida, que nos fez refletir sobre o nosso território, os impactos que sofremos com a chegada dos brancos e a importância de ver nossos territórios demarcados.

ARMADILHA MÓNDE



Imagem 7

Armadilhas indígenas

Outro tema que pesquisamos, debatemos e apresentamos foram as armadilhas. Como aparece na foto, fizemos as armadilhas dentro da escola e pudemos conversar

sobre elas. As armadilhas são para pegar diferentes bichos, como aves e animais terrestres. Antigamente elas eram feitas em vários locais para capturar bichos do mato. As armadilhas são consideradas ferramentas importantes para os indígenas na obtenção de alimentos.

Apesar de esse ser um tema que interessa bastante os estudantes, atualmente quase ninguém faz mais armadilha, pois não há mais florestas e os bicho no mato fugiram e hoje são raros de encontrar. A caça e pesca está se tornando ilegal até para a comunidade indígena, pois os animais já foram embora, sobraram têm poucos sobreviventes. Na escola a apresentação dos *monde* foi muito emocionante porque os alunos fizeram a partir dos seus conhecimentos para mostrar à comunidade e aos professores e funcionários não indígenas.

DESENHOS INDÍGENAS



Imagem 8

Ore reko Ta'anga kwery.

O *ore reko*, nosso *modo ser* nosso *costume*, nossa *vivência* a partir das nossas existências e costume foram retratada em alguns *Ta'anga*, traduzido em português como *desenhos*, *ta'anga kwery* é nosso desenho. A palavra nosso pode ser usada quando a afirmação diz a respeito de si, como no exemplo citado acima, *ore reko- nossos modos de ser* e *Ta'anga Kuery- nossos desenhos, são os nossos desenhos*. Observamos que uma palavra pode dar vários sentidos que jamais serão traduzidas de uma forma correta, não há o jeito certo ou errado das palavras, existe variações que vão depender das frases, como ela é feita e se é uma afirmação ou pergunta.

Se traduzirmos uma pergunta ou uma resposta em português dará outro sentido, que não tem nada a haver com a pergunta que está em kaiowa. Quando os alunos começaram a desenvolver o tema eles já escreveram a afirmação nosso *Ta'anga Kwery*. Os desenhos foram feitos pelos alunos. A cada detalhe dos desenhos percebe-se como, no retrato, o uso das cores é um recurso para mostrar a realidade. Abaixo apresento o desenho de uma menina, com roupa típica em cores vermelha e alguns brincos e com Loro do lado e atrás um riacho. Esse desenho mostra o nosso *Reko*.

Descobrimos novos talentos dos alunos através dos desenhos. Muito alunos se encorajam quando desenha. Alguns tem dificuldade de escrever, outros são tímidos e tem vergonha de falar, mas conseguem se expressar pela arte. Tem jovens na escola que fazem artesanatos, alguns tocam instrumentos, cantam, tem alguns que sabem contar as histórias que foram repassadas de pais para filhos. Para a gente conhecer esses diferentes talentos e tirar o que eles sabem, os projetos como a mostra cultural, sarau, apresentação cultural, são ferramentas importantes para a escola indígena.



Imagem 9
Menina indígena

GRAFISMO



Imagem 10
Pintura corporal

A pintura corporal também é representativa do nosso *reko* e foi trabalhada na nossa Mostra Cultural. O grafismo indígena tem vários significados e são vários desenhos diferentes. Algumas pinturas são feitas apenas em situações especiais, como os rituais. Existem grafismos só para as mulheres e para os homens, e todos eles são feitos de fruta de Jenipapo, alguns usam a tinta vermelha que é o Urucum.

Não tem data e nem hora para fazer uma pintura corporal, faz parte da cultura kaiowa, mas usamos mais quando há movimentos, mobilização, protesto ou no mês dos povos indígenas. Hoje ela tem um uso político, é usada para mostrar a representatividade da população indígena, nossa força. A pintura pode ser feita de diversas maneiras, dependendo quem está pintando. A tinta demora o máximo quinze dias para sair toda do corpo.

Na amostra cultural trouxemos o tema do grafismo que é a pintura corporal e é muito importante para nós, mostra a afirmação e identificação que é indígena, mas não proibida para não indígenas. Na amostra cultura na escola os alunos mesmo que fizeram a pinturas nos braços e pernas, e fazendo isso, contamos um pouco da história que a pintura tem e seus significados.

ARTESANATOS



Imagem 11

Artesanatos indígenas

Os artesanatos produzidos pelos kaiowa são pouco reconhecidos. Muitos artesanatos feitos pelo indígena são vendidos em vários locais pelo preço absurdo, mas isso não ocorre quando o artesanato é vendido pelo próprio indígena. Muitos artesanatos foram expostos na mesa feita pelos alunos e alguns pelos pais. Na imagem acima, temos uma cesta, um arco, e alguns instrumentos musicais e sagrados para acompanhar ritmo da música e fazer contato com as divindades, como o *mbaraka*.

Alguns estudantes trouxeram de casa colar e brincos, outros trouxeram ferramenta que faz parte da caça, como o arco-flecha, lança e cestinha. Nas imagens embaixo mostra a imagens do arco e flecha e mais um para mostrar o nosso *reko*, que sem essas ferramentas antigamente era impossível caçar ou se defender, mas hoje são pouco usados. Por meio dessa atividade trabalhamos com muitas memórias dos pais que participaram da atividade.



Imagem 12
Arco e Flecha

Os arcos e flechas foram feitos mais pelos homens, pois os homens e as crianças eram ensinados a caçar com seu pai, a educação de pais para filho começa na casa, pois ela ensina a sobrevivência e defesa. As mulheres não saiam para caçar e ficavam responsáveis pelo bem-estar da família, juntas as mulheres ficavam produzem artesanatos como os colares e brincos e outros artesanatos usados em casa. Atualmente muitas mulheres continuam fazendo artesanatos bonitos e muitas elas vendem ou trocam com outros tipos de artesanatos.



Imagem 12
Artesanatos kaiowa e guarani

MAQUETE



Imagem 13
Nosso território



Imagem 14
Nosso território

A última etapa de atividades foi a produção da maquete que representasse nosso tekoha atualmente, a Aldeia Panambi Lagoa Rica. Foi uma experiência importante de pesquisa e de reconhecimento dos lugares que compõem nossas vidas, nosso cotidiano na aldeia. Foi uma experiência para ver de cima nosso território e alguns alunos foram explicando para os pais sobre os lugares da aldeia e pediam para que eles encontrassem onde ficavam suas casas. Fizemos três maquete, uma da aldeia em geral e as duas maquetes foram feitas pelos alunos da retomada, pois há muitos alunos que estuda na escola da aldeia e moram na retomada. Fazer uma maquete da retomada foi incrível, um momento importante de falar sobre as retomadas como nosso espaço de pertencimento. Parte de nossos parentes e amigos vivem nas retomadas. Ali é um lugar um *tekoha vy'a*, *lugar de viver bem*. Na retomada as famílias estão em busca de viver o *teko porã*, gostariam de viver mais próximos dos conhecimentos deixados pelos ancestrais, o *teko ymã*.

Por meio dessa atividade pude refletir sobre como, na escola, podemos valorizar nossos conhecimentos sem deixar de aprender os conhecimentos necessários para se virar no mundo dos brancos. Mas a escola também pode ser um lugar de valorização nos nossos saberes e isso é muito importante para os mais jovens, que ficam tristes em ver seus modos de vida menosprezados pelos karai. Através da mostra pesquisamos, procuramos as pessoas mais velhas da comunidade, envolvemos os pais e avós e os estudantes ficaram felizes em procurar esses conhecimentos dentro de suas famílias e trazer esses conhecimentos para a escola.

2.4 Desafios no processo de ensino e aprendizagem na escola

A escola é uma instituição trazida pelos karai e, como aponteí antes, tem como objetivo nos preparar para enfrentar a realidade atual. Por isso, na escola, grande parte do nosso tempo trabalhamos os conteúdos ditos universais, que compõem o sistema mundo dos brancos e que são definidos pelos parâmetros curriculares estaduais e nacionais. Mesmo considerando as especificidades da escola indígena, os conhecimentos das ciências ocidentais são parte importante dos conteúdos trabalhados. Isso se intensifica no ensino médio, que tem como um dos objetivos formar os estudantes para fazer o vestibular. Isso coloca um desafio, fazer o vestibular na língua portuguesa, dominar essa língua para poder responder questões, muitas vezes cheias de pegadinhas que só uma pessoa que conhece bem a língua pode entender, fazer uma

redação em língua portuguesa. Isso faz com que o português seja bastante utilizado no ensino médio, mas seu uso é cercado de dificuldades.

Os desafios enfrentados pelos docentes indígenas no uso da língua indígena na educação escolar são vários. Realizei entrevistas com meus colegas de trabalho para conversar sobre esse tema. Nas conversas com os professores eles destacaram que uma das questões que eles pensam é sobre o seu papel que os professores indígenas têm dentro da sala de aula e isso passa pelo uso do idioma materno. O uso da língua indígena é fundamental dentro da escola. Falar em guarani é muito importante para nas séries iniciais, já que a maioria das crianças ainda tem muita dificuldade de entender o português, porque o português não é uma língua utilizada dentro de casa, no cotidiano das famílias. A língua é um dos fatores relacionados a luta por formar professores indígenas para atuar nas escolas indígenas. Os docentes indígenas são mais compreendidos pelos estudantes e vice-versa, eles conseguem entender melhor as fragilidades e potencialidades de cada criança.

Por outro lado, os professores não indígenas quando comentam sobre a relação dos alunos com eles falam das dificuldades de conversar com os estudantes e nesse caso, professores e alunos tem dificuldades de entender um ao outro. Os não indígenas reclamam de sofrer com a desconfiança dos alunos. As crianças reconhecem que o desconhecimento da língua é uma fragilidade dos professores não indígena e brincam com isso. Em algumas situações pode haver comentários dos alunos com professor e isso ser motivo de risadas entre os colegas, gerando situações desconfortáveis para o docente. As piadas com os professores não estão relacionadas apenas à falta de conhecimento dos professores karai em relação ao guarani. Geralmente o motivo das piadas é o comportamento do professor na sala, considerado esquisito pelas crianças. As piadas também fazem parte da relação dos estudantes indígenas com os professores indígenas, mas nesse caso os professores sabem melhor como e quando parar a brincadeira.

Como a escola indígena é diferenciada tem a disciplina de Guarani, que é obrigatória na escola na aldeia. Mas o guarani está presente em todas as disciplinas, pois os professores indígenas ensinam na língua materna. Assim como em escolas da cidade realizamos reuniões com pais e contamos com a presença da liderança da aldeia para conhecer quem serão os professores dos alunos da comunidade. Se houver não indígenas para trabalhar as lideranças conversam em particular com ele, para que tenham cuidado e paciência com os alunos.

Muitos docentes não indígenas passam por escola da aldeia sem experiência na sala de aula e sem conhecerem a realidade das comunidades. No geral eles acham que trabalhar na aldeia é bem diferente, dizem que as crianças são tímidas e quietas, mas no decorrer das aulas, se as crianças tiverem um bom entrosamento com o professor, elas vão se soltando. Entre os adolescentes pode aparecer mais tensões na sala de aula, eles podem responder o professor com um tom de voz alta e os professores não gostar, e pode acontecer o contrário, o professor erguer a voz e os estudantes não gostarem. Em situações que o professor se excede o estudante pode chamar os pais e se a aluno estiver com razão é chamada a liderança e esse professor pode perder o cargo, seja concursado ou contratado. Atualmente as escolas indígenas têm cada vez menos professores karáí. Na escola que trabalho apenas três professores não indígenas, nas disciplinas de inglês e matemática, conforme apresentei acima. Neste caso, o professor assumiu por falta de professores indígenas formado na área.

Outra dificuldade que enfrentamos na escola são a quantidade de conteúdo que devem ser ministrados, que são muitos, e a quantidade de recursos, que são poucos. Os projetos, como o que apresentei no item anterior, são atividades importantes porque integra as diferentes disciplinas, proporciona momentos de atividades fora da sala de aula, incentiva os estudantes a pesquisarem os temas junto com seus parentes. Mas muitas vezes nossas ideias esbarram na falta de recursos. Vários projetos poderiam acontecer mensalmente na escola da aldeia, projetos que poderia envolver toda a comunidade e que permitam pensar e produzir materiais mais adequados para as aulas. Com recursos e apoio sairiam poderíamos produzir livros, livretos ou outros materiais que pudéssemos usar na nossa escola. Para a escola estar mais próxima da comunidade devíamos realizar mais mostras culturais, fazer livros contando a história da comunidade, ter oficinas para as crianças, como oficinas de histórias em quadrinhos, música, desenho. Com recursos poderíamos também ir em outras escolas em outras áreas indígenas, realizar viagens para conhecer as universidades federal e estadual, entre outros passeios.

Se estou falando em desafios não posso deixar de falar da pandemia e os efeitos que teve na escola. Quando a covid explodiu a escola tinha apenas uma nos de funcionamento e a pandemia prejudicou muito seu funcionamento. Foi o momento mais difícil e doloroso que passamos. Alguns dos nossos alunos perderam seus pais, afetando toda a comunidade. Ficamos sem aulas presenciais e entre os estudantes indígenas não foi possível desenvolver um sistema adequado para a educação escolar se realizar à

distância. A população indígena não tem o acesso à internet. A pandemia também afetou bastante os estudantes que estavam nas universidades, eles também tinham muita dificuldade com as aulas online. Alguns estudantes perderam bolsas de estudo, quem estava na pós-graduação a pesquisa de campo foi interrompida e as viagens canceladas. Essa situação teve muito impacto na minha pesquisa.

Depois de alguns meses após o início da pandemia voltamos com as aulas a partir das atividades remotas. Amenizou um pouco a situação. Alguns estudantes desistiram, na universidade e no ensino médio também. As aulas remotas foram uma saída, mas não contemplou todos os estudantes. Além disso, aula boa é com professor na sala, jamais a tecnologia inteligência artificial substituirá o professor presente na sala.

A seguir apresento alguns trechos das entrevistas que realizei com meus colegas para falar dos desafios na relação ensino e aprendizagem na escola indígena da minha comunidade. Como o período de funcionamento da escola praticamente coincide com a pandemia - a escola começou a funcionar em 2019 e a Organização Mundial de Saúde decretou a pandemia de Covid 19 em 11 de março de 2020 – muitas falas se referem as dificuldades relacionadas a esse momento. Outros temas são as suas experiências com alunos, a comunicação entre aluno e professor e os desafios dos professores em sala de aula.

Começo com a experiência da professora Neiva Sifrone Ribeiro, não indígena, leciona a disciplina de Inglês. Neiva foi minha professora deste o ensino fundamental e hoje trabalhamos juntos, ela comenta sobre como foi à experiência dela. Ela já tem bastante experiência na escola indígena, no ensino fundamental, começando a trabalhar no ensino médio em 2021, como vemos a seguir:

O início do meu trabalho foi no ano 2021, foi um ano com muitos desafios, sendo primeiro semestre remoto por causa da pandemia COVID 19 e no segundo presencial. No entanto, bastante grata pela participação dos alunos, com toda dificuldade e desafios, tiveram maciça dedicação e todos da comunidade escolar se dedicaram. A comunidade é acolhedora e me fez sentir bem. Se mostrando a seus alunos com carinho, preocupando-se em manter um olhar individualizado sobre cada um, consequentemente conquistamos a confiança e a afeição deles. Tendo em vista que, os vínculos afetivos surgem com os colegas, funcionários, diretora, professores e com quem mais estiver envolvido nesse ambiente. Isso é fundamental para o desenvolvimento social dos alunos e para preservar a tranquilidade no espaço de estudos. Os momentos marcantes na escola certamente foram às gincanas, atividades culturais da comunidade e passeio ao

parque. Foram ótimas maneiras de promover a colaboração e integração entre o corpo docente e alunos dos diferentes anos da instituição. Além disso, esse tipo de evento desenvolveu o espírito competitivo bem como o esportivo, ensinando o respeito e ética entre os participantes. E, contudo, levando-os a conhecer outras culturas. Acredito que esta escola é um espaço humanizado procura conhecer cada um, atender da melhor maneira possível. Enfim, é um lugar onde a pessoa será formada como cidadãos serão construídos seus pensamentos e valores, influenciados pelo meio (amigos, professores e até a estrutura da escola). Espero que esteja sendo cumprido o seu papel. (Neiva Sifrone Ribeiro)

A professora Neiva Ribeiro, formada em Letras, português/Inglês, também é pedagoga e mostra sensibilidade ao se referir a seus alunos, motivo pelo qual ela trabalha a bastante tempo em escola indígena com o apoio da comunidade. Apesar das dificuldades e desafios relacionados a pandemia, a professora fala da importância que as atividades da escola tiveram no retorno, principalmente as atividades desenvolvidas fora da sala de aula, como gincanas, atividades esportivas, passeios. Essas atividades despertam maior interesse nos estudantes, favorecendo para uma melhor relação entre ensino e aprendizagem.

A seguir segue a fala da Professora Dione Keli, não indígena, formada na área matemática, que aponta alguns experiência dela na escola indígena.

Comecei em 2020, e em 2019 era o Gilendro. Trabalhei em 2020 e 2021, os dois anos foram Matemática, no 1º 2º 3º ano e Química, no 3º ano. Para mim trabalhar na aldeia é uma experiência nova. Senti muito acolhimento pelos professores e inclusive dos alunos, porque tinha muito receio, para ser honesta, por ser não indígenas. Me senti acolhida. A partir da brincadeira feita por nós, da interação, aprendi o mínimo do Guarani Kaiowa. Então é muito bom ver essa interação. Gosto muito dos alunos. Não tem comparação com os alunos de outras escolas, a disciplina é muito maior. E a questão de acolhimento, que observei, é totalmente diferente, porque a gente acha que vai ter um preconceito por eu não ser indígena e graças a Deus nunca tive isso, dentro do trabalho me sinto bem, porque envolve amizade e temos uma companheira como a Kassila, nossa coordenadora. Só tive só o estágio em outras escolas, lecionar mesmo foi na extensão e pelo estágio já pude ver essa questão de educação, a obediência e a interação é muito maior. [...] É muito prazeroso ensinar e aprender muito, é um constante aprendizado. Muito legal você olhar a partir da nossa realidade, como não indígena e ver outra realidade. Sabemos são realidades diferentes, é uma troca de aprendizados muito grande, você aprende mais do que o próprio ensinando. Não tenho o que reclamar. Temos alguns casos de indisciplinas, como tem em todas as escolas, mas no geral a educação e respeito não tem comparação com

a cidade. Claro que tem dificuldades, assim como o todos os lugares, dificuldade de aprendizado, mas observei que o esforço é muito grande. Na minha matéria muitos se esforçam, ainda mais a minha matéria de cálculo, que uma matéria que é complexa. Vejo muito esforço, alguns mais outros menos, mas no geral é gostoso de ver, um retorno muito grande, muito riqueza que a gente ganha em troca. Não é só apenas o salário, é uma carga muito grande de retorno, porque interação com uma cultura diferente da minha é muito riqueza. Sempre pergunto para vocês o que quero saber e entender mais e aprender. Terminei me sentindo beneficiada com tudo isso, de olhar a partir da realidade nossa, de morar na cidade, e ter uma oportunidade de trabalhar na aldeia, na extensão, conhecer como é a realidade, como é luta, como é o espaço. É muito gratificante. Terminei dando valor em tudo. (Dione Kelly)

O relato da professora Dione Kelli, formada em Matemática, fala de como os estudantes indígenas se comportam na escola, assinalando a diferença para a escola da cidade, que os estudantes levam menos à sério o que é tratado pela professora. Na escola da aldeia os alunos têm dificuldades, mas se esforçam para fazer tudo que a professora pediu. Assim como ela aprendeu os alunos sempre aprendem, por mais complicado que parece um conteúdo, eles se esforçam, se dedicam para isso. Também observei sobre a importância dessa troca de aprendizagem, ela existe e aparece muito no cotidiano da educação escolar indígena. Dione aproveitou para aprender um pouco de guarani, professores indígenas aprendem outras coisas com seus alunos, porque, entre as comunidades indígenas, as crianças também têm o que ensinar para os adultos e os adultos sabem disso, por isso respeitam muito o que falam as crianças. E quando ela cita a coordenadora Kassila Carvalho, formada em Geografia e Pedagogia, ela foi minha professora na escola da cidade e hoje ela está na coordenação na extensão. Recebemo-la com muito carinho, assim como ela tem pelos nossos alunos. Ela é uma parceira da educação escolar indígena na nossa aldeia.

Nesses dois casos os professores são não indígenas, nesse caso o uso da língua português é a ferramenta principal para se comunicar com os alunos indígenas, o que pode gerar dificuldades de compreensão no cotidiano. Mas como os estudantes do ensino médio já tem bom domínio do português, apesar das dificuldades de compreender os alunos se esforçam para entender os conteúdos trabalhados em sala de aula. A compreensão dos conteúdos passa pelas relações de afinidade desenvolvida com os professores. Sem essa relação de confiança e respeito o processo de ensino e aprendizagem é comprometido. As crianças indígenas costumam aprender com afeto,

carinho e são incentivadas a terem autonomia desde pequena, a aprender a lidar com as dificuldades cotidianas. A transmissão de conhecimentos na escola não pode ser diferente. Precisa ser feita com afeto, paciência e deve estimular os estudantes a terem autonomia, daí as atividades como a mostra cultural serem tão importante. A atividade motivou os jovens a pesquisarem sobre aqueles temas, dando autonomia para que eles, junto da escola, produzissem aqueles conhecimentos. Isso estimula mais os jovens do que os conteúdos prontos, que os estudantes não ajudaram construir.

A seguir apresento alguns relatos de professores indígenas sobre os desafios da escola no ponto de vista dos professores guarani e kaiowa. Durante a pesquisa conversei muito com minha irmã, Helbia da Silva Ortiz, formada Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e professora no ensino médio. A seguir segue uma fala dela que registrei para refletir sobre minha pesquisa.

Tenho uma experiência muito boa, gosto muito de dar aulas. E me entendo muito bem com meus alunos, a compreensão é melhor com eles. Tento todos os dias melhorar as minhas aulas. Trabalhar com alunos indígenas precisa muito de dedicação e cuidado, pois a nossa realidade é muito diferente. Amo dar aula para minha comunidade, estudei, me formei para trabalhar para minha comunidade. Ensinar os meus parentes indígenas é algo que vem me transformando em todas as formas. Amo ensinar a eles o conteúdo da minha área e ajudo muito os alunos quando eles necessitam de algo, estou sempre à disposição. Foram vários acontecimentos que planejamos na escola e um momento marcante foi um evento de 7 de setembro, que organizei o desfile do garoto e garota da escola extensão. O desfile foi feito com várias participações dos alunos, com roupas típicas kaiowa. Observei que vários alunos estavam felizes e fiquei muito contente com resultado do evento. A extensão nossa da escola ela é muito boa, recebemos vários projetos dos municípios, e a infraestrutura da escola é ótima. (Helbia da Silva Ortiz)

A professora Helbia citou os cuidados e dedicação com alunos e destacou um maior interesse dos estudantes dos projetos e eventos, como o desfile que ela organizou na escola. Um aspecto da fala dela que outros professores costumam dizer é a importância de voltar para a comunidade para trabalhar depois de se formar. Helbia saiu da comunidade e voltou para trabalhar.

Abaixo segue o relato do professor Reseno Jovito, filho de seu Ricardo Jorge, liderança na comunidade. Reseno é formado em Letras-Espanhol pela Universidade Estados do Mato Grosso do Sul (UEMS). Ele fez uma fala importante sobre sua experiência como professor na escola indígena.

Quando entrei, dei aula para ensino fundamental, fui me adaptando com a escola, até eu como indígenas fui aprendendo e o estágio que fiz na escola da aldeia foi uma experiência muito boa. Não tive muita dificuldade quando fui no ensino fundamental. Já no ensino médio tive muita dificuldade, mas depois parece que peguei experiência e aprendi na sala. O meu contato com a escola no ensino médio começou em 2019, toda a experiência que tinha coloquei em prática e deu certo, porque a experiência do ensino fundamental levei para o ensino médio. O estágio do ensino médio foi na escola da cidade, pois o estágio me ajudou muito. Tive dificuldade quando teve alguns projetos como feira de ciências e feira cultural dos não indígenas, parecia que não ia dar certo, por que vinha de outra realidade e era difícil me juntar com os professores não indígenas. E quando fui na escola da aldeia, trabalhando com nossos projetos, parece que foi muito fácil. Temos muito mais experiência em trabalhar sobre o intercultural, em mostrar as ervas medicinais, comidas típicas, os artesanatos. Antes da mostra cultural estava ansioso em pensar “será que vamos conseguir montar o projeto?”, e no final de tudo certo, mostramos a nossa realidade para a comunidade e para os convidados. O projeto foi uma grande conquista nosso aprendizado, é uma experiência que juntou os professores, alunos e coordenação e contou com participação da comunidade. Muitas experiências dos mais velhos foi passada para eles e deu resultado brilhante. Mas também tenho dificuldades com alunos, dificuldade sempre vamos ter, sempre aparece um erro para acertar no futuro, ou um passo a mais para prosseguir. O meu perfil como professor dentro do ensino escolar, mesmo estando complicado, sempre procuro um jeito que possa dar certo. Com os conteúdos vindos do governo, principalmente a minha área, português, muitos conteúdos não são usados, mas procuro sempre dar um jeito de eles entenderem conteúdo e principalmente parte da gramática e fonologia, não procuro fugir do tema. Procuro fazer o planejamento bem didático com o que encaixa na minha área e em relação a linguagem é diferente, a escrita e o som. A escola tem que trabalhar com projetos. Antes a escola tradicional era muita coisa na sala, sentada horas ela desenvolve sem a parte prática. Hoje os sistemas digitais esclarecem mais sobre a parte prática. Os projetos envolvem muitos alunos, as gincanas, eventos culturais é que vai beneficiar realmente os alunos. Observamos que os alunos se motivam e empolgam fazendo esses projetos. Escola contribui muito apoiando todas as atividades junto com a participação da comunidade, e a escola sempre cresce. O aluno é o pilar principal na escola, junto com eles a gente aperfeiçoa o conhecimento e cresce junto. [...] Só fico triste por alguns jovens que quando mais se desenvolvem na tecnologia na vida vão mudando a sua vida e muitos deixam de estudar e entra na drogas e não estuda. Quando para de estudar é difícil voltar. E hoje espero que muitos alunos ingresse na faculdade, e muitos já estão na faculdade, fiquei muito feliz por que foram meus alunos. (Reseno Jovito)

O Professor Reseno, é um professor kaiowa que se dedicou muito e lutou com a comunidade para ter a implantação da escola extensão. Ele e algumas lideranças estiveram presente desde em 2014 para conseguir a escola estadual para a comunidade. O ensino médio foi uma conquista muito importante e por meio dela mais estudantes indígenas podem conseguir ingressar na universidade.

Para Reseno o desenvolvimento de projetos como a mostra cultural é muito importante para a escola, através de atividades assim os alunos se interessam mais em saber sobre a sua cultura e vão pesquisar sobre o tema entre seus parentes. Como o professor coloca, muitos se aproximam muito da tecnologia e a cultura de seus pais e avós é desvalorizada pelos jovens. A escola pode estimular os estudantes a se interessarem pelos conhecimentos do mais velhos, valorizando o *teko* e o professor pode contribuir para essa valorização. Ao falar dos conteúdos da gramática ele diz que não vai muito a fundo nos parâmetros curriculares que é feito pelo Estado. Segundo ele muitas palavras que são usadas em português não se falam em kaiowa e alguns conteúdo não se aplica a língua kaiowa, mas eles sempre procuram dar sempre um jeito de explicar, pois não podemos fugir dos conteúdos previsto na legislação.

Conversar com os meus colegas me ajudou a pensar a minha experiência com a escola. Procuro sempre conversar com professores com mais experiência, sou professora nova, estou na escola faz três anos. No começo é uma dificuldade, no primeiro ano tive ideias de como a aula tinha que ser, do modo como fui ensinada, no caso o ensino tradicional, estar na sala, copiar na lousa e dar tarefa no livro e pronto. Esse jeito até pode parecer bom, mas não vale a pena. Eu queria explicar e queria que os meus alunos aprendessem e não decorassem, mas nesse modo de dar aula era difícil. No primeiro semestre conversei com o meu coordenador, concursado na área de filosofia e ele me deu dicas de estar na sala, e fui novamente para sala para mudar o jeito de dar aula. Hoje minhas aulas são totalmente diferentes das aulas que tive no ensino médio.

Concordo com meus colegas que dizem que na escola a gente ensina e aprende com as crianças e jovens. Na aula todos aprendem ensinando na prática, daí a importância da mostra cultural, que os estudantes tiveram que pesquisar, conversar com os mais velhos, procurar os remédios, aprender fazer as armadilhas, os artesanatos, as pinturas. A gente sai da faculdade sem saber dar aula. O estágio obrigatório da licenciatura é o momento que abre seu olhar como é a sala de aula, mas não ensina você dar aula, você aprende na prática dentro da sala de aula (e os estudantes aprendem

quando colocamos eles para fazer, no lugar de ler, copiar, ouvir falar). É totalmente diferente você fazer o planejamento teórico e ir para sala, porque lá precisamos fazer de um modo que os estudantes se interessem. Hoje muitos alunos estão ligados à tecnologia, mas isso poder ajudar muito na educação escolar, então tento usar a tecnologia a nosso favor. Na sala de aprendi a compreender os alunos, aprendi a entender e valorizar quem eles são.

Na sala de aula a gente precisar observar se os estudantes estão se interessando. Se estão muito quietos procuro trazer dinâmicas ou histórias para eles se soltarem na sala e gerar conversa. O uso da língua materna dentro da sala ajuda muito, é mais fácil os estudantes se envolverem com a aula quando o professor é indígena e dá aula falando em guarani. O português ajuda para explicar o conteúdo vindo do Estado, palavras que não tem em guarani usamos no português. Por outro lado, o guarani ajuda a traduzir algumas ideias e conceitos, principalmente na filosofia e sociologia e que para mim havia sido mais difícil aprender em português.

A língua portuguesa não é usada na mesma frequência que o guarani, mas é uma ferramenta importante para educação escolar. O uso do português possibilita a convivência dos alunos com professores não indígenas. Como apontei, algumas áreas tem falta de professores e sem os professores não há aulas. Além disso, outros funcionários da escola, como a direção e a coordenação, são não indígenas. Aqui na escola da Escola Municipal do Joãozinho Carapé Fernando estamos divididos com os professores indígenas e não indígenas. E temos uma coordenadora que trabalha com os alunos da comunidade deste que estava no ensino fundamental, ela tem muito experiência na comunidade. Na extensão da escola estadual optamos em colocar não indígenas pois a comunidade aceitou, sem a aprovação da comunidade não teríamos a coordenadora. A coordenadora da extensão intermedia as relações com a direção, pois muitas coisas os não indígenas, em conversa, se entendem mais e no nosso caso os indígenas se entendem melhor entre si, como colocou um professor ao contar sua experiência fazendo estágio na escola da cidade. Por meio da coordenação adquirimos os materiais necessários para o funcionamento da escola, que vem da direção da escola, localizada no município de Douradina.

Na aldeia a maior parte da população fala a língua materna, mas hoje observamos muitos que desde muito cedo as crianças já começam a aprender o português, alguns nomes de animais, plantas, frutas, na escola usa os cumprimentos. A criança cresce e já aprende os dois idiomas, seja na casa ou na escola, indo na cidade

acompanhar os pais. Na cidade já aprende os cumprimentos como obrigação, como dizer *obrigada, desculpa*. Na sala de aula ouvimos muito os alunos pedindo permissão para tomar água ou ir ao banheiro no segundo idioma.

Muitos alunos frequentam as escolas da cidade, por opção, como escolha feita pelos pais. Os alunos, indo para a escola da cidade, precisam aprender o português com mais rigor. Alguns pais dizem que é por causa dos conflitos familiares com os professores indígenas que dão aula na escola da aldeia e outros dizem que na escola da cidade ensina melhor as crianças. Na minha percepção é uma desculpa dos pais pelos seus atritos entre a comunidade que envolve o professor. E hoje muitos alunos são formados na universidade tendo vindos da escola da aldeia e eu sou prova disso. Estudei na aldeia todo o ensino fundamental e precisei estudar o ensino médio na cidade, não foi opção minha, mas não tínhamos escola estadual implantada na aldeia, o que me forçou a me deslocar para cidade, onde conclui o ensino médio. Não existe nada ruim vindo dos professores indígenas. Nós professores somos aptos a ensinar o que aprendemos durante a graduação, assim como os não indígenas foram preparados para dar aula. Tem também pais que defendem uma ideia diferente em relação a valorização a sua cultura e defendem que na escola as crianças aprendam o conteúdo dos brancos e em casa receba a educação indígena.

Mas esse uso do português não significa que o guarani está entrando em desuso. O português é uma segunda língua que te ajuda a se relacionar não só com os karai, mas também com pessoas de outras etnias, seja ela no estado ou no país, é o idioma que podemos se entender e conversar. Na universidade o português é mais usado para conversar seu professor, participar em eventos, na apresentação de trabalhos, para comprar comida, ir à biblioteca. Mas quando encontrar um colega guarani ou kaiowa conversamos em guarani.

Neste capítulo procurei mostrar como hoje a formação da pessoa passa pela escola, que faz parte dos processos de educação e significa mudanças nos modos de transmitir conhecimentos. A escola é responsável pelo ensino do português e com ele traz muitos conhecimentos vindos do mundo dos karai. Mas isso não significa que estamos deixando a nossa língua, ou os nossos costumes. Tentei mostrar como os indígenas têm procurado usado a escola e o português em benefício de suas comunidades. Também procurei mostrar como trabalhamos os conhecimentos indígenas dentro da escola, fazemos isso por meio de projetos culturais desenvolvidos com o

apoio de toda comunidade e que são importantes para a valorização dos saberes tradicionais.

No próximo capítulo vou tratar sobre a educação de crianças e jovens a partir da convivência na família, nos rituais e no cotidiano da comunidade. É por meio da convivência com os parentes é que as pessoas recebem os ensinamentos mais importantes para a formação da pessoa kaiowa.

CAPÍTULO 3 – A CASA, O COTIDIANO E A LÍNGUA INDÍGENA

Como apresentei no primeiro capítulo, a chegada dos karai nos territórios indígenas produziu muitas transformações na vida indígena. Os brancos chegaram nos nossos territórios com seus sistemas de conhecimento, sua língua e suas instituições. O maior impacto sofrido pelas famílias indígenas foi sobre o território, reduzido de forma drástica. O Estado, por meio do SPI, criou as reservas indígenas e forçou muitas famílias a se mudarem para elas e o espaço de cada família foi se tornando cada vez menor. Isso fez com que as famílias dependessem cada vez mais de produtos comprados na cidade e para poder adquirir essas mercadorias é preciso trabalhar fora das aldeias. O trabalho assalariado virou uma necessidade para a maior parte das famílias. Mas é difícil para os indígenas conseguirem trabalho formal, sendo na maior parte das vezes contratados para trabalhos temporários em fazendas, colheita de maçã, usinas. O acesso ao mercado formal de trabalho exige que os indígenas tenham no mínimo o ensino fundamental completo, em alguns casos exigindo o ensino médio, como acontece em algumas indústrias relacionadas ao setor do agronegócio.

Frequentar a escola, aprender o português e outros conhecimentos relacionados ao mundo do branco é um meio de se relacionar com os karai sem ser enganados por eles, um meio de conseguir melhores trabalhos, de chegar na universidade, de ter acesso a mais renda para sustentar as famílias, de entender o que se diz nas instituições dos brancos e que cada dia fazem mais parte do cotidiano das pessoas nas aldeias. Daí a importância que a escola tem nas comunidades indígena no MS. Hoje não é possível mais pensar em uma aldeia sem escola. As retomadas que ainda não tem sua própria escola lutam por isso. A escola é necessária para que possamos enfrentar os desafios colocados para as famílias atualmente.

Por outro a escola ocupa muito tempo na vida de crianças e jovens e através dela se tem maior acesso ao sistema dos karai, aos conhecimentos e a língua. Minha questão era saber o quanto isso afeta o uso do guarani, da língua materna e como isso afeta na circulação dos saberes indígenas, aprendidos na família e que são muito importantes para formar uma pessoa kaiowa. Observei que apesar de usarmos muito o português na escola, principalmente nos livros, materiais escritos, o uso do guarani é predominante, mesmo na escola. Mesmo que se use alguns cumprimentos em português, algumas palavras que não têm tradução para o guarani, para se relacionar com os funcionários não indígenas, os conteúdos são trabalhados em guarani. Na maior parte do tempo é em

guarani que os alunos conversam entre si e reservam o português para falarem com os professores e outros funcionários não indígenas. Na escola também observei que, apesar dos conteúdos vindos dos referenciais curriculares ocuparem muito do tempo dos estudantes, são atividades como a mostra cultural que despertam mais interesse entre eles. Durante a realização da Mostra Cultural Ore Reko os alunos ficaram motivados em pesquisar sobre os temas propostos e envolveram seus familiares na atividade. Nesse caso eles tiveram papel ativo na produção do conhecimento, conversaram com seus parentes em busca de histórias, plantas, sementes, alimentos, saberes.

Esses saberes se aprendem em casa, no dia a dia, junto com a família, na roda de mate, nas brincadeiras, nas visitas às casas de parentes, na realização de rituais. Por isso, neste capítulo, apresento algumas reflexões que fiz observando como se dá essa educação das crianças em casa, a partir dos familiares mais próximos, como pais e avós. Na casa as crianças aprendem através da palavra, das boas palavras, deixada pelos ancestrais. A educação em casa começa muito antes da escola e quando a criança vai para a escola ela já leva com ela esses saberes.

Em casa as crianças são formadas a partir do ponto de vista das pessoas mais velhas que são responsáveis pela sua educação. Quando as crianças vêm de casa para a escola elas trazem com elas o ponto de vista dos pais e avós, do mesmo jeito que quando chegam em casa ela levam o ponto de vista da escola. Então os/as estudantes acabam sendo um ponto que conecta esses sistemas, a casa e a escola, o sistema de conhecimento da casa e o sistema de conhecimento que é transmitido na escola (a ciência dos karai), a língua materna e a língua estrangeira.

Se na escola as crianças estão aprendendo um determinado sistema de conhecimento na casa vão aprendendo outras coisas e as crianças e jovens acabam fazendo a mediação entre o português e o kaiowá. Geralmente, quanto mais idade tiver uma pessoa menos ela domina o português. Tem exceções, pessoas mais velhas que são fluentes em português, mas a maioria das pessoas mais velhas entende pouca coisa da língua dos karai. Os mais jovens que frequentam a escola acabam se tornando mediadores entre as duas línguas e muito jovens se tornam responsáveis em acompanhar os mais velhos em situações que eles precisam ir para a cidade. Por isso também que os mais velhos, apesar de ver os perigos da escola aproximar os jovens do mundo dos karai, também entendem que a escola é necessária. Como disse na introdução, meus avós me incentivaram muito nos estudos, entendendo que a escola passou a ter maior importância diante o contexto atual.

Em casa os mais velhos conversam com os mais jovens apenas na língua materna e na escola a gente fala mais ou bastante em português. Mas na escola não fala só português, como disse, falamos muito em guarani que em português na escola. Por outro lado, na escola fala-se mais o português do que em casa, que quase nunca é falado. Em casa só se usa o português quando chega um não-indígena, do mais, são apenas palavras soltas que pegamos emprestada do português. Por isso as crianças e jovens acabam, em muitas situações, fazendo essa mediação entre as línguas e entre os sistemas de conhecimentos, porque em casa ele está ouvindo os pais, a mãe, os avós e na escola estão ouvindo sobre os conhecimentos dos brancos.

Com as transformações ocorridas entre as comunidades kaiowa ocorreram mudanças nas famílias. Então a pessoa pode estar numa casa com sistema tradicional, o avo ou avó pode conhecer das rezas, nhémboe, os remédios tradicionais, ou a pessoa pode estar em uma família evangélica. A escola, por sua vez, acaba valorizando os conhecimentos tradicionais dentro da própria comunidade, já que algumas denominações evangélicas têm produzido discursos de muito preconceito em relação às práticas tradicionais. Em alguns casos isso tem resultado em perseguição de ñhanderu e ñandesy com ameaças, queimando suas casas de reza e em situações extremas lideranças evangélicas fazem uma sessão pública de ataques e agressões às lideranças religiosas tradicionais. Então a escola acaba tendo uma função política importante ao valorizar os saberes indígenas dentro delas, colocando as crianças em contato com saberes e experiências que muitas vezes não fazem mais parte do cotidiano. Mas não é a escola que tem a tarefa de transmitir esses saberes, esses são conhecimentos para se aprender em casa, como apresento a seguir.

3.1 A casa e o ensino Kaiowá

Segundo Egon Schaden (1976, p.25), entre os Kaiowá o conhecimento é transmitido na convivência entre gerações e na participação direta na vida dos adultos, incluindo a participação nos rituais. Para o autor os rituais tem especial importância na educação das crianças e ele dá ênfase nos rituais de iniciação. Os dois principais rituais de iniciação era, para os meninos, o ritual do Kunumi Pepi, que fazia a perfuração dos lábios para colocação do tembetá. Com as meninas era realizado o ritual da primeira menstruação, onde a menina fica reclusa alguns dias para protegê-la dos perigos que ela fica exposta nesse período. O ritual de perfuração dos lábios não se realiza mais a

algumas décadas. Só os mais velhos têm o lábio perfurado. O ritual das meninas ainda é realizado, mas por poucas famílias. A escola foi um dos fatores da diminuição do ritual das meninas, já que o tempo de reclusão, na maioria das vezes, coincide com o tempo da escola e as escolas não estavam preparadas para lidar com essas diferenças. O ritual dos meninos é bastante complexo, exige muitos rezadores para fazer todos os cantos e muitas mulheres para os auxiliarem nos cuidados durante os dias do ritual. Muitos fatores, resultado da chegada dos brancos, poderiam ser elencados para explicar os motivos da não realização do kunumi pepi atualmente, mas a dispersão territorial nas reservas é o principal deles.

Para Schaden esses ritos funcionavam como uma aula de bom comportamento, era uma forma de educação moral (1976, pg.27). Nesse trabalho o autor cita as recomendações de um adulto guarani a um jovem que está sendo iniciado. Segue a lista do que um jovem guarani precisa aprender:

Trabalhar bastante, plantar bem, não fazer mal a ninguém, não ofender a família dos outros, não maltratar ninguém, comportar-se bem nas viagens (isto é, não beber muita pinga), fazer serviços de roça bem feitos, não maltratar a mulher quando casar. (SCHADEN, 1976, pg.27)

Para Schaden os rituais são especialmente importantes na transmissão dos conhecimentos importantes para a pessoa guarani porque eles garantem um “reforço mágico”. Os rituais são realizados pelos ñanderu e ñandesy e neles eles falam palavras sagradas, deixadas pelos ancestrais, que falam através dele e isso tem um efeito em quem escuta, em quem recebe essas palavras. Segundo Schaden, *o aspecto característico dessa forma ritual de educação moral é o reforço mágico para “incutir” aos iniciando as normas de conduta enunciada nos ensinamentos* (1976, pg.27). Além disso, para o autor, os rituais tem como objetivo fortalecer as pessoas diante os sofrimentos, fortalecer o caráter da pessoa, além de criar laços de solidariedade entre as pessoas. (Idem, pg.28). O autor destaca a importância dos rezadores nos rituais. Atualmente, com a diminuição dos rezadores e as condições ambientais, os rituais diminuíram muito, sendo realizado com mais frequência o batismo do milho, que Izaque João (2011) registrou na sua dissertação de mestrado. O batismo do milho segue sendo um momento importante para a educação das crianças, para a transmissão de conhecimentos realmente importantes para o futuro.

Como os rituais foram diminuindo nas reservas a casa se torna ainda mais importante na transmissão dos conhecimentos importantes para ser uma pessoa adulta kaiowa. Os conhecimentos importantes para ter uma família, como mencionados acima, se aprende na convivência com a família. Em casa a criança é educada no guarani, onde ela vai aprendendo, junto com a língua, um jeito de entender as coisas.

A seguir vou mostrar como a vida hoje tem passado por algumas mudanças dentro de casa, tendo hoje modos diferentes de educar as crianças que variam a cada família. Cada família tem um estilo próprio para educar as crianças (teko laja). Os diferentes estilos de parentelas foram tratados por Tônico Benites (dissertação) e Celuniel (dissertação) em suas dissertações de mestrado. Nesse caso, queria perceber como esses diferentes modos de viver entre os parentes afeta na educação da criança, observando principalmente a transmissão do guarani e, conseqüentemente, dos saberes kaiowá, que devem ser ensinados na língua materna.

Essas diferenças também estão relacionadas às condições territoriais das famílias. Nas reservas mais cheias, como em Dourados e Caarapó as diferenças entre as famílias são maiores. Em Dourados, por exemplo, vivem três etnias. Nas reservas criadas pelo SPI tem maior presença de instituições não indígenas. Outro aspecto das reservas é maior presença de igrejas evangélicas. Algumas igrejas reúnem várias famílias e elas vão incorporando mais rapidamente hábitos da sociedade não indígena.

Mesmo com as reservas muitas famílias mantêm as práticas tradicionais e procura viver de acordo com o seu teko, modo de viver no espaço e Reko, o modo de viver de cada um, que deve ser orientado pelo teko. Muita coisa prejudica viver do modo como viviam os mais antigos. Não temos mais as florestas com as plantas, bichos e roças como tinha antigamente. Mas as famílias vivem muitos conhecimentos de antigamente. Essas famílias normalmente têm um ñanderu ou ñandesy, que são responsáveis pelo cuidados espiritual dos membros da famílias. Nessas famílias só se conversa em guarani e o português fica restrito a situações envolvem os karai.

Mas existem famílias que estão se afastando dos conhecimentos tradicionais, que querem viver na era tecnologia, se identificam mais com as coisas vindas de fora. Nessas famílias pode ser utilizado mais o português. Assim, muitas crianças hoje estão aprendendo o português muito cedo, junto com o guarani e nesses casos o segundo idioma pode ser falado automaticamente, em qualquer situação, seja no trabalho, na escola e até em casa. Nestes casos, a casa também se torna um lugar importante de entrada de ideias vindas do mundo dos karai.

Mesmo as famílias mais tradicionais, que as vezes tem mais dificuldade com o português, entende que é preciso formar as crianças bilingues. Assim, mesmo que não se use o português em casa é comum ver os pais querendo que os filhos aprendam o português desde cedo. Muitos pais pensam que para facilitar a comunicação com não indígenas, e isso realmente verdade, é importante que as crianças aprendam o português. As crianças acompanham seus pais até a cidade, e aprendendo algumas palavras em português as crianças facilitam a comunicação com os não indígenas.

Em casa a educação das crianças indígenas é transmitida do mais velhos aos mais jovens. Isso não significa que a criança seja alguém sem conhecimento. A criança vai vendo com os adultos como fazer as coisas, mas mesmo criança ela pode ter muito conhecimento. Schaden aponta para um elemento importante sobre a concepção da pessoa kaiowa. Para o autor um bebê pode ter a alma de “um ilustre e competente ñanderu falecido ou de algum velho que todos hajam conhecido como pessoa sábia, correta e respeitável” (Schade, 1976, p.25). O autor complementa dizendo que seria uma “singular pretensão” quem quisesse lhe dar educação moral (idem). Esse é um aspecto importante da maneira como as crianças são vistas. Como a pessoa pode nascer com conhecimentos importantes o ensino do português às crianças não é visto como algo que vai, necessariamente, afastar a criança dos saberes indígenas. Ela pode já ter nascido com todos os saberes importantes e ainda que o português seja aprendido cedo, é sempre uma segunda língua, uma língua estrangeira.

A educação que se recebe em casa é levada para a vida adulta. Em casa aprendemos sobre o compromisso com a família, cuidados com as crianças e somos preparados desde cedo a se manter vivos e sobreviver em qualquer situação. Aos meninos é ensinado como fazer sua própria casa, se tiver roça ele precisa aprender a fazer a própria roça. Muitas famílias já têm mais espaço para fazer as roças, ou muitas pessoas trabalham fora e não tem condições de manter a roça. Nestes casos os jovens crescem sem aprender a fazer a própria roça, sem saber caçar, pescar e isso sim é preocupação para os ñanderu e ñandesy. Desde jovens os homens são ensinados a respeitar as mulheres, não serem violentos. A situação atual das reservas e o aumento do consumo de bebidas alcoólicas têm resultado em situação de violência contra as mulheres indígenas, comportamento que é reprovado pelas ñandesy e ñanderu. Para eles o comportamento agressivo, violento, é característico do modo de vida dos karaí e deve ser evitado pelos kaiowa.

As meninas, depois da primeira menstruação, começam serem preparadas para ter uma família. Depois da primeira menstruação a menina passa a ter mais obrigações na casa, é responsável por manter a casa limpa, ter cuidados com as plantações, com os remédios. Uma mulher pode ter sua própria roça e pode ter junto do marido, sendo responsável principalmente pela colheita.

Essa é a ideia dos mais velhos sobre o que é importante aprender para se tornar um adulto e fazer sua própria família. Mas como aponteí, algumas famílias hoje vivem de um jeito diferente, não valorizam mais os rituais, os ñanderu e as ñandesy, seus conhecimentos.

Com isso aumenta as situações de crianças e jovens que são desobedientes com os pais, o que, segundo os mais velhos, era incomum antigamente. Nessas situações a escola passou a ser vista como espaço de salvação, como se na escola as crianças pudessem aprender como se comportar em casa. Atualmente muitos adolescentes e jovens querem experimentar o mundo a fora, sair do seu quadrado, sair da sua família tradicional e se aproximar do jeito de viver dos brancos. Nessas situações os jovens começam a beber, podem se envolver com drogas e causar muitas preocupações aos parentes. É a partir de situações assim que acontecem as violências e suicídios, situação que tem aumentado nas reservas indígenas. Na escola procuramos conversar com os jovens sobre essas situações, mas ela não é capaz de solucionar esses problemas.

A situação de precariedade de muitas famílias torna a escola importante também para que as crianças possam comer, já que algumas famílias não tem condições de comprar alimentos na cidade e a cesta básica que recebe da FUNAI não é suficiente para a família. Assim, muitas crianças são mandadas para escola para poder se alimentar, muitos não comem em casa por falta de alimentos, sendo necessário que a escola supra essa carência, que é responsabilidade da família.

Deste modo a escola pode ser, em muitos casos, uma ferramenta para lidar com os problemas que surge nas reservas, com as dificuldades enfrentadas pelas famílias, mas ela não consegue resolver essa situação enfrentada nas reservas e aldeias. Os projetos, como a mostra cultural, motivam os jovens a ter interesse pelos saberes tradicionais. Assim, mesmo não sendo o lugar onde as crianças aprendem os conhecimentos tradicionais, a escola é espaço que pode ajudar muitos alunos a seguir o caminho correto, a ter uma formação, conseguir um trabalho para se sustentar a sua família e viver bem o teko porã.

As diferenças entre as famílias fazem com que as crianças levem para a escola diferentes pontos de vistas sobre determinados assuntos relacionados aos saberes indígenas e em relação ao modo de vida dos karáí. Na sala o professor observando já percebe como é a vida dos seus alunos. Um dos modos de observar isso é através da fala (nhe'e), do modo de falar com seus professores indígenas. Cada família tem um jeito diferente de falar, um estilo, algumas já usam mais o empréstimo do português, outras seguem com pouco uso do português. Esses estudantes têm mais dificuldade com professores não indígenas e com o uso do português na escola.

Mas as dificuldades maiores não são relacionadas a língua. O que muitas vezes é estranho para as crianças são os conteúdos. Por exemplo, como falar com uma criança, na aula de ciência, que que a formação do sistema solar e do planeta se deu a partir de uma grande explosão, como falar da teoria do big bang? Se os alunos forem contar para os seus pais ou seus avôs eles vão falar que não é assim que a terra foi gerada, e vão contar sobre a criação do mundo a partir Pa'i Kuara.

Os conteúdos da escola já vêm prontos para serem estudados e muitas vezes se chocam com os conhecimentos tradicionais. O professor é obrigado a ministrar os conteúdos na sala. Eu ministro a ciências para ensino fundamental e percebo que as crianças menores tem maior estranhamento. Os estudantes do ensino médio já vêm com os conteúdos ministrado desde a educação básica. A depender da família que estiverem inseridos vão mediar esses dois universos de conhecimentos. Os que estiverem em famílias que não participam mais dos rituais, frequentam igrejas evangélicas, os conhecimentos dos não indígenas é tomado por certo com mais facilidade.

No ensino médio temos algumas oportunidades de trabalhar os saberes indígenas nas aulas, mas são atividades como a Mostra Cultural que os estudantes se sentem mais motivados. Nesse caso fazemos pesquisa com as famílias e realizamos muitas atividades fora da sala de aula. É uma oportunidade de valorizar nossos saberes, nossos costumes, rituais, danças, cantos etc.

Com tantas transformações na vida cotidiana das famílias guarani e kaiowa a escola se tornou uma ferramenta importante para nossa vida. Durante a pandemia o conhecimento científico, que acessamos através da escola, foi muito importante para as comunidades indígenas. Era preciso saber sobre o vírus, como combatê-lo, como se proteger e depois, era importante saber a importância da vacina, para convencer os mais velhos de que a vacina era necessária para acabar com a transmissão da doença. Muitas igrejas evangélicas espalharam fake news sobre as vacinas e professores e agentes de

saúde indígenas foram muito importantes para a conscientização da população das aldeias.

A pandemia afetou muito as comunidades indígenas, muitas vidas se foram, muitos indígenas ficaram doentes e muitos morreram. O vírus que chegou pelos não indígenas se alastrou rapidamente nas comunidades. A pandemia também nos forçou a ficar em casa e acabamos passando mais tempo com os familiares. Paralelamente aos conhecimentos da ciência as nãndesy e nãnderu trabalharam muito para a saúde das pessoas nas suas comunidades. Eles rezaram e fizeram remédios para cuidar das pessoas. No terceiro bimestre de 2021 as aulas presenciais foram retornando e muitas disciplinas discutiram sobre a COVI-19. Nestas ocasiões os estudantes contaram sobre como foi o período da quarentena e como foram os cuidados estabelecidos nas suas famílias, os remédios tradicionais para cuidar dos doentes e muitos alunos citaram remédios caseiros, usando frutos, mel, folhas, casca de árvores, raízes de plantas etc.

Os remédios são sempre utilizados e junto é feito um ritual que se chama o Jehovasa. O jehova é você fazer um gesto com as duas mãos movimentando na frente da sua face, fazendo repetidamente quatro ou cinco vez. Isso é um pedido para permissão aos Jaras, as divindades que criaram este mundo e que são donos das coisas que existem. Um pedido que você faz aos jaras para te abençoar e em seguida você toma banho com alguns remédios caseiros recomendada por seus avós ou parentes mais velhos. O vírus, para os kaiowa, é uma doença diferente do modo como o karaí, por isso é preciso fazer os próprios remédios e usá-los junto com os remédios dos karaí, que também são utilizados nos tratamentos das doenças.

Nesse tópico falei sobre a educação das crianças na casa, como a educação tem se transformado ultimamente, mas também como as formas de educação tradicional resistem mesmo com tantas mudanças. Nessas mudanças apresentei a escola como uma ferramenta importante, que em muitos casos auxilia no cuidado e educação das crianças.

3.2 A importância da palavra

Para finalizar vou falar da importância que a palavra guarani tem para nós Kaiowa. A palavra guarani é sagrada, é divina, vem dos seres ancestrais e é que dá vida. A historiadora Graciela Chamorro tratou sobre a palavra no livro Yvy Araguayje: fundamento da palavra guarani.

Os termos ñe'e, ayvu e ã – traduzidos geralmente por “palavra” – significam também “voz, fala, linguagem, idioma, alma, nome, vida, personalidade”, origem e possuem, sobretudo, uma essência espiritual. A palavra é a unidade mais densa que explica como se trama a vida para os povos chamados guarani e como eles imaginam o transcendente. As experiências da vida são experiências de palavras. Deus é palavra. Dentro todas as faculdades humanas, são as diversas formas do “dizer” as vias, por excelência, de comunicação com as divindades, pois estas são essencialmente seres de fala. (CHAMORRO, 2008, pg.56)

Chamorro afirma que a palavra é que sustenta a pessoa, o que faz a pessoa se manter em pé. *O nascimento é o momento em que a palavra se senta ou provê para si um lugar no corpo da criança, oñemboapyka. A palavra circula pelo esqueleto humano. Ela é justamente o que o mantém em pé, que o humaniza.* (Idem)

A criança deve receber um nome do ñanderu. Esse nome é sagrado, uma palavra divina dita para acalmar a criança, para que ela enfrente e vença seus sentimentos ruins. Assim a palavra vai assentando na criança. As doenças e crises *são explicadas como um afastamento da pessoa e sua palavra divinizadora. Por isso, os rezadores e as rezadores se esforçam para “trazer de volta”, “voltar a sentar” a palavra na pessoa, devolvendo-lhe a saúde* (CHAMORRO, 2008, pg. 57). Quando a pessoa morre ela deixa de ser palavra, porque a palavra é viva. *Evita-se falar na pessoa falecida, seus pertences são exterminados, a casa onde morou abandonada, seu nome esquecido* (Idem).

Schaden também falou sobre a importância da palavra para os Guarani Ñandeva. Segundo a autor a palavra é a alma da pessoa (ayvú) e graças a ela a pessoa é capaz de pensar, sentir e se relacionar com os seres celestes.

Graças ao ayvú, palavra que significa língua ou fala, o indivíduo é capaz de pensar, de ter sentimentos nobres e de comunicar-se com os outros homens e também com os entes sobrenaturais das regiões celestes. Pode-se dizer que o indivíduo é seu ayvu [...] A essência do ayvú é idêntica aos seres celestes, aos quais se reunirá no além. (Schaden, 1976, p.25)

Por isso a palavra é tão importante para os Guarani, é ela que nos mantém em pé, nos mantém vivos. A língua, o idioma também é palavra. É através do idioma que a palavra é dita, ouvida. Por isso é tão importante e mesmo com todas as mudanças a língua guarani se mantém viva, ativa. É por meio do guarani que realizamos os rituais,

que são contadas as histórias para as crianças, que ouvimos os cantos, rezas. Sem a palavra guarani não podemos transmitir os conhecimentos tradicionais do nosso povo.

Em Lagoa Rica somos todos falantes do kaiowa, mantemos e valorizamos muito nossa língua e mesmo na escola ela é a língua mais usada. Manter nossa língua viva é um jeito de nos mantermos fortes. Hoje enfrentamos muitos obstáculos nas nossas comunidades para fortalecer nossos saberes. Com a proximidade com o mundo dos karaí, a chegada da tecnologia, muitas crianças estão aprendendo a segunda língua mais cedo. Como apresentei, algumas famílias começam a ensinar português com os filhos desde pequeno. Isso faz com que algumas pessoas fale um guarani mistura com português. Conversando com a minha avó sobre esse assunto ela me contou:

Ymã ague, daipoiry nhe'e vai, nhe'e porã mante oime, ymã ague umi mymba, umi kuyra ontende pá umi já'eva, ko'anga atunko, umia ndai pory veima, ko'anga ayrupi oikova ndo nhe'e gua'ai ma, umi kuyra ndive, mymba ndive, nde renhe guasu veima joehe, erenhé'e porã, nde juru yma oiva ijuru há'e tata, mitãisype ohendu, kuimba'e isy nhe'e rendu, ko'anga opa umia, imemby omanda jevy isyre, ko'aga itua pe ndohendu veima. Ymã nahani inh'erendu akue, xe ague xe ru xe sy pen da xe nhe'e reiry. Há ko'anga umia opa, ymã ave ndaipory nhe'e portugueigui ojeporuva, há ko'anga nahani, ojopara pa nhe'e, upeixa ague ymã. Ko'anga mitã ikatu inh'e rendu, ikatu, oigua'a oporahei hawã, ojeroky háwã, upei katu ombo'e jevy hawã imemby pe, ta'yrape, upeoxa rã moã.

[Antigamente não tinha palavras feia, só palavras boas, antigamente os animais, os pássaros entendia muito o que falamos e o que respondemos, e hoje isso não existe mais, muitos já não sabe se comunicar com os pássaros com os animais, e antigamente não podia falar dos outros, tinha que falar bem, não existia maus, mas o que falava coisa ruim acontecia com outra pessoa, as crianças escutava as mães, os meninos era obediente, hoje isso acabou, as crianças desobedecem os pais, não escutam, antes não, as crianças escutavam e obedeciam, eu nunca desobedeci a minha mãe sempre escutava, minha mãe e o meu pai, hoje acabou. Antigamente não existia palavras que dizia português, não havia empréstimo, hoje não, misturou tudo as palavras. Hoje as crianças têm que escutar os pais, tem saber a cantar, a dançar, e depois tem que ensinar seus filhos, tem que ser assim.]

Minha avó me mostrou que as palavras antigamente eram palavras boas, não existiam o empréstimo do português. Hoje que acontece muito mistura entre o português e kaiowa. Antigamente muitos conseguiam se comunicar com os animais e os pássaros e hoje não, parece que ninguém mais consegue conversar com os animais e pássaros.

Para minha avó as crianças devem crescer ouvindo as rezas, os cantos dos ñanderu e ñandesy para aprender as belas palavras. Os cantos podem ser rezas, como o canto longo (**Mborahei** ou porahei) que o pesquisador Izaque João apresenta na sua dissertação. Mas também pode ser músicas para brincar, como no guachiré, uma brincadeira cantada e dançada. Abaixo transcrevo um dos cânticos que ela me ensinou para cantar onde estiver sozinha:

Any rejaheooo (não desanima)
Hei ndevy'y (está te falando)
Eheja tarojev'y (deixa eu voltar)
Nde yvoty'y.(com a flor)

Esse cântico é um verso que tem o significado no guarani. Através da música muitos se expressam. Eu tentei traduzir, mas não ficou claro. Em kaiowa se canta uma vez e já faz sentido e traduzindo em português o verso fica com outro sentido.

A palavra também tem importância hoje para fazer política indígena. Dialogando com meu pai que foi capitão ele fala da importância da palavra para resolver problemas que envolvem a comunidade. Hoje as lideranças indígenas precisam trabalhar em parceria com a prefeitura de Douradina e é necessário dominar também o idioma dos karaí. Hoje em dia muitas pessoas da comunidade precisam receber alguma ajuda financeira, muitos depende de auxílio do governo e as lideranças precisam contribuir com a resolução dessas dificuldades, muitas vezes negociando com os karaí. As lideranças precisam usar a palavra para resolver ou acalmar os conflitos entre os próprios familiares com seus terrenos. A aldeia ficou pequena para novas famílias, e quando mais famílias menos espaço e mais conflito. As lideranças precisam saber usar boas palavras para acalmar os conflitos.

Meu pai diz que muitos indígenas kaiowa são mais tímidos e quietos e isso pode ser um problema quando a pessoa precisa se comunicar com os não indígenas. Ele me chama muito atenção em ser uma pessoa em casa, e ser outra quando sair da sua aldeia. Fora da aldeia é preciso falar, se comunicar e dialogar mais, conhecer mais o *karaí reko* para saber se virar no meio deles quando for preciso. Mas como disse no capítulo dois, aprender o *karaí reko* não prejudica o nosso *teko reko*. Mas para isso a criança deve ser formada pela palavra kaiowa, que vai segurar e manter a pessoa em pé ao longo da vida, ajudando a pessoa a resistir mesmo nas situações mais difíceis. Deste modo, mesmo com as transformações na vida kaiowa, nossa língua permanece viva, ativa e resistente.

Considerações finais

O objetivo desta pesquisa foi conhecer e registrar sobre o uso e a importância da língua guarani para os Kaiowa na transmissão dos conhecimentos indígenas. Dentro dessa perspectiva procurei refletir sobre os motivos da entrada do português na vida kaiowa e os efeitos do bilinguismo na vida indígena e como isso afetou as relações sociais dentro da comunidade. Realizei minha pesquisa na Terra Indígena Panambi Lagoa Rica, onde vivo com minha família. Fiz a pesquisa com meus parentes, amigos, participando de atividades que fazem parte do meu cotidiano e observando como a escola afeta o processo de transmissão de conhecimentos nos dias de hoje. Para realizar a observação durante a pesquisa selecionei dois ambientes diferentes, a escola e a casa. Eles foram escolhidos por serem locais que proporcionam experiências diferentes no processo de transmissão de conhecimentos e o fato de ser professora na escola da comunidade favoreceu a observação dentro dela.

Durante minha pesquisa quis compreender mais sobre a importância do idioma guarani para a formação da pessoa kaiowa, para a transmissão dos conhecimentos necessários para formar uma pessoa adulta. Com as mudanças nas comunidades kaiowa desde a criação das reservas muita coisa está diferente, mas na pesquisa observei que a língua materna continua viva e ativa, é transmitida para as crianças desde o nascimento e protege a pessoa frente à chegada do karai reko.

Hoje os jovens são bilíngues, mas isso não é um problema para nós, pelo contrário. O português nos auxilia em um monte de situações que vivemos nas relações com o mundo dos brancos. Para a maior parte dos Guarani, aprender o português é aprender uma língua a mais e poder, quando preciso, fazer a mediação com o mundo dos karai. Durante a pandemia foi muito importante o domínio do português por parte dos professores e agentes indígenas precisaram fazer a mediação entre os conhecimentos tradicionais e da ciência ocidental para explicar a importância dos cuidados e depois da vacina. Por conta da corona vírus todo esse sistema de conhecimento da medicina ocidental ficou importante na aldeia, então os guarani precisam encontrar palavras e ideias equivalentes para falar do assunto. Nós indígenas podemos arrumar palavras em guarani para traduzir vírus e outras coisa que estão associadas a pandemia, mas muitas vezes aquele ponto de vista não existe porque a doença é entendida diferente, ela é um afastamento da palavra/alma do corpo e só o ñanderu ou ñandesy podem curar.

No capítulo dois falei da escola porque boa parte do tempo das crianças e jovens se passa na escola. A escola hoje faz parte dos processos de educação e significa mudanças nos modos de transmitir conhecimentos. A escola é responsável pelo ensino do português e com ele traz muitos conhecimentos vindos do mundo dos karai. Mas isso não significa que estamos deixando a nossa língua, ou os nossos costumes. Tentei mostrar como os indígenas têm procurado usar a escola e o português em benefício de suas comunidades. Também procurei mostrar como trabalhamos os conhecimentos indígenas dentro da escola, fazemos isso por meio de projetos culturais desenvolvidos com o apoio de toda comunidade e que são importantes para a valorização dos saberes tradicionais.

Se na escola as crianças estão aprendendo um determinado sistema de conhecimento na casa vão aprendendo outras coisas e as crianças e jovens acabam fazendo a mediação entre o português e o kaiowá. Geralmente, quanto mais idade tiver uma pessoa menos ela domina o português. Tem exceções, pessoas mais velhas que são fluentes em português, mas a maioria das pessoas mais velhas entende pouca coisa da língua dos karai. Os mais jovens que frequentam a escola acabam se tornando mediadores entre as duas línguas e muito jovens se tornam responsáveis em acompanhar os mais velhos em situações que eles precisam ir para a cidade. Por isso também que os mais velhos, apesar de ver os perigos da escola aproximar os jovens do mundo dos karai, também entendem que a escola é necessária. Meus avós me incentivaram muito nos estudos, entendendo que a escola passou a ter maior importância diante o contexto atual. E por causa disso que estou aqui, defendendo minha dissertação e espero que possa contribuir para conhecermos mais sobre a educação indígena.

Referências Bibliográficas

- BENITES, Eliel. 2014. Oguata pyahu (uma nova caminhada) no processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena da reserva indígena Te'yikue. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco.
- BENITES, Tônico. 2009. A escola na ótica dos Ava Kaiowá: Impactos e interpretações indígenas. Dissertação apresentada ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BITTENCOURT, Raquel Pereira. 2008. A BUSCA DO PARAÍSO MITOLÓGICO PELA CULTURA INDÍGENA GUARANI E AFRO-AMERICANA. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação* ISSN 1981 - 9943 Blumenau, v. 2, n. 1, p. 59 - 68, jan./abr.
- BRAND, Antônio. 1997. O impacto da perda da terra obre a tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da palavra. Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da PUC/RS.
- CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. 2013. Colonialismo, território e territorialidade: a luta pela terra dos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul. 2013. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciência e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis.
- CARIAGA, Diógenes. As transformações no modo de ser criança entre os Kaiowá em Te'yikue (1950-2010). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados, MS.
- CHAMORRO, Graciela. 2008. Terra Madura. Yvy Araguayje: Fundamento da palavra guarani. Editora UFGD, MS.
- CRESPE, Aline. 2015. Mobilidade e temporalidade Kaiowá: do tekoha à reserva, do tekoharã ao tekoha. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, UFGD, Dourados, MS.
- COHN, Clarice. 2002. A criança, o aprendizado e a socialização na antropologia. In: Crianças Indígena. Ensaios antropológicos. Organizadoras: SILVA, Aracy Lopes;
- COHN, Clarice. A cultura nas escolas indígenas. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. CESARINO, Pedro de Niemeyer. Políticas Culturais e povos indígenas. Editora UNESP. 2014.
- NUNES, Angela; MACEDO, Ana Vera L.S..FAPESP, Global Editora, MARI, SP.

JOÃO, Izaque. 2011. Jakaira Reko Nheypyrũ Marangatu Mborahéi: origem e fundamentos do canto ritual Jerosy Puku entre os Kaiowá de Panambi, Panambizinho e Sucuri y, Mato Grosso do Sul. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados, MS.

LEVI-STRAUSS, Claude. 2014. Tristes trópicos. Companhia das Letras, SP.

MACIEL, Nely Aparecida. 2012. História da comunidade kaiowá da Aldeia Panambizinho (1920-2005). Editora UFGD, MS.

MELIA, Bartolomeu. 1995. Bilinguismo e Escrita. Conferência proferida no 10 COLE.

ORTIZ, Ebifânia. CRUZ, Hildyanne Teixeira Costa. CRESPE, Aline Castilho. 2019. Da escola indígena para universidade: expectativas e experiências de acadêmicos guarani e kaiowá na Universidade Federal da Grande Dourados, no Mato Grosso do Sul, Brasil. ANAIS. XIII Reunião de Antropologia do Mercosul - Antropologias do Sul, 2019, Porto Alegre. RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PEREIRA, Levi M. 2004. Imagens Kaiowá do sistema social e seu entorno. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo.

PEREIRA, Levi Marques. 2014. A atuação do órgão indigenista oficial brasileiro e a produção do cenário multiétnico da Reserva Indígena de Dourados. ANAIS. 38º Encontro Anual da Anpocs, 2014, Caxambu, MG.

PEREIRA, Levi Marques. 2016. Os Kaiowá em Mato Grosso do Sul, Módulos organizacionais e humanização do espaço habitado. Dourados/MS: Ed. UFGD.

ROSSATO, Veronice Lovato. 2002. Os resultados da escolarização entre os Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul: Será o 'letrão' ainda um dos nossos?. Dissertação de Mestrado em Educação. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco.

SCHADEN, Egon. 1974. Aspectos fundamentais da cultura Guaraní. EDUPS: Editora da Universidade de São Paulo, SP.

SHADEN, Egon. Educação Indígena. 1976. Problemas brasileiros: Revista Mensal de Cultura. Ano XIV – numero 152, abril.

SCHALLENBERGER, Erneldo; SANTOS, Jovane Gonçalves. 2028. Doença e cura na etnomedicina Guarani Nhandeva: o médico e o xamã. Cadernos do CEOM. Saúde e Meio Ambiente – v. 31, n. 48 (Jun/2018)

SILVESTRE, Célia Maria Forte. 2011. Entretempos: Experiência de Vida entre os Kaiowá e Guarani a partir de seus Jovens. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da UNESP, Araraquara, SP.

VALIENTE, Celuniel Aquino. 2019. Modos de produção de coletivos kaiowá na situação atual da reserva de Amambai, MS. Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Antropologia, da Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Antropologia, na área de concentração em Antropologia Sociocultural.

VIETTA, Katya. 2007. Histórias sobre terras e xamãs Kaiowá: territorialidade e organização social na perspectiva dos Kaiowá de Panambizinho (Dourados, MS) após 170 anos de exploração e povoamento não indígena da faixa de fronteira entre o Brasil e o Paraguai. Tese de doutorado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, USP, SP.

SILVA, Joana A. Fernades.1982. Os kaiowa e a ideologia dos projetos econômicos. Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de ciências sociais e de instituto de filosofia e ciências humana da Universidade Estadual de campinas, Campinas 1982.